

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO

JULIETA WIDMAN

**A “hipótese da retradução” pelas modalidades de tradução,
nas traduções para a língua inglesa de “*A Paixão Segundo
G.H.*”**

São Paulo

2016

**A “hipótese da retradução” pelas modalidades de
tradução, nas traduções para língua inglesa de “*A
Paixão Segundo G.H.*”**

Julieta Widman

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana
Zavaglia

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO
TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR
QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU
ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA,
DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data
____/____/____

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo

JULIETA WIDMAN

A “hipótese da retradução” pelas modalidades de tradução, nas traduções para língua inglesa de “*A Paixão Segundo G.H.*”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus queridos Azzo, Mauro, Sérgio,
Graziella, Susana, Chris, Fábio, Gustavo,
Clara e Rebecca, que me apoiam e
inspiram, com muito carinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Francis H. Aubert, que conheci em 2013. Esse encontro, embora curto, permeia, desde então, o meu percurso, estando presente em minhas lembranças, através de cada gesto, cada palavra, no brilho dos olhos ao comunicar seu entusiasmo por tudo que o rodeia: música, teatro, Noruega, Brasil, tradução, palavra, vida.

Agradeço ao meu marido e companheiro, Azzo, que, com paciência e dedicação incondicionais, me ajudou a manter o foco e me incentivou durante todo o Mestrado;

À Profa. Dra. Adriana Zavaglia, com muito respeito e admiração, pela perseverança, pelos ensinamentos e por me orientar, examinando o avesso da minha costura, caminhando ao meu lado nesta jornada.

Ao Prof. Dr. John Milton que acreditou em mim e me deu força desde o início, pela amizade e pelo apoio prestado em todas as ocasiões em que precisei.

À Profa. Dra. Lenita Esteves, pelas valiosas contribuições, no Exame de Qualificação;

Ao Prof. Dr. João Azenha, prelúdio deste mestrado através da Tradutologia e, também pela atenção e simpatia;

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do curso de mestrado;

ao Centro de Estatística Aplicada – CEA – USP e em particular à Marília Vieira Padula, pela relevante contribuição na análise estatística do projeto;

Às amigas, Fúlvia Leirner, Tatiana Wernikoff, Marina Raele, Renata Cazarini de Freitas, Zsuzanna Spiry, Gisele Wolkoff, Telma Franco, Karina Gusen, Alesssandra Otero, Raquel Camargo e Ana Carla Rocha, que tiveram a disposição de me escutar, ler e comentar, durante os quase três anos de elaboração deste trabalho.

Por fim, mas não por menos, agradeço aos meus filhos Graziella e Sérgio por estarem sempre prontos a ajudar-me com a tecnologia da informática.

“Gracias a la vida, que me ha dado tanto.”

Dá-me a tua mão:

*Vou agora te contar como entrei
no inexpressivo que sempre foi a
minha busca cega e secreta. [...]
Entre duas notas de música existe
uma nota, entre dois fatos existe
um fato, entre dois grãos de areia
por mais juntos que estejam existe
um intervalo de espaço.*

(Clarice Lispector)

RESUMO

WIDMAN, Julieta. A “hipótese da retradução” pelas modalidades de tradução, nas traduções para língua inglesa de *A Paixão Segundo G.H.* Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O principal objetivo deste trabalho é verificar quantitativamente a chamada “hipótese da retradução” de Berman (1990), através do Método das Modalidades de Tradução (MMT), elaborado por Aubert (1958, 1977, 1998), derivado do modelo pedagógico de procedimentos técnicos da tradução de Vinay e Darbelnet (1958), num estudo de caso de duas traduções para a língua inglesa do livro *A Paixão Segundo G. H.*, escrito por Clarice Lispector em 1964. A tradução foi feita em 1988 por Ronald W. de Sousa e a retradução em 2012 por Idra Novey. A fundamentação teórica discorre sobre os conceitos de “domesticação” e “estrangeirização”, segundo Venuti, e sobre o percurso da retradução, desde 1990 até nossos dias. A seguir, é apresentada Clarice Lispector, a mulher e a escritora, bem como as duas traduções de *A Paixão Segundo G.H.* e seus autores. O *corpus* foi escolhido por tratar-se de uma obra literária brasileira, modernista, traduzida e retraduzida nos Estados Unidos, país de língua hegemônica, com uma forte tendência ao monolinguismo e onde apenas 0,7% das publicações são traduções literárias, sendo o número de retraduições ainda menor. Os resultados da aplicação do MMT confirmaram a hipótese de Berman para o *corpus* analisado, em uma amostra sistemática de 542 palavras: a quantidade de palavras “domesticantes” encontrada na tradução foi significativamente maior do que na retradução.

Palavras chave: Estudos da Tradução; Retradução; Modalidades de Tradução; Clarice Lispector; domesticação/estrangeirização.

ABSTRACT

WIDMAN, Julieta **The “retranslation hypothesis” verified by modalities of translation, in two English translations of *The Passion According to G.H.*** Dissertation for Master’s Degree (Translation Studies) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This dissertation aims to verify quantitatively Berman’s “hypothesis of retranslation by describing and applying Aubert’s (1958, 1977, 1989) Method of Modalities of Translation (MMT), derived from Vinay and Darbelnet’s pedagogical model of technical procedures of translation (1958), in a case study of two English translations of *The Passion According to G.H.*, by Clarice Lispector. The original was written in 1964, the first translation was written in 1988, by Ronald de Sousa and the retranslation in 2012, by Idra Novey. The theoretical framework presents Venuti’s concepts of “domestication” and “foreignization” and the path of retranslation, from 1990 to present day. In the material is presented Clarice Lispector, the woman and the writer, as well as the two translations and its authors. The *corpus* was chosen because it is of a Brazilian literary work translated and retranslated in the United States, an hegemonic Country with a strong tendency to monolingualism and where only 0.7% of the published books are translations and the number of retranslations is still smaller. The results of the MMT are in line with Berman’s Retranslation Hypothesis in a sample of 542 words: The amount of “domesticating” words found in the translation was statistically higher than in the retranslation.

Keywords: Translation Studies; Retranslation; Modalities of Translation; Clarice Lispector; Domestication/Foreignization

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

página

Figura 1 – Mapa Estudos da Tradução, Holmes (Toury)	15
Figura 2 – Gradação das Modalidades de Tradução	28
Figura 3 – Gráfico com as FR das classificações nas duas traduções.....	81
Figura 4 – Gráficos com as FR segundo cada modalidade, parágrafo e versão (fonte: CEA)	83
Figura 5 – Gráfico com a proporção de palavras classificadas como “domesticante” em cada parágrafo (fonte: CEA).....	84
Quadro 1 – Classificação usada no MMT	27
Quadro 2 - Algumas diferenças I	49
Quadro 3 – O artigo antes de “o Deus”.....	68
Quadro 4 – Algumas diferenças II	70
Quadro 5 – Exemplos da comparação intuitiva	74
Tabela 1 - Exemplo de tabela para classificação segundo o MMT.....	72
Tabela 2 – Fragmento da Classificação final segundo o MMT	79
Tabela 3 - Resultados (FA e FR) da Amostra Sistemática.....	80
Tabela 4 – Classificação final segundo o MMT.....	95
Tabela 5 – Resultados (FA e FR) da Amostra Sistemática.....	104
Tabela 6 – Proporção de Domesticção e Literalidade na T e RT	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APSGH	<i>A Paixão Segundo G.H.</i>
CEA	Centro de Estatística Aplicada USP
CL	Clarice Lispector
FA	Frequências Absolutas
FR	Frequências Relativas
HR	Hipótese da retradução
IN	Idra Novey
MMT	Método das Modalidades de Tradução
NT	Nota do Tradutor
RS	Ronald W. de Sousa
RT	Retradução
T	Tradução
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	12
UM LUGAR NO MAPA	14
LÍNGUA → A LÍNGUA B	16
DE SCHLEIERMACHER A BERMAN	18
POR QUE APSGH?	21
DIVIDIR PARA MULTIPLICAR	22
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
1.1 DO “GRAU ZERO” À “ADAPTAÇÃO”	23
1.2 HISTÓRICO E DESCRIÇÃO DO MMT	25
1.3 DA FLUÊNCIA À RESISTÊNCIA: “ABAIXO O IMPERIALISMO AMERICANO!”	28
1.4 O PRINCÍPIO DO PRAZER	34
1.5 A “HIPÓTESE DA RETRADUÇÃO”	35
1.6 <i>ADVOCATUS DIABOLI</i>	41
2 A TRADUÇÃO E A RETRADUÇÃO DE APSGH: A NOSSA VOZ	45
2.1 PREPARANDO O TERRENO	45
2.2 LENDO O AUTOR OU O TRADUTOR	46
2.3 TODO O RIGOR E NENHUM RESPEITO	48
2.4 CLARICE, A MULHER	51
2.5 CLARICE, A ARTE	55
2.6 A PAIXÃO	56
2.7 CLARICE TRADUZIDA: CIXOUS E MOSER	58
2.8 REALIDADE DELICADA E DIFÍCIL	61
2.8.1 PRIMEIRA TRAIÇÃO	64
2.8.2 SEGUNDA TRAIÇÃO	67
2.9 PRIMEIRAS COMPARAÇÕES	69

3 VERIFICAÇÃO QUANTITATIVA DA “HIPÓTESE DA RETRADUÇÃO”	72
3.1 ILUSTRAÇÃO DO MÉTODO.....	72
3.2 COMPARAÇÃO INTUITIVA	74
3.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS E PROCESSO DE AMOSTRAGEM	75
3.3.1 COLETA DE DADOS EM PARÁGRAFOS	75
3.4 CENTRO DE ESTATÍSTICA APLICADA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	76
3.4.1 HIPÓTESES ESTATÍSTICAS	77
3.4.2 DIMENSIONAMENTO DA AMOSTRA.....	78
3.5 PROCEDIMENTO FINAL.....	79
3.4 RESULTADOS.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A – Amostra Sistemática –MMT	94
ANEXO A – Relatório I do Centro de Estatística Aplicada CEA	105
ADENDO AO ANEXO A –Hipótese estatísticas.....	113
ANEXO B – Relatório II do Centro de Estatística Aplicada CEA..	114

INTRODUÇÃO

Em 2012, com a intenção de experimentar o programa de linguística de *corpus* AntConc, para comparar textos, procurei por livros de literatura brasileira traduzida para o inglês na *amazon.com* e encontrei duas traduções de *A Paixão Segundo G.H.* (doravante APSGH), de Clarice Lispector, uma de 1988 e outra recém-publicada na época.

Não tendo familiaridade com o AntConc, comecei uma comparação manual. O original e as duas traduções de APSGH foram digitados em colunas, lado a lado, e divididos em fragmentos numerados. Era lúdico: ora escrevia primeiro um fragmento do original e depois procurava como foi traduzido por cada tradutor, ora escrevia primeiro as traduções e depois verificava como estava no original. Assim, copiei os três livros, na íntegra, anotando as diferenças. Apaixonei-me pela tarefa. Clarice Lispector (doravante CL) surgiu para mim de um modo semelhante ao descrito por Hélène Cixous (1979):

Uma voz de mulher me chegou de muito longe, como uma voz da cidade natal, trouxe saberes que já tive outrora, saberes íntimos, ingênuos e sábios, velhos e frescos como a cor amarela e violeta das frésias reencontradas, essa voz que eu não conhecia.¹ (CIXOUS, 1979, p. 10,²).

No semestre seguinte, em 2013, matriculei-me como Aluna Especial na disciplina *Refrações Linguísticas e Discursivas na Literatura Brasileira Traduzida*, ministrada pelo Prof. Dr. Francis H. Aubert e pela Profa. Dra. Adriana Zavaglia. Para a monografia, apliquei as Modalidades de Tradução (Aubert, 1984, 1998, 2006), que chamei de Método das Modalidades de Tradução (doravante MMT), tentando verificar se a primeira tradução de APSGH seria mais domesticante, de acordo com a hipótese de Berman (1990), e fiz um plano piloto com uma amostra de 83 palavras³, utilizando a nota/advertência de Clarice “aos possíveis leitores”: o que começou como uma monografia transformou-se num projeto de mestrado.

Este trabalho tem como objetivo primário verificar a “hipótese da retradução” de Berman (1990) nas duas traduções de APSGH para o inglês, aplicando as Modalidades de

¹ *Une voix de femme est venue à moi de très loin, comme une voix de ville natale, elle m'a apporté des savoirs que j'avais autrefois, des savoirs intimes, naïfs et savants, anciens et frais comme la couleur jaune et violette des frésias retrouvés, cette voix m'était inconnue.*

² Todas as citações deste trabalho, cujos originais encontram-se em nota, foram por nós traduzidos.

³ Amostra com 83 palavras porque o prefácio/advertência tem 83 palavras.

Tradução de Aubert (1984, 1998, 2006), desenvolvidas a partir dos procedimentos técnicos de Vinay e Darbelnet ([1958] 1995).

A questão da retradução foi proposta por Berman, em 1990, no artigo *La retraduction comme espace de la traduction*, no quarto número da revista *Palimpsestes*. Por *espace*, ele queria que se ouvisse “espaço de realização”: “Nesse espaço de realização essencialmente impossível que caracteriza a tradução, somente as retraduições conseguem atingir – de tempos em tempos – a realização” (1990, p. 1)⁴. Berman não explicita um enunciado para a sua hipótese, nem denomina suas afirmações de “hipótese da retradução”. Na apresentação desse volume da revista, Bensimon (1990, p. ix) sumariza as idéias de Berman e, posteriormente, Gambier (1994, p. 414) as formula como “uma primeira tradução tende sempre a ser mais assimilativa do que as retraduições”, no que ficou conhecido como a hipótese de Berman.

Desde a publicação desse número da revista *Palimpsestes*, o tema da retradução tem sido pesquisado, discutido, refutado e desenvolvido. Nossa pesquisa procura, aplicando o MMT, obter uma *quantificação*, em termos de porcentagens, da domesticação na primeira tradução de uma obra, e compará-la com a retradução, verificando, assim, se podemos comprovar estatisticamente a chamada “hipótese de Berman”. Paloposki e Koskinen (2004), consideram que há poucos estudos comprovando essa hipótese:

A hipótese da retradução – alegação de que as primeiras traduções são mais domesticantes do que as retraduições – é frequentemente citada nos Estudos da Tradução, mas apenas de passagem, sem olhar mais profundamente a questão. Por outro lado, muitos estudos que lidam explicitamente com traduções e retraduições e, portanto, seriam ideais para testar a hipótese, não a mencionam. Assim, parece não haver um conjunto substancial de provas, seja em favor, seja contra a hipótese da retradução.⁵ (PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004, p. 27)

Em relação à pouca verificação experimental e quantitativa relatada no trabalho das autoras finlandesas, concluímos que nossa pesquisa é relevante para os Estudos da Tradução por analisar e testar a hipótese da retradução, fornecendo provas quantitativas, através do MMT, em um estudo de caso utilizando como *corpus* APSGH, obra literária brasileira, traduzida para língua inglesa.

Além disso, nosso trabalho procura mostrar como, através de algumas influências culturais (ideológicas), históricas (temporalidade e política), psicológicas (diferenças de

⁴ *Dans ce domaine d'essentiel inaccomplissement qui caractérise la traduction, c'est seulement aux retraductions qu'il incombe d'atteindre – de temps en temps – l'accompli.*

⁵ *The Retranslation hypothesis - the claim that first translations are more domesticating than retranslations - is often referred to in Translation Studies literature but only in passing, without looking at the issue in great detail. On the other hand, many of the studies that explicitly deal with first translations and retranslations and would thus be ideal for testing the hypothesis do not mention it. Thus, there seems to be no substantial body of evidence either in support of or against the retranslation hypothesis.*

gênero) e tecnológicas (métodos de avaliação, linguística de *corpus*), a comparação de traduções pode ser uma ferramenta de pesquisa interdisciplinar.

Analisando as duas traduções, uma feita em 1988, por um tradutor, publicada por editora universitária e a outra, em 2012, por uma tradutora, publicada por editora comercial, na relação entre um original e sua tradução, percebemos que, além da análise quantitativa, poderíamos pensar em questões que abordam os tradutores e o espaço da retradução.

A retradução poderia também ser discutida como “retro-tradução”, “tradução *relais* ou intermediária”, “tradução indireta”, “revisão”, “plágio” ou “adaptações”, mas essas colocações não estão diretamente relacionadas com a “hipótese da tradução” que queremos verificar, portanto vamos defini-la, aqui, como: tradução de uma obra já traduzida, anteriormente.

UM LUGAR NO MAPA

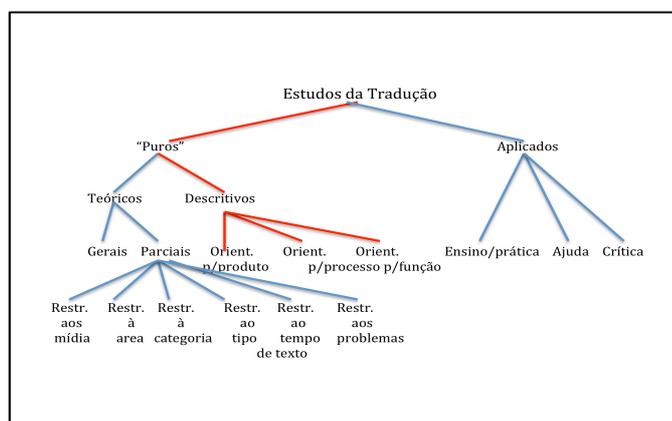
No mapa dos Estudos da Tradução de Holmes (1988), nosso trabalho se localiza na categoria dos estudos chamados “*puros*”, considerados sem aplicação prática e “*descritivos*”, pois descrevemos a comparação de duas traduções de uma obra literária existente. Ainda dentro dessa categoria, é um estudo “descritivo orientado para o *produto*”, pois, na análise comparativa das duas traduções e na aplicação do MMT, analisamos os aspectos linguísticos.

Entretanto, à medida que partes do trabalho foram apresentadas e discutidas em congressos, jornadas, reuniões e principalmente no exame de Qualificação, compreendi que deveria ampliar o âmbito da pesquisa no contexto atual dos Estudos da Tradução e incluir a situação sociocultural do receptor, a influência da obra de Hélène Cixous (1979/1989), que divulgou Clarice Lispector fora do Brasil, e do feminismo, que a adotou como ícone. Além disso, incluir os fatores eticopolíticos da estrangeirização, principalmente em relação aos trabalhos desenvolvidos por Venuti (1992, 1995), que propõe uma postura ideológica e emprega o termo imperialismo ao reconhecer que a tradução impõe uma imensa força na construção de identidades nacionais e, nesse sentido, pode ter um papel geopolítico importante. Consequentemente, cogitamos sobre o fator “poder” na motivação da tradução e da retradução dos livros de Clarice Lispector nos Estados Unidos. Assim sendo, nosso trabalho se tornou também “descritivo orientado para a *função*”.

Por outro lado, nosso trabalho é “descritivo orientado para o *processo*”, porque, ao comparar as duas traduções, não podemos deixar de nos interessar pelo ato de traduzir, pela “voz” do tradutor – o que ocorre na “pequena caixa preta” da sua mente (Holmes, 1972/1988, p. 177). Esse assunto está relacionado com a psicologia por incluir comentários sobre tradução masculina/feminina – lembrando que o primeiro tradutor é homem e a retradutora é mulher – e sobre a subjetividade dos tradutores.

No Mapa dos Estudos da Tradução de Holmes (1988 *apud* Toury, 1991, p. 181), nosso trabalho está assinalado em vermelho:

Figura 1 - Mapa dos Estudos da Tradução, Holmes (1972/1988), *in* Toury (1991, p. 181) mostrando a localização deste trabalho.



Desse modo, nosso trabalho insere-se na categoria “Estudos da Tradução puros, descritivos, orientados para o produto, o processo e a função”, em conformidade com o teor multifacetado das pesquisas atuais realizadas no domínio, como atesta a convocação, em fevereiro de 2015, da *Revista Mutatis Mutandis*, para artigos que tratassem “da relação entre ideologia, língua e tradução, do ponto de vista do gênero; relações de poder inscritas em tradições europeias, americana e não ocidentais; tradução, literatura e gênero”:

A tradutologia, influenciada por outras disciplinas como os estudos de gênero, a antropologia, a linguística, os estudos culturais, a psicologia, a literatura comparada, entre outras, não questiona somente sobre o papel da tradução tanto como prática linguístico-textual, e também como paradigma transcultural que reflete a luta das identidades para se transformar e conseguir reconhecimento político, social e cultural. São bem-vindos artigos que tratem da relação entre ideologia, língua e tradução, do ponto de vista de gênero; relações de poder inscritas em tradições europeias, americanas e não ocidentais; tradução e identidades locais vs. globais; tradução, literatura e gênero.⁶ (REVISTA MUTATIS MUTANDIS, V. 8, N^o 2, 2015).

⁶ *La traductología influenciada por otras disciplinas como los estudios de género, la antropología, la lingüística, los estudios culturales, la psicología, la literatura comparada, entre otras, indaga no solo sobre el papel de la*

Desde a nossa comparação intuitiva, enquanto digitava em colunas, observava diferenças que talvez possam ser atribuídas ao fato do tradutor ser homem e a tradutora, mulher. Outro fator que pode ser analisado é o intervalo de vinte e quatro anos que separa essas traduções e a possível intertextualidade, pelo fato de a retradutora ter confessado que leu inúmeras vezes a primeira tradução. Nesse intervalo foram publicados os livros de H el ene Cixous (1989) e de Benjamin Moser (2009).

L INGUA A → L INGUA B

Para aplicar o MMT, classificando cada palavra traduzida, como veremos adiante, é preciso ter em conta que a transposição de um texto de uma língua A, de partida, para uma língua B, de chegada, não é simples, pois cada língua articula-se e organiza-se diferentemente, em constante evolução e, como disse Culler (1976, p. 22 *apud* Baker, 1991, p. 10), “cada língua articula ou organiza o mundo de modo diferente”, ou seja, dizer em outras palavras é traduzir.

Mona Baker, em seu livro *In other words* (1991), considera que nem sempre existe uma palavra na língua de chegada que expresse um significado similar ao da língua de partida, comentando a combinação de palavras, expressões fixas, provérbios e idioletos. Além disso, a autora aborda as questões das exigências gramaticais e l xicas de duas línguas, bem como problemas que envolvem a equivalência textual. Tais considera es nos foram válidas como ferramenta auxiliar para a classificação das modalidades de tradução do MMT, como se ver  posteriormente.

Ocorre que o MMT propõe como unidade de classificação a palavra, definida como sequência de letras separadas por espaços em branco. Essa unidade assim definida   simples, porém, é complexa, uma vez que se relaciona, em contexto, com outras unidades. Desse modo, embora seja a palavra a unidade de classificação do MMT, o processo classificatório demanda a sua contextualização, tanto no original quanto na tradução. Esta, por sua vez, não é somente um processo de substituição de um texto, em uma língua, por um texto equivalente em outra

traducción en tanto que práctica lingüístico-textual, sino también en tanto que paradigma transcultural que refleja la lucha de las identidades por (trans)formarse y lograr reconocimiento político, social y cultural. Son bienvenidos artículos que traten la relación entre ideología, lengua y traducción, desde el punto de vista de g nero; relaciones de poder inscritas en tradiciones europeas, americanas y no occidentales; traducción e identidades locales vs. globales; traducción, literatura y g nero.

língua, mas também um fenômeno social/cultural, uma vez que, segundo Cunnison (1965) a língua é um tipo de comportamento humano padronizado, pelo qual as pessoas interagem em situações sociais. Esta interação social, o contato com o outro, se dá principalmente através da comunicação e Chesterman (1997), via o encontro de quaisquer indivíduos, pensamentos, corpos, emoções ou ações como gatilho de mudanças.

Na tradução, não poderia ser diferente, já que, como a linguagem, possui também uma dimensão social, estando sempre em mutação, evoluindo com as sociedades⁷. Assim, pelas traduções, as ideias se espalham, se propagam e se desenvolvem (como os *memes*⁸ da sociobiologia) pelas mãos dos tradutores, que são agentes de mudança.

Sob influência das ideias pós-modernas, houve uma mudança nos Estudos da Tradução, a “Virada Cultural”, como a denominou Snell-Hornby [1984] (2006), pela qual se deu maior importância ao subjetivismo, à influência cultural e política, ao gênero e à sexualidade. Também nos anos 1990, houve, segundo Godard (2001) uma “Virada Ética”, principalmente pelo reconhecimento da alteridade nos escritos de Berman, a qual preconizava que a tradução é “o modelo de todo processo interlinguístico, intercultural, interliterário e interdisciplinar” (GODARD, 2001, p. 4). A tradução é, portanto, alteridade e, como alteridade, é em si e fora de si mudança, mudança cultural e mudança ética, uma vez que, por existir, como afirma Bauman (1993, p. 4-5 *apud* KOSKINEN, 2000, p. 14), mais de uma opção no processo de traduzir, o julgamento torna-se parte indispensável da escolha, implicando, portanto, em considerações morais. Escolher é ter a possibilidade de selecionar uma coisa entre duas ou mais: é uma opção.

“A moralidade do tradutor está ligada a aspectos profissionais e individuais e, num dado tempo e lugar, provavelmente, coexistem regras que competem, algumas delas em declínio, outras dominantes, algumas apenas emergindo ou marginais (TOURY, 1995, p. 62 *apud* KOSKINEN, 2000, p. 16). Na comparação das duas traduções de APSGH, percebemos, continuamente, as opções de cada tradutor e suas escolhas que, de um modo ou de outro, não têm como escapar também da sua subjetividade.

Arrojo (1993, p. 71) cita Simon (*apud* KOSKINEN, 2000, p.19) que considera que “é a diferença que nos interessa, atualmente [e que] as diferenças provocadas pela tradução não

⁷ Para mais detalhes sobre a dimensão social da linguagem, ver Bakhtin, 1929.

⁸ O conceito de “meme” teria sido criado pelo zoólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu no livro “*The Selfish Gene*” (O Gene Egoísta) (1976) que, tal como o gene, o meme é uma unidade de informação com capacidade de se multiplicar, através das ideias e informações que se propagam de indivíduo para indivíduo.

são apenas toleradas, são mesmo comemoradas.”⁹ Na nossa comparação manual das duas traduções de APSGH para o inglês, comemoramos várias diferenças. Foram encontradas diferenças relacionadas às estratégias de tradução utilizadas e à interferência dos editores e outras relacionadas à subjetividade ou ao gênero dos tradutores, ou seja, mudanças culturais e éticas, como veremos adiante.

DE SCHLEIERMACHER A BERMAN

A história da tradução ou historiografia é um conjunto de discussões sobre as mudanças que ocorreram, ou que foram evitadas, no campo da tradução. Inclui ações e agentes, efeitos, teorias e muitos outros fenômenos relacionados à tradução. Também, segundo Pym (1998), ela se preocupa em responder, no todo ou em parte, à complexa pergunta: quem traduziu o que, como, onde, quando, para quem, com que efeito? Portanto, a tradução também é histórica. Como diz Bensimon (1990):

Toda tradução é histórica, assim com toda retradução também o é. Nem uma nem a outra podem ser separadas da cultura, da ideologia, da literatura dentro de uma dada sociedade, de um dado momento da história. Assim como o traduzir, o retraduzir é, ao mesmo tempo um ato individual e uma prática cultural. Do mesmo modo que a do tradutor, a escrita do retradutor é permeada pela língua de seu tempo.¹⁰ (BENSIMON, 1990, P. ix).

Segundo Pym, se considerarmos os tradutores como seres humanos e se eles puderem ser vistos como membros de grupos interculturais, o estudo das culturas poderia ser uma extensão da história da tradução. Assim, “os estudos da tradução se tornariam estudos interculturais e o mundo poderia, como resultado disso, ser um pouco melhor. (PYM, 1998, p. xi).

Porém, na História, vários mitos, lendas e religiões descrevem a possível existência de uma única língua que, posteriormente, se diferenciou, como no relato bíblico da Torre de Babel e, por causa disso, a tradução é um mal, tão necessário quanto impossível. (DERRIDA, 1985, p. 183).

⁹ *We realize that it is difference which interests us today [...] Differences caused by translation are not only tolerated but often even celebrated.*

¹⁰ *Toute traduction est historique, toute retraduction l'est aussi. Ni l'une ni l'autre ne sont séparables de la culture, de l'idéologie, de la littérature, dans une société donnée, à un moment de l'histoire donné. Comme traduire, retraduire est à la fois un acte individuel et une pratique culturelle. Comme celle du traducteur, l'écriture du retraducteur est traversée par la langue de son époque.*

A tradução, no entanto, permitia a diferentes grupos, que falavam línguas diferentes, a comunicação, principalmente nas invasões e no comércio. A princípio, essa comunicação se fazia oralmente, na forma do que chamamos, hoje, de interpretação. Conjetura-se que os primeiros intérpretes teriam sido indivíduos nômades que tinham contato com as duas línguas, ou escravos, que vinham de outras terras. A tradução em outras modalidades somente foi possível após o aparecimento da escrita, cujas mais antigas evidências, provavelmente datadas de 3.000 anos a.C., foram encontradas na Ásia, em forma de listas de palavras com seus significados correspondentes, em tijolos de argila. (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 19).

Esse contato entre línguas era profícuo, permitindo um enriquecimento, principalmente da língua de chegada, através de decalques e empréstimos, em que palavras estrangeiras iam sendo apropriadas pelos povos. Assim, com a escrita, a tradução, a história da tradução e o olhar crítico sobre a tradução tomam força. Esse olhar crítico, no entanto, não aponta somente para o passado, uma vez que seu objeto de interesse, a própria tradução, é, como o deus romano Janus, um momento de duas faces: uma voltada para o passado e outra voltada para o futuro. A tradução lê e escreve, assim como sua história e sua crítica¹¹.

Desde a Antiguidade, as traduções têm sido alvo de interesse, reflexão e discussão, principalmente com os textos de Heródoto, Cícero e Horácio, embora o enfoque fosse a aplicação empírica, imediata. Desde então, se fazia uma distinção entre tradução literal e tradução do sentido, entre tradução voltada para a fonte ou para os leitores da língua de chegada. E, enquanto se faziam traduções, muito úteis na conquista de povos e na constituição de impérios, se escrevia a sua história e a sua crítica se construía aos poucos, pela qual conceitos como o de fidelidade e maneiras de traduzir tomavam corpo.¹²

Assim, ao longo da história, pensadores e estudiosos da tradução, desde os mais remotos períodos até os dias atuais, têm discutido as estratégias de tradução utilizadas pelos tradutores em sua prática. Nesse contexto, dois polos se delinearam: o das traduções que procuram manter o sentido, podendo resultar num texto que parece ter sido escrito por um nativo da língua do leitor da tradução, e o das que se voltam para a forma, num texto mais

¹¹ Informação verbal, no Curso de Pós-Graduação: “A Tradução: Métodos e Reflexões”, ministrado pelo Prof. Dr. Michel Riaudel (FFLCH, USP, 2015).

¹² Com Lutero (1483-1546), que traduziu e germanizou a Bíblia, a tradução teve um papel importante na criação de uma língua literária na Alemanha. Naquele tempo, era mais comum que a tradução buscasse ser fiel à palavra divina e muitos tradutores foram queimados como hereges (Delisle, J.; Woodsworth, J. 1998, p. 38).

estranho à língua desse leitor. Em outras palavras, as estratégias do tradutor, em cada tempo e lugar, ora direcionam-se ao leitor, ora ao autor.¹³

Na Alemanha, que particularmente nos interessa para o entendimento histórico da “hipótese da retradução” de Berman, o Romantismo surge num contexto de resistência relativista. Nessa perspectiva, diferente daquela do Iluminismo francês, ao buscar o enriquecimento da cultura e da língua, a maioria dos estudiosos e tradutores alemães priorizava traduções mais literais. Um deles, Schleiermacher (1813) preconizava que um texto traduzido não deveria perder a identidade de origem, considerando que esse tipo de tradução mais literal, embora “difícil”, enriqueceria o leitor e sua cultura. Para ele, se a tradução preservasse a linguagem do autor, seu leitor receberia e entenderia o texto do mesmo modo que o público original. Entretanto, a consequência dessa atitude podia resultar em traduções muito literais, sofisticadas, acessíveis apenas a uma minoria. Nessas reflexões, o autor propõe dois métodos relacionados ao ato de traduzir: “ou o tradutor deixa o escritor em paz e leva o leitor até ele, ou deixa o leitor em paz e leva o escritor até ele”, retomados posteriormente por outros autores, como Berman (1984) e Venuti (1992). O autor alemão também afirmou, segundo Milton (2010, p. 90), que “somente através da comparação de várias traduções, o leitor poderia distinguir, julgar, entre o que é bom e o que é ruim”, ressaltando a questão da importância das retraduições.

Não podemos deixar de mencionar, a contribuição de Goethe, seguindo os passos de Schleiermacher, ao relacionar a necessidade que se tem de realizar diferentes traduções de uma mesma obra com as retraduições. Azenha (2006, p. 54-57), em seu trabalho, *Goethe e a Tradução: A Construção da Identidade na Dinâmica da Diferença*, aponta que, nas *Notas ao Divã*, Goethe considera três níveis: (i) uma primeira aproximação introdutória em que o estrangeiro é traduzido à maneira do leitor da tradução, (ii) “uma transposição que se apropria do sentido desconhecido e o reconstitui com sentido próprio” e (iii) um nível “mais elevado”, em que a tradução é firmemente unida ao original. O terceiro nível “sofreria, inicialmente, maior resistência” pois, para Goethe, “o gosto da multidão ainda deve se formar”. Haveria, assim, um movimento progressivo de cada tradução em direção ao texto fonte: a primeira tradução seria uma introdução, como uma aclimatação da obra à língua e à cultura de chegada, enquanto que as retraduições gradualmente se aproximariam da estranheza do texto.

¹³ No fim do século XVII e no XVIII, por exemplo, as traduções “*Augustans*”, livres ou libertinas, como eram chamadas, e as “*belles infidèles*” francesas, com acréscimos, alterações e omissões (Milton, 2010, p. 79), eram voltadas principalmente ao leitor.

O tema da retradução recebeu mais atenção na segunda metade do século XX, principalmente a partir dos trabalhos de Berman. Segundo esse autor “retradução é toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra, sendo um fenômeno que ocorre, geralmente, depois de algum tempo, embora algumas sejam tão próximas que fica difícil dizer qual a primeira, qual a retradução”. (BERMAN, 1990, p. 1). Na ocasião, Berman elabora a sua hipótese sobre a retradução e considera ser a primeira tradução “mais cega e hesitante” e as retraduições, “mais perfeitas”. (BERMAN, 1990, p. 5).

Vários outros autores também discutiram, sobretudo a partir dos anos 1990, o tema da retradução e a proposta de Berman, dentre os quais Bensimon (1990), Gambier (1994, 2011), Koskinen e Paloposki, (2001, 2003, 2010, 2015), Monti e Schnyder (2011) e, mais recentemente, Deane-Cox (2014). A maior parte desses trabalhos, uns a favor, outros contra, avaliou a hipótese bermaniana de modo qualitativo, sem medir o *grau* de domesticação/ estrangeirização das traduções, como veremos com mais detalhes adiante.

Considerando o fato de não termos encontrado, até o presente, trabalhos que tenham utilizado o MMT para testar a “hipótese da retradução” (na direção português-inglês) de modo quantitativo, a presente dissertação vem propor o seu uso em busca de resultados que poderão auxiliar na verificação da hipótese e, conseqüentemente, da eficiência do método para essa finalidade, considerando que quanto mais vezes uma hipótese for confirmada, mais probabilidade ela tem de ser verdadeira.

POR QUE APSGH?

Para o sociolinguista Calvet (2007, p. 48), as línguas se relacionam em termos gravitacionais, sendo o inglês a língua hipercentral, em torno da qual gravitam uma dezena de línguas supercentrais. Em torno dessas línguas supercentrais gravitam de 100 a 200 línguas centrais, que por sua vez são gravitadas por 4 a 5 mil línguas periféricas, entre as quais está o português.

Historicamente, esse quadro se estabelece, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, com o aumento do inglês como língua franca, com o crescimento da tendência ao monolinguismo dos Estados Unidos e o desenvolvimento de sua hegemonia. Conseqüentemente, houve uma diminuição, nesse país, de seu interesse pela literatura estrangeira. Além disso, segundo Venuti (1992, 1995), as traduções literárias realizadas

passaram a seguir, em sua maioria, uma estratégia de fluência. No início dos anos 1990, Venuti (1992) apresenta estatísticas de 1989, 1990 e 1991 a esse respeito nos Estados Unidos e Reino Unido. Três anos depois, o autor acrescenta que, embora a produção editorial “tenha aumentado quatro vezes desde a década de 1950, o número de traduções quase não cresceu” (VENUTI, 1995, p. 12); pelo contrário, podemos dizer que, proporcionalmente, diminuiu.

Nos anos 2000, apenas 3% do total dos livros de todos os gêneros publicados nos Estados Unidos são traduções¹⁴, das quais a tradução de literatura representa um número próximo de 0,7%, sendo ainda menor o número de retraduições. É dentro desses 0,7% que se enquadram a tradução e retraduição de *A Paixão Segundo G. H.* (doravante APSGH), de Clarice Lispector (doravante CL), obra literária escrita em português do Brasil – língua periférica – e traduzida para o inglês dos Estados Unidos – língua hipercêntrica, as quais compõem o *corpus* do presente estudo.

DIVIDIR PARA MULTIPLICAR

Na Introdução, apresentamos a motivação e os objetivos da pesquisa.

No Capítulo 1 apresentamos a fundamentação teórica, discorrendo principalmente sobre domesticação e estrangeirização e sobre a “hipótese da retraduição de Berman”, interesse central deste trabalho e explicamos o método aplicado para a análise quantitativa.

No Capítulo 2 apresentamos o nosso *corpus* paralelo, ou seja, APSGH, a tradução e a retraduição para o inglês; introduzimos Clarice Lispector, a mulher e a autora, sua retórica, seu momento cultural, também o tradutor, Ronald W. Sousa e a retradutora, Idra Novey. Comentamos, sucintamente, os possíveis motivos para a sua tradução, em 1988 e a retraduição em 2012, nos Estados Unidos, colocando em destaque o feminismo, pela obra de Hélène Cixous e as razões econômicas e de *marketing* através do trabalho do editor/tradutor Benjamin Moser e da New Directions e Penguin Classics.

Finalmente, no Capítulo 3 mostramos como aplicamos o Método das Modalidades de Tradução (MMT) para verificar a “hipótese de Berman” (parte medular deste trabalho) e quais foram os critérios da nossa amostragem e, também, os resultados obtidos.

¹⁴ Segundo Rochester.edu: *The Three Percent*, uma pesquisa de literatura internacional na Universidade de Rochester.

Nas Considerações Finais oferecemos uma síntese do trabalho, comentários sobre os resultados obtidos com o MMT e comparamos com o resultado de outros autores, bem como possíveis desdobramentos futuros.

As Referências apresentam livros, artigos, enciclopédias e consultas eletrônicas que, de algum modo, foram aproveitados para execução deste trabalho.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma das decisões que o tradutor de literatura tem que tomar [...] é qual o tipo de estratégia de tradução ele deseja seguir, isto é, se vai traduzir de um modo mais estrangeirizante ou domesticante. Mesmo tendo tomado essa decisão, nenhuma das duas estratégias pode ser seguida de modo puro e consistente, pois todas as traduções literárias, por sua própria natureza, contêm, inevitavelmente, uma mistura de diferentes formas de mudanças¹⁵ que são ora estrangeirizantes ora domesticantes.

(Van Poucke)

1.1 DO “GRAU ZERO” À “ADAPTAÇÃO”

No caminho para a verificação da “hipótese da retradução” de Antoine Berman¹⁶ de 1990, foco principal do nosso trabalho, julgamos oportuno enveredar pelas estratégias de tradução, abrangendo o modo como foram discutidas por Lawrence Venuti, autor que desenvolveu a questão da importância da tradução estrangeirizante, “em sua luta contra a fluência na tradução, na estrutura cultural anglo-americana” (FRANÇA, 2014, p. 2).

As estratégias tradutórias, como visto, já eram discutidas desde a Antiguidade. Vários autores as nomearam e distinguiram. Quintiliano (35 DC - 100 DC), por exemplo, empregava o termo “metáfrase” para designar a alteração de uma palavra e, para alteração de expressões, “paráfrase”. Essa distinção também foi seguida pelos renascentistas. Outro autor que podemos citar é Dryden [1631-1700] que, segundo Milton (2010, p. 50-51; p. 94-95), considerava três tipos de tradução: a “metáfrase” (tradução palavra por palavra e linha por linha), a “paráfrase” (tradução de sentido) e “imitação” (atuando livremente, mantendo somente a ideia original). Dryden preferia o meio termo e considerava a paráfrase a forma preferível na tradução. Os *Augustans* e os tradutores franceses também consideravam a paráfrase superior à metáfrase e à imitação. Pensando desse ponto de vista, para eles, “uma tradução deveria parecer natural na língua-alvo”, mesmo que isso significasse sacrificar o autor. Vale notar que as preferências

¹⁵ Van Poucke (2012) prefere o termo *shifts*, como proposto por Catford (1965) e van Leuven-Zwart (1989; 1990). Aubert (1998) vai introduzir o termo “modalidades”, com esse sentido. Embora Van Poucke não conheça a língua portuguesa suficientemente, ele considera que a palavra “*mudanças*” parece ser a mais adequada para traduzir “*shifts*”.

¹⁶ A chamada Hipótese da Retradução diz que “as traduções tendem a ser mais domesticantes do que as retraduições”. Vamos voltar a esse tema na seção *Palimpsestes 4* (1990).

por cada estratégia de tradução acompanhavam o momento e a posição sóciopolítica dos tradutores.

Em tempos mais atuais, no âmbito dos Estudos da Tradução, de acordo com Sun (2012, p. 1), vários autores empregam o termo “estratégias de tradução” como sinônimo de técnicas, métodos e abordagens determinados por múltiplos fatores culturais, econômicos e políticos. Os estudos podem referir-se tanto às descrições dos resultados como aos procedimentos. As diversas polaridades descritas pelos autores, embora tenham muito em comum, apontam perspectivas relacionadas à função, ao tipo de texto ou à motivação. Entretanto, Sun (2012, p. 1) considera que podemos dividir as estratégias em apenas duas grandes categorias: tradução literal *versus* tradução livre, embora encontremos os binários sob diferentes denominações: tradução palavra por palavra *versus* tradução de sentido; tradução orientada para a língua de partida *versus* tradução orientada para a língua de chegada; tradução direta *versus* tradução oblíqua; tradução semântica *versus* tradução comunicativa; tradução naturalizadora *versus* tradução identificadora; fidelidade *versus* transparência; tradução aclimatadora *versus* alteridade; equivalência formal *versus* equivalência dinâmica; tradução estrangeirizante/estrangeirizadora *versus* tradução domesticante/domesticadora etc.

No entanto, como a palavra *versus* indica oposição, Hatim e Munday (2004, p. 229-230), ao discutirem as estratégias de tradução, concluem que “as dicotomias forma-estilo, conteúdo-sentido e tradução literal-tradução livre, que têm dominado a teoria da tradução, não devem ser consideradas polos opostos, mas uma gradação”.

Consideradas como uma gradação, as estratégias incluem os vários possíveis procedimentos, que podem, então, ser dispostos em forma de escala. Na década de 1950, os estudiosos canadenses, de origem francesa, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet ([1958] 1995, p. 41) produziram um modelo de procedimentos técnicos, em ordem crescente de dificuldade, partindo de um grau zero, o “empréstimo”, que consiste na literalidade perfeita, na transposição de uma palavra da língua fonte para língua de chegada, sem modificações. No outro extremo dessa escala, o mais distante do texto fonte, está a adaptação, considerada por eles o procedimento mais complexo da tradução, quando o tradutor busca tornar o texto de chegada tão significativo quanto o original, mas dito de outro modo. Ao todo, os autores apresentam sete estratégias, analisando os aspectos linguísticos do inglês e do francês no processo da tradução. Esses procedimentos tinham finalidade didática e eram voltados para a formação de tradutores profissionais.

Esses procedimentos foram reformulados por Francis H. Aubert (1979/80; 1984; 1987; 1998) com propósitos descritivos em relação ao produto da tradução, com a finalidade

produzir dados quantificáveis, portanto estatisticamente processáveis. “Esse modelo permitiria a introdução um *modicum of hard data*¹⁷ no campo científico dos Estudos da Tradução”. (AUBERT, 1998, p. 102).

1.2 HISTÓRICO E DESCRIÇÃO DO MMT

O termo “quantificação” refere-se, principalmente, à operação que permite traduzir em números as observações e experiências, através de contagem e mensuração, sendo, portanto, a base para a ciência.

Francis H. Aubert (1978/80, 1984, 1990, 1998, 2006), como já dito, comentou, reformulou e desenvolveu os procedimentos técnicos de Vinay e Darbelnet (1958) e denominou seu modelo de Modalidades de Tradução, que passei a chamar aqui de Método das Modalidades de Tradução (MMT). A unidade textual escolhida por Aubert (1998, p. 104) para realizar as classificações é a palavra, que precisa ser situada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo em que ocorre, para ser classificada de acordo com uma modalidade. Se a unidade fosse um sintagma ou uma oração, poderíamos, segundo o próprio autor, lembrando considerações de Catford (1965 *apud* Aubert, 1998, p. 103), correr o risco de errar, pois nenhum nível de sintaxe corresponde sempre à unidade traduzida, flutuando conforme a complexidade estilística, as estratégias descritivas, uma maior ou menor experiência ou a habilidade do tradutor, entre outros.

Porém, “cada palavra (unidade léxica) tem [...] algo que é individual, que a torna diferente de qualquer outra. A propriedade individual mais importante da palavra é justamente seu sentido léxico.” (ZGUSTA, 1971, p. 67 *apud* BAKER, 1992, p. 11-12).¹⁸ Para Baker, o sentido, também, pode ser interpretado a partir de unidades menores que a palavra, como prefixos ou sufixos. Essa autora, buscando o apoio da linguística moderna como base para o ensino da tradução, parte do nível mais simples, crescendo em complexidade em cada capítulo, indo desde a equivalência no nível da palavra até chegar à equivalência pragmática, passando pela equivalência gramatical e textual.

¹⁷ Dados objetivos, que podem ser medidos.

¹⁸ *Every word (lexical unit) has [...] something that is individual, that makes it different from any other word. And it is just the lexical meaning which is the most outstanding individual property of the word.*

Embora a escolha da palavra como unidade de análise pareça ser, em princípio, questionável, o MMT não propõe que ela seja examinada em todas as suas singularidades, ou seja, desde o nível morfológico até o pragmático, o que torna complexa a sua classificação.

Por essa unidade, portanto, o MMT permite medir e “quantificar o grau de diferenciação linguística entre texto original e tradução, ou seja, o quanto cada palavra se aproxima ou se afasta do original, podendo ser usado para comparar traduções de textos diferentes, assim como para comparar várias traduções de um mesmo texto, caso deste estudo. Ao final das classificações, calcula-se “quantos % do texto original reaparecem no texto traduzido, sob forma de determinada modalidade”. (AUBERT, 1998, p. 103).

Assim, Aubert conclui que:

A linha de pesquisa das *modalidades de tradução* parece ser potencialmente relevante para o estudo dos seguintes temas linguísticos e tradutórios:

- i) Constituir uma ferramenta para a medição da proximidade/distância tipológica entre as línguas, bem como as flutuações no grau de proximidade/distância provocadas pela tipologia textual e/ou por marcadores culturais;
- ii) Proporcionar uma análise de correlações entre tipologia textual e tipologia tradutória [...];
- vii) Auxiliar [...] uma percepção mais nítida e detalhada das similaridades e dissimilaridades linguísticas entre determinados pares linguísticos e culturais, desta forma estimulando o desenvolvimento da *conscientização*, que constitui a função nuclear da teoria da tradução (AUBERT, 1998, p. 126, grifos do autor).

Aubert (1998, p. 125), também, sugere que a qualidade da tradução somente pode ser indiretamente sugerida pela maior ou menor incidência de Omissões, Acréscimos e Erros, que serão adiante apresentadas.

Na Figura 2, a seguir, apresentamos as 14 modalidades do MMT e sua descrição. A cada modalidade é associado um número (entre parênteses, no quadro) para facilitar a elaboração de tabelas e o cálculo das frequências (FA e FR):

Quadro 1 – Classificação usada no MMT ¹⁹

MODALIDADE	Número associado à modalidade	Descrição
Omissão	(0)	Ocorre sempre que um dado segmento do texto original não pode ser recuperado no texto traduzido (não está implícito, nem é uma transposição);
Transcrição	(1)	O verdadeiro ‘grau zero’ da tradução. Ocorre quando segmentos do texto pertencem a ambas as línguas ou a uma terceira língua;
Empréstimo	(2)	Ocorre quando um segmento do original é reproduzido na tradução, com ou sem os marcadores específicos (aspas, itálico, negrito etc.) como por exemplo: nomes próprios e topônimos;
Decalque	(3)	É uma palavra emprestada da Língua Fonte, mas que foi submetida a adaptações gráficas e/ou morfológicas e não se encontra em dicionários recentes da Língua Fonte;
Palavra-por-palavra ou Tradução literal	(4)	Ocorre quando se observa que os segmentos textuais fonte e meta satisfazem os quatro critérios: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) usa as mesmas categorias gramaticais e (iv) contém sinônimos interlinguísticos;
Transposição	(5)	Ocorre quando, pelo menos, um dos três primeiros critérios da tradução palavra-por-palavra não é satisfeito;
Explicitação	(6)	Ocorre quando informações implícitas no Texto Fonte ficam explicitadas no Texto Meta;
Implicação	(7)	Ocorre quando informações explícitas no Texto Fonte ficam implícitas no Texto Meta;
Modulação	(8)	Ocorre quando um segmento textual for traduzido impondo um deslocamento na estrutura semântica de superfície, embora retendo o mesmo efeito de sentido, mesmo usando formas bastante diversas;
Adaptação	(9)	Ocorre quando há uma equivalência parcial de sentido, suficiente para os fins do ato tradutório, mas sem qualquer ilusão de equivalência, como por exemplo: os falsos cognatos culturais;
Erro	(10)	Ocorre quando há evidência de engano ou ignorância;
Tradução intersemiótica	(11)	Ocorre quando figuras, ilustrações, logomarcas, selos etc., são reproduzidos na tradução;
Correção	(12)	Ocorre quando o tradutor opta por corrigir erros factuais e/ou linguísticos, inadequações, gafes do original;
Acréscimo	(13)	Ocorre quando qualquer segmento textual é incluído pelo tradutor, por sua conta.

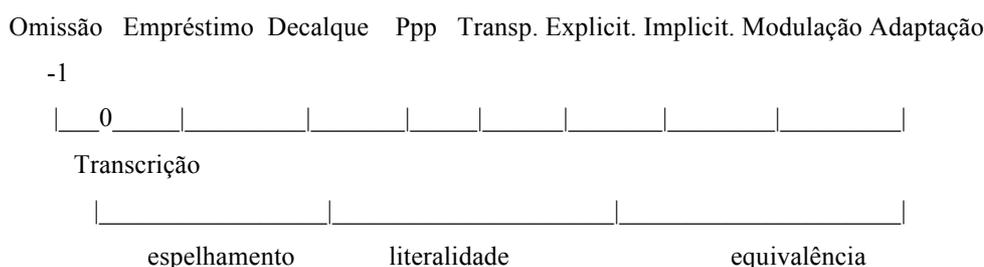
No MMT, diferentemente dos procedimentos técnicos de Vinay e Darbelnet, a “transcrição” é o verdadeiro “grau zero” da tradução. Mais tarde, em 2006, Aubert retrabalha seu próprio modelo, segmentando as modalidades: “espelhamento” (Transcrição, Empréstimo

¹⁹ As *modulações*, tanto quanto as *transposições*, podem ser obrigatórias [por exigências da língua] ou opcionais (AUBERT, 1998, p. 108).

e Decalque), “literalidade” (Tradução palavra por palavra, Transposição e Explicitação) e “equivalência” (Implicitação, Modulação e Adaptação).

O Quadro 2 mostra, a seguir, a gradação das modalidades, considerando a última reconfiguração do autor (AUBERT, 2006):

Figura 2 – Gradação das Modalidades de Tradução²⁰



As modalidades de “espelhamento” e “literalidade” são predominantes em traduções mais próximas do original e as modalidades da “equivalência” são predominantes em traduções mais distantes do original. Assim, o método permite analisar traduções por uma perspectiva quantitativa que, a nosso ver, serve para a verificar a “hipótese de Berman”, comparando a proporção de palavras que foram traduzidas de modo mais, ou menos, assimilativo.

1.3 DA FLUÊNCIA À RESISTÊNCIA: “ABAIXO O IMPERIALISMO AMERICANO!”²¹

Como vimos (v. Introdução), os estudiosos de tradução, no Romantismo alemão, priorizavam as diferenças culturais e acreditavam que o aspecto mais valioso do estrangeiro era a sua estrangeiridade. Entre tais estudiosos evidencia-se Schleiermacher que, na célebre conferência de 1813, “*Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*” (Sobre os diferentes métodos de tradução, 2001), afirma que o contato com o diferente é enriquecedor,

²⁰ Gradação e explicação, dados em classe, pelo Prof. Dr. Francis H. Aubert, na Disciplina Refrações Linguísticas e Discursivas na Literatura Brasileira Traduzida (2013).

²¹ *Slogan* usado depois da 2a. Guerra Mundial, principalmente depois dos anos 1950, em discursos, marchas e passeatas em defesa da soberania dos países fracos e contra o imperialismo norteamericano.

pois segundo ele, “ao entrar em contato com outra língua [...] o pensamento se enriquece”. Para esse autor, “cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo o seu pensamento são um produto da língua” (Schleiermacher, [1813] 2001, p. 14) e chegando, finalmente, aos dois métodos de traduzir: “ou o tradutor deixa o escritor em paz e leva o leitor até el, ou deixa o leitor em paz e leva o escritor até ele”. Nessa conferência, Schleiermacher discorre portanto, sobre as duas estratégias de tradução.

Assim como Schleiermacher, Antoine Berman considera a tradução literal a estratégia mais apropriada para traduzir um texto literário, pois, para ele, somente ela permitiria a manifestação da estrangeiridade da obra, o reconhecimento do outro. Assim, chama de “ruim a tradução que, geralmente disfarçada de buscando a transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estrangeiridade da obra estrangeira”²² (BERMAN, 1984, p. 17).

Apesar de não ter sido o primeiro a afirmar que a tradução apresenta um componente politicoideológico, André Lefevere (2007, p. 11), autor belga radicado nos Estados Unidos, também foi uma voz importante ao ressaltar esse aspecto e considerar que “a tradução, como (re)escrita, é “manipulação”, realizada a serviço do poder mas, em seu aspecto positivo, ajuda no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade”.

Desse modo, Venuti, Lefevere e Berman resgataram, contemporaneamente [na década de 1990], o pensamento de Schleiermacher sobre as duas estratégias de tradução. Assim, embora as estratégias de tradução venham sendo discutidas há muito tempo, foi Lawrence Venuti (1992, 1995) quem introduziu os termos *domestication* e *foreignization* (domesticação e estrangeirização). O autor abordou o tema contextualizando-o principalmente à questão das traduções para a língua inglesa e considerando que a estratégia de fluência em tradução, ao promover a imposição de valores, crenças e representações culturais, decreta um imperialismo anglófono.

À estratégia de fluência, que aproxima o autor do leitor, fazendo uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora e aniquilando sua alteridade, Venuti (1995, p. 20) denomina de tradução domesticante ou domesticadora. Nesse sentido, domesticar pode ser entendido como submeter e dominar. Já a estratégia que leva o leitor ao autor, respeitando as diferenças culturais, é chamada por Venuti de “estrangeirização”. Para ele, esta estratégia tem consequências políticas e ideológicas: sendo uma forma de resistência é, também, uma escolha ética (1995, p. 20), apesar de que “a maioria dos editores, críticos,

²² *J'appelle mauvaise traduction la traduction qui, généralement sous couvert de transmissibilité, opère une négation systématique de l'étrangeté de l'œuvre étrangère.*

leitores e até tradutores considere boa a tradução que pode ser fluentemente lida, dando a impressão de que se trata do original”(VENUTI, 1992, p. 4).

Kruger (2016) resume as ideias de Venuti e diz que os termos “domesticação” e “estrangeirização” não estabelecem uma oposição binária pura que se sobreponha às estratégias discursivas “fluente” e “resistente”. O primeiro conjunto de termos indica atitudes éticas, tanto pela escolha de um texto para tradução como pela estratégia usada, já o segundo conjunto de termos indica, basicamente, aspectos discursivos das estratégias em relação ao processo cognitivo do leitor. Os dois conjuntos domesticação/estrangeirização e fluência/*resistancy* operam em dois níveis ontológicos distintos:

Os conceitos de nível-básico ‘domesticação’ e ‘estrangeirização’ funcionam no mesmo nível ontológico, em que a tradução é vista nos termos do nível-macro de seu papel ético nas trocas interculturais. [...] a ontologia desse nível se articula em duas frases: “atitudes fundamentalmente éticas” e “efeitos éticos”, tendo este último dois subcomponentes: “a escolha de um texto para tradução” e “a estratégia pretendida para traduzi-lo”. O outro conjunto de conceitos, do nível-básico, “fluência” e “*resistancy*”, funciona num nível ontológico diferente, o nível-micro das características textuais e do processo no leitor dessas características: as “características das estratégias de tradução fundamentalmente discursivas” enquanto relacionadas com “o processo cognitivo do leitor”.²³

[...]

As duas ontologias se ligam através de um único conceito compartilhado: “estratégias de tradução”, que ocorre na descrição dos dois pares de termos. No nível mais alto, o da ética de trocas interculturais, as estratégias são informadas por atitudes éticas e levam a efeitos éticos. No nível mais baixo, o textual, as estratégias produzem aspectos discursivos que são processados pelos leitores.²⁴ (KRUGER, 2014, seção 4, p. 24).

Uma das maiores pensadoras dos estudos da tradução, interessada no contexto pós-colonial, em tradução resistente e em questões políticas, Maria Tymoczko (2000, p. 34), critica Venuti pelo uso de uma “terminologia não unificada, que lhe permite especular e alterar a base de sua argumentação como lhe convém, sem se comprometer com as particularidades”. Entretanto, essa autora considera funcional a definição de Venuti segundo a qual “uma tradução resistente pode ser caracterizada tanto pela estratégia discursiva adotada

²³ *The basic-level concepts ‘domestication’ and ‘foreignisation’ function on the same ontological level, which is one where translation is viewed in the macro-level terms of its ethical role in intercultural exchange. In the quotation above, the ontology of this level hinges on two phrases: “fundamentally ethical attitudes” and “ethical effects,” the latter of which has two further subcomponents: “the choice of a text for translation” and “the strategy devised to translate it.” The other set of basic-level concepts, ‘fluency’ and ‘resistancy,’ function on a different ontological level, the micro-level of textual features and the reader’s processing of these features: “fundamentally discursive features of translation strategies” as they relate to “the reader’s cognitive processing”.*

²⁴ *These two ontologies are linked by a single shared concept, ‘translation strategy,’ which occurs in the description of both pairs of terms. At the higher level of the ethics of intercultural exchange, translation strategies are informed by ethical attitudes and lead to ethical effects. At the lower textual level, translation strategies produce discursive features which are processed by readers.*

como pela escolha do texto” (TYMOCZKO, 2000, p. 36). Entretanto, Tymoczko ainda conclui que “nenhuma abordagem ou estratégia é suficiente – seja literal ou livre, ‘domesticante’ ou ‘estrangeirizante’”(TYMOCZKO, 2000, p. 42).

Outros teóricos da tradução, também consideram que os binários não funcionam bem e que o melhor deles tende a ser derrubado, assim como a polaridade fluente/resistente ou domesticante/ estrangeirizante de Venuti. Embora nesse artigo, esteja se referindo principalmente ao envolvimento político da tradução resistente na Irlanda, Tymoczko (2000, p. 42) cita também “os separatistas e feministas em Quebec e os canibalistas no Brasil”.

Pode-se, então, dizer, citando Snell-Hornby (2006, p. 146), que os trabalhos de Berman e de Lefevere são considerados como “intermediários” entre as ideias de Schleiermacher e de Venuti, na medida em que este põe novamente em foco e desenvolve o tema dos dois modos de traduzir do primeiro, intensificando, entretanto, a questão políticoética, referindo-se principalmente à tradução nos Estados Unidos. Venuti considera que a estratégia de fluência anula a diferença linguística e cultural do estrangeiro, além de tornar o tradutor invisível (1992, p. 4-5; 1995, p. 8). Nessa perspectiva, predomina o imperialismo.

A posição políticoética de Venuti, principalmente em relação às traduções anglófonas, pauta-se numa das formas de imperialismo: a que se dá pela língua e pela cultura. A identidade de uma nação está vinculada à língua, e a sua imposição pode ser um instrumento de poder. No que concerne às traduções, o imperialismo se decreta tanto na domesticação como também na exportação de livros de língua hegemônica, pela imposição de valores, crenças e representações culturais. Com base nessa realidade, Venuti (1992, p. 13) aponta para a necessidade de elaborar meios teóricos, críticos e textuais para entender a tradução como o espaço da diferença. Aparentemente, o autor usa imperialismo e colonialismo de modo indistinto. Porém, esses termos têm origens diferentes: enquanto o imperialismo tem sua origem no mundo antigo, quando impérios subjugavam povos mais fracos, o colonialismo, vem de uma prática que se inicia no século XV com a expansão marítima europeia.

Venuti, assim, considera que “a tradução, desde a seleção dos textos estrangeiros a serem traduzidos até a implementação das suas estratégias discursivas, atua na construção de identidades nacionais e, conseqüentemente, pode ter um papel geopolítico importante”. Essa posição permite que se pense a tradução não somente do ponto de vista de linguagem, discurso e subjetividade, mas também de questões éticas, sociológicas e políticas.

Posteriormente Venuti (1995) reforça essas ideias dizendo que “a tradução fluente subordina a recepção, a crítica e as condições de trabalho dos tradutores às forças

hegemônicas, resultando em prejuízos que se expandem para além do âmbito da tradução” e podem desdobrar-se em “discriminação étnica, confrontos geopolíticos, colonialismo, terrorismo e guerra”. Por esses motivos, sugere que:

[na] medida em que a tradução estrangeirizante procura restringir a violência etnocêntrica da tradução, ela é, hoje, altamente desejada, uma intervenção cultural estratégica no estado atual da cena mundial, lançada contra a as nações hegemônicas anglófonas e contra as trocas culturais desiguais nas quais envolvem seus outros globais. (VENUTI, [1995] 2008, p. 20).²⁵

O imperialismo, através da estratégia fluente, principalmente nas traduções para a língua inglesa, colabora com os editores dos centros hegemônicos, produzindo publicações valorizadas no mercado frente aos competidores:

[u]ma estratégia de fluência apaga as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro: este é reescrito no discurso transparente que domina a cultura da língua de chegada e se liga a outros valores, crenças, representações sociais dessa língua [...] uma estratégia de fluência faz um trabalho de aculturação que *domestica* o texto estrangeiro, tornando-o inteligível e até familiar ao leitor da língua de chegada, dando-lhe uma vivência narcísica de reconhecimento de sua própria cultura no outro cultural, exercendo um imperialismo [...] uma estratégia fluente também contribui para a hegemonia cultural e econômica dos editores da língua de chegada ao produzir traduções eminentemente legíveis e portanto consumíveis no mercado editorial, auxiliando para que se tornem produtos comoditizados.²⁶ (VENUTI, 1992, p. 5, grifo nosso).²⁷

Venuti procura mostrar como, através da domesticação, a tradução se submete à cultura de chegada e, assim, considera importante privilegiar a estrangeirização, em contraposição à posição imperialista de países hegemônicos que traduzem de acordo com seus interesses, domesticando o texto. A estrangeirização deveria ser introduzida em um contexto cultural “monolingual agressivo” como o anglo-americano, que, inclusive, afirma ele, “tem uma legislação que define a tradução como subproduto de um original cujos direitos pertencem ao autor” (VENUTI, 1992, p. 6).

²⁵ [i]nsofar as foreignizing translation seeks to restrain the ethnocentric violence of translation, it is highly desirable today, a strategic cultural intervention in the current state of world affairs, pitched against the hegemonic English-language nations and the unequal cultural changes in which they engage their global others.

²⁶ Comoditização é a transformação de bens e serviços em um *commodity* (ou coisas que podem não ser normalmente percebidos como bens e serviços). Confere uma posição de valor frente à competição.

²⁷ [a] fluent strategy effaces the linguistic and cultural difference of the foreign text: this gets rewritten in the transparent discourse dominating the target-language culture and is inevitably coded with other target-language values, beliefs, and social representations.[...] a fluent strategy performs a labor of acculturation which domesticates the foreign text, making it intelligible and even familiar to the target-language reader, providing him or her with the narcissistic experience of recognizing his or her own culture in a cultural other, enacting an imperialism [...], since fluency leads to translations that are eminently readable and therefore consumable on the book market, it assists in their commodification and contributes to the cultural and economic hegemony of the target-language publishers.

As ideias desenvolvidas por Venuti podem ser interpretadas como uma prescrição metodológica de tradução, ao sugerir a adoção de uma estratégia *resistente* de tradução. Para designar esse aspecto, segundo França (2014, p. 6), Venuti usa a palavra “*resistancy*”, uma modificação da palavra “*resistance*”²⁸ referindo-se à função da estrangeirização em relação à arrogância colonialista.

Relacionando a ideologia de Venuti com a da valorização e do reconhecimento do outro, Simon (*apud* Borba, 1996) propõe que “a tradução deve equiparar-se com a diferença e não com a transparência”. Na tradução, a posição de resistência à dominação política, cultural e de gênero, é uma “metáfora para o reconhecimento do outro, para uma lógica da diferença, para um processo de contínua negociação, onde conhecer os *outros* significa nos conhecer e vice-versa”. (BORBA, 1996, p. 508-509).

A questão ética, já delineada por Berman em 1984 em *L'Épreuve de l'étranger*, tornou-se mais popular a partir da “virada cultural”, na década de 1990 e dos trabalhos de Venuti (1992, 1995). A ética está implícita no processo de escolher qual a estratégia a seguir na tradução e, também, na valorização da tradução como o “local da diferença”.

Muitos autores ainda consideram a questão da fidelidade incompatível com a questão ética e recusam a tradução estrangeirizante. Na questão da domesticação/estrangeirização, cabe lembrar que Simon (1996, *apud* KOSKINEN, 2000, p. 19) considera que, ao invés de ser fiel ao autor ou ao leitor, a fidelidade deve ser dirigida ao próprio projeto da escrita do tradutor. Nesse sentido, cabe a pergunta de Gambier (1994, p. 413): “Poderia a noção de fidelidade ter sofrido uma evolução de sentido?”

A conclusão de Koskinen (2000, p. 19) é a de que, “a despeito de sua óbvia incompatibilidade com as teorias orientadas para as diferenças, o “supermeme” da fidelidade ainda prevalece. Cada autor parece compelido a produzir sua versão de fidelidade.” Assim sendo, segundo essa autora, as discussões sobre ética/função ainda estariam no início.

Na questão da retradução, sendo esta mais estrangeirizante, segundo Berman, estaria implícita a questão: se buscamos o prazer na leitura, seria este encontrado, efetivamente, na fluência ou na literalidade?

²⁸ *Caminhos do pensamento tradutório de Lawrence Venuti* – Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Paraná. Letícia Della Giacoma de França, 2014.

1.4 O PRINCÍPIO DO PRAZER

Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, Freud (1911) descreve o princípio do prazer, pelo qual se busca o prazer, sem considerar as consequências. A esse princípio opõe-se o princípio da realidade que se caracteriza pelo adiamento/renúncia da gratificação, em função da imposição da realidade. Como disse Aratangy (2015, p. 16), “é difícil renunciar a uma gratificação imediata em nome da promessa de um prazer distante, ainda que este possa trazer satisfações mais intensas e duradouras”. Vemos sempre repetido, em toda parte, que os leitores querem sentir prazer em ler, e a leitura da tradução domesticante é mais palatável do que a estrangeirizante. Entretanto, embora mais agradável, ela acaba por “perder” algumas características culturais e até linguísticas do texto original. Além disso, segundo Venuti (1995), submete-se a uma dominação, principalmente quando a língua de chegada é hegemônica, como é o caso do inglês.

A discussão sobre se é melhor uma tradução domesticada, porém agradável de ler e que nem parece ter sido traduzida, ou um texto mais literal, estrangeirizado, mais difícil, às vezes até deformado, também ocorre em países de línguas muito diferentes. Na China, por exemplo, constatamos, além de Sun (2012), já citado (na primeira sessão desse capítulo), um artigo de Yang (2010) que diz:

A tradução domesticante é mais fácil para o leitor entender e aceitar. Entretanto, a naturalidade e suavidade do texto de chegada frequentemente são alcançadas em detrimento das mensagens culturais e estilísticas do texto de partida. A tradução estrangeirizante conserva o aspecto formal e, por sua vez, informa os leitores sobre a cultura da língua de partida, mas as imagens culturais e as características linguísticas estrangeiras podem sobrecarregar o leitor de informações. Resumindo, a domesticação e a estrangeirização ocasionam perdas, pois perdas são inevitáveis no processo tradutório. É difícil dizer qual é a melhor estratégia, se não levarmos em consideração as condições sob as quais a tradução foi feita.²⁹ (YANG, 2010, p. 79).

O *Chinese Translation Journal*, em 2002 (Yang 2010, p. 79), também publicou seis artigos sobre estratégias de tradução do ponto de vista da comunicação transcultural em que a voz em favor da estrangeirização dominava. Entretanto, havia os que discordavam e entre eles estava Ping (2002, pp. 39-41 *apud* Yang 2010, p. 79), dizendo que “a domesticação deve ser a

²⁹ *Domesticating translation is easier for the readers to understand and accept. However, the naturalness and smoothness of the TT are often achieved at the expense of the cultural and stylistic messages of the ST. Foreignizing translation preserves the ST formal features and in turn informs the readers of the SL-culture, but alien cultural images and linguistic features may cause the information overload to the reader. In a word, both domestication and foreignization entail losses, as losses are inevitable in the translation process. It's hard to say which strategy is better, if the condition under which a translation is done is not taken into account.*

principal rota da tradução literária, pois o propósito essencial é comunicar, levar os leitores a um bom entendimento do texto fonte”. Para ele, “uma tradução fortemente estrangeirizadora pode ser muito estranha e difícil para os leitores se identificarem, que dirá apreciarem”. Ping conclui que, retrospectivamente, na história da tradução, “com o passar do tempo, a estrangeirização cede lugar à domesticação” (PING, 2002, *apud* YANG 2010, p. 79).

Também na Turquia, onde se discute se estamos na Europa ou na Ásia, houve, em 2013, um Congresso Internacional sobre Retradução (*Retranslation in Context*), no qual diversos autores apresentaram trabalhos nos quais a questão do binômio domesticante/ estrangeirizante se fez presente. Por exemplo, Cansu Canseven (2013, p. 18) (*Boğaziçi University*) conclui, em seu artigo, sobre três traduções de *Mrs. Dalloway*, que no sistema literário da Turquia há, hoje em dia, “uma tendência a traduções fiéis ao estilo e à linguagem do texto fonte”, ou seja, estrangeirizante. Nesse mesmo Congresso, Tuncay Tezcan (2013) (*Hacettepe University*) compara as mesmas três traduções de *Mrs. Dalloway* discutindo a mudança de estilo no contexto da “hipótese da retradução”, empregando a metodologia de tendências deformadoras de Berman. Os resultados desse trabalho concluem que “a hipótese pode ser válida *até certo ponto*, mas não está formulada em termos precisos” (TUNCAY TEZCAN, 2013, p. 18). Na próxima seção, trataremos mais detidamente desse ponto-chave de nossa pesquisa.

1.5 A “HIPÓTESE DA RETRADUÇÃO”³⁰

A retradução, como a prática de traduzir obras já traduzidas, é antiga e, geralmente, tinha o seu foco principal em textos sagrados, obras canônicas e textos dramáticos (a Bíblia, por exemplo, é o texto mais retraduzido no mundo). Entretanto, antes de 1989/1990, poucos trabalhos escritos se ocupavam especificamente de retradução de textos literários.

Em 1990, a Sorbonne Nouvelle lançou o famoso volume N° 4 da revista *Palimpsestes*, intitulado *Retraduire* e organizado por Paul Bensimon, Didier Coupaye e colaboradores. Tal volume foi inteiramente dedicado ao tema da retradução, com seis artigos, entre os quais *La retraduction comme espace de la traduction*, de Antoine Berman (1990), a partir do qual se enunciou a “hipótese da retradução”: as traduções tendem a ser mais domesticantes do que as retraduições.

³⁰ *Palimpsestes* N° 4 “Retraduire”, Out. 1990 Publications de la Sorbonne Nouvelle.

Embora, o próprio Berman não tenha transformado a sua hipótese num enunciado, podemos dizer que, depois de 1990, passou a ser considerado o fundador dos estudos da retradução e a estar presente como referência e discussão na maioria dos trabalhos sobre esse tema.

Entretanto, Biguenet e Schulte (1989), na apresentação do livro *The Craft of Translation*, um ano antes da publicação da revista *Palimpsestes* N° 4, já haviam escrito, citando Rabassa, que enquanto se pode retraduzir infinitamente, “o original permanece em toda sua glória”:

Sinto que *uma tradução nunca termina, ela é aberta e pode ir ao infinito* [...] É esse sentimento que, provavelmente, está por trás da necessidade frequente de uma nova tradução para velhos livros, enquanto que o texto original permanece em toda sua glória. [...] Traduzir é uma tarefa perturbadora porque há pouca certeza sobre o que estamos fazendo, o que a torna tão difícil, nesta era de crença fervorosa e de ideologia, nesta era de *greed and screed*.³¹ (BIGUENET; SCHULTE, 1989, p. 8; 12, grifos nosso).

Berman (1990, p. 1) define retradução como “toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra” e diz, sem, entretanto, citar Rabassa (1989), que a necessidade de retraduzir está num “fenômeno misterioso”: os originais permanecem eternamente jovens, ao passo que as traduções envelhecem.

A tradução, para Berman (1990, p. 2-3), possuiria uma temporalidade própria: a da caducidade. No entanto, diz ele, existem traduções que não envelhecem, são as chamadas “grandes traduções”, como a *Vulgata* de S. Jerônimo, a Bíblia de Lutero, *As Mil e Uma Noites* de Galland, o Shakespeare de Schlegel e outras. Quais seriam, pergunta ele, os elementos comuns, coexistentes numa grande tradução? Berman os enumera:

- É, a princípio, um acontecimento na língua de chegada, tanto escrita quanto oral.
- Caracteriza-se por uma extrema sistematidade [pelo menos igual à do original].
- Está no lugar de encontro entre a língua do original e a do tradutor.
- Forma um intenso vínculo com o original que se mede pelo impacto que este tem sobre a cultura de chegada.
- Constitui um precedente incontornável para qualquer outra tradução contemporânea ou ulterior.
- Todas são *retraduções*.³² (BERMAN, 1990, p. 2-3, grifo nosso).

³¹ *It is my feeling that a translation is never finished, that it is open and could go on to infinity [...] It is this feeling possibly that lies beneath the need for new translation of old books every so often while the original text goes on and on in all its glory. [...] Translation is a disturbing craft because there is precious little certainty about what we are doing, which makes it so difficult in the age of fervent belief and ideology, this age of greed and screed. [...]*

³² *Celle-ci est d'abord un événement dans la langue d'arrivée, tant écrite qu'orale. Elle se caractérise par une extrême systématité, [au moins égale à celle de l'original]. Elle est le lieu d'une rencontre entre la langue de l'original et celle du traducteur.*

Além das condições acima, para que se produza uma grande tradução deve-se levar em consideração, também, “o *kairos*, isto é, o momento favorável”, que é a categoria temporal de uma grande tradução. “É nesse momento que chega um grande tradutor, que tem em si a pulsão traduzinte”³³ (BERMAN, 1990, p. 6).

Segundo Berman, “nem todas as retraduições são uma grande tradução (!), mas todas as grandes traduções são retraduições”³⁴. Entretanto, continua ele, essa correlação não é absoluta, “pode ocorrer que uma primeira tradução já seja uma grande tradução”, mas isso não invalida a correlação, “isso significa, tão somente, que essa primeira tradução se coloca como uma retraduição” (BERMAN, 1990, p. 3).

Berman (1990) considera que a retraduição não precisa necessariamente ser uma *nova* tradução de um texto já traduzido, pois “basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido, para colocar a tradução de outros textos desse autor no espaço da retraduição” (BERMAN, 1990, p. 3). O fato do tradutor saber que esse autor já foi traduzido, influencia na subjetividade de sua tradução e também no público leitor da tradução. Esse conceito ampliado de retraduição lhe permite dizer que as grandes traduções são retraduições. Em seguida, Berman complementa explicando o motivo pelo qual considerara que “nenhuma primeira tradução [pode] ser uma grande tradução”, retomando o célebre esquema triádico de Goethe:

Um primeiro elemento de resposta foi dado por Goethe, no *Divã oriental- ocidental* [...]. O primeiro modo [...] é a tradução palavra por palavra visando dar apenas uma ideia grosseira (Goethe *dixit*) do original. O segundo é a tradução livre, que adapta o original à língua, à literatura, à cultura do tradutor. O terceiro modo é a tradução literal [...], que reproduz as “particularidades” culturais, textuais, etc. do original. Cada vez que uma cultura se lança na aventura da Tradução, segundo Goethe, ela percorre, necessariamente, este ciclo.³⁵ (BERMAN, 1990, p. 4)

Berman retoma as ideias de Goethe para justificar porque, segundo esse autor, as grandes traduções são retraduições. Para ele, essas ideias

[“c]orrespondem, *grosso modo*, à dialética do Idealismo alemão, segundo a qual [...] ‘todo começo é desajeitado’. É necessário o caminho da experiência [...] Toda

Elle cré un lien intense avec l'original, qui se mesure à l'impact que celui-ci a sur la culture réceptrice.

Elle constitue pour l'activité de traduction contemporaine ou ultérieure un précédent incontournable.

[c]e sont toutes des retraductions.

³³ Pulsão traduzinte: o desejo de *traduzir* conjugado com o desejo de não traduzir. Lutero, Amyot, Schlegel são exemplos brilhantes de indivíduos dominados pela pulsão traduzinte (Berman, 1990, p. 6).

³⁴ *Si toute retraduction n'est pas une grande traduction (!), toute grande traduction, elle, est une retraduction.*

³⁵ *Un premier élément de réponse peut nous être fourni par Goethe qui, dans son Divan oriental-occidental, [...]. Le premier mode, ou la première époque, est la traduction intra ou juxtalinéaire (mot à mot) visant tout au plus à donner une idée grossière (Goeth dixit) de l'original. Le second mode est la traduction libre, qui adapte l'original à la langue, à la littérature, à la culture du traducteur. Le troisième mode est la traduction littérale, au sens de Goethe, c'est-à-dire celle qui reproduit les “particularités” culturelles, textuelles, etc. de l'original.*

primeira tradução é desajeitada: se repete aqui no nível histórico o que ocorre a todo tradutor: nenhuma tradução é, nunca, uma ‘primeira versão’.³⁶ (BERMAN, 1990, p. 4).

Azenha (2006), assim como Berman e muitos autores, antes e depois dele, utiliza os três níveis de tradução de Goethe para explicar a necessidade de retraduições, para mostrar que uma primeira tradução não é suficientemente boa:

Uma das decorrências mais importante da contribuição de Goethe está no destaque atribuído ao caráter processual da tradução [...] entendido no sentido de atividade em constante transformação [...] Isso explica a necessidade que se tem, de tempos em tempos, de se realizarem diferentes traduções de uma mesma obra. (AZENHA, 2006, p. 57).

No mesmo número 4 de *Palimpsestes*, Topia (1990, p. 46)³⁷, referindo-se à retradução, coloca a questão do envelhecimento de modo inverso:

[é] legítimo dizer que uma tradução “envelhece”, enquanto que o “original” não, ou pelo menos, não da mesma maneira?³⁸

[...]

Embora a obra não cesse de se reajustar ao interior de uma configuração sempre em movimento, a tradução não se “move”. A obra e a tradução parecem, assim, existir em dois tempos paralelos e heterogêneos. De modo que chegamos à imagem inversa do que foi evocado acima: mais que opor o tempo da obra, que será o da eternidade, ao tempo da tradução, que será o da efemeridade e da deterioração, seria preciso dizer que, paradoxalmente, é a obra que muda e a tradução, não. Enquanto que a obra não para de se deslocar imperceptivelmente em função das mudanças de perspectiva que incita a evolução histórica, a tradução está fixa em um tempo trancado uma vez por todas.³⁹ (TOPIA, 1990, p. 45 e 46).

Bensimon, na Apresentação desse volume de *Palimpsestes*, tenta contornar as posições antagônicas de Berman e Topia ali publicadas, ao considerar que tanto a tradução como as retraduições são históricas, por serem inseridas na cultura, na ideologia, na literatura, dentro de uma dada sociedade (1990, p. ix): “Toda tradução é histórica e toda retradução também. Nem uma nem a outra são separadas da cultura, da ideologia, da literatura, dentro de uma dada sociedade, em um dado momento histórico” (1990, p. ix).

³⁶ [c]orrespond *grosso modo* à la dialectique de l’Idealisme allemand, selon laquelle [...]

³⁷ *Finnegans Wake: la traduction parasitée.*

³⁸ [e]st-il légitime de dire qu’une traduction “date”alores qu’un text “original” ne date pas – ou pas de la même manière?

³⁹ *Alors que cette œuvre ne cesse de se ré-ajuster à l’interior d’une configuration toujours en mouvement, la traduction ne “bouge” pas. L’œuvre et la traduction semblent ainsi exister dans deux temps parallèles et hétérogènes. De sorte qu’on en arrive à l’image inverse de ce qui avait été évoque plus haut: plutôt que d’opposer le temps de l’œuvre, qui serait celui de l’éternité, au tempos de la traduction, qui serai celui de l’éphémère et de la détérioration, il faudrait dire que paradoxalement c’est l’œuvre qui change et la traduction qui ne change pas. Alors que l’œuvre ne cesse de se déplacer imperceptiblement en fonction des changements de perspective qu’entraîne l’évolution historique, la traduction est figée dans un temps verrouillé une fois pour toutes.*

Ao lado de Berman e Bensimon, Yves Gambier também é considerado um autor importante para os estudos sobre retradução. Em 1994, ele escreve o artigo: *La retraduction, retour et détournement*, para a revista *Meta*, em homenagem a Antoine Berman [morto em 1991]. Embora Bensimon (1990) e Berman (1990) apontassem para a existência de diferenças essenciais entre uma primeira tradução e as retraduições, a “hipótese da retradução” só foi de fato formulada explicitamente por Gambier (1994):

[s]egundo Berman (1986 e 1990), podemos pretender que *uma primeira tradução tenha sempre a tendência a ser mais assimilativa*, a reduzir a alteridade em nome de imperativos culturais, editoriais [...] *A retradução, nessas condições, consistiria numa volta ao texto de partida*. (GAMBIER, 1994, p. 414, grifos nossos).

Depois da publicação de *Palimpsestes* (1990) e do texto de Gambier (1994), multiplicou-se a discussão sobre retradução no âmbito dos Estudos da Tradução. Segundo Koskinen (2000, p. 9), a década de 1990 testemunhou um verdadeiro “espetáculo pirotécnico” de publicações nas quais as redefinições iam de “canibalismo a carnavalismo, de sequestro a subversão e de reescrita manipulatória a transformações legais”.

De acordo com a metáfora da pirotécnica de Koskinen, depois da década de 1990, até 2016, muitos trabalhos iluminaram as questões sobre retradução.

O valor das retraduições, e das discussões a respeito, está também nas suas consequências, como diz Şehnaz Tahir Gürçağlar (2009, p. 233): “cada vez que uma tradução literária é feita, leva à diversidade e ampliação das interpretações anteriores do texto de partida” e Susam-Sarajeva (2003, p. 19): “embora cada retradução seja mais uma interpretação de um texto original, ao revelar cada vez mais facetas suas, cada estudo sobre retradução contribui para um quadro mais complexo e diverso do mesmo fenômeno.”

Quatorze anos depois de *Palimpsestes 4*, a Sorbonne Nouvelle publicou um novo volume (V. 15, 2004) sobre retradução intitulado *Pourquoi donc retraduire?* Organizado por Christine Raguet, esse número de *Palimpsestes* apresenta doze artigos, os quais, de modo geral, não trazem muitas novidades teóricas a respeito; elucidam, no entanto, conceitos e abordagens anteriores pelo fato de se concentrarem em outros aspectos da retradução. Annie Brisset (2004, p. 39), por exemplo, destaca o original e a criatividade do tradutor no processo de (re)traduzir em seu artigo *Retraduire ou le corps changeant de la connaissance*, dizendo: “Entre a tradução e a retradução, o texto original serve de árbitro e de referência” e termina com a seguinte observação:

A análise comparativa de um conjunto formado por (re)traduções *simultâneas* [por coexistirem no mesmo cronotopo⁴⁰] permitiria ver o *trabalho diferencial do sujeito traduzinte*. Na simultaneidade, talvez melhor do que na sucessão, é permitido emergir o *ato cognitivo*, o ato de criatividade do tradutor.⁴¹ (BRISSET, 2004, p. 64, grifos nossos).

Essa autora reafirma, assim, a importância da retradução, não somente para levar o leitor mais próximo do autor, mas para penetrar no processo “traduzinte”.

Na França, em 2010, Kahn e Seth organizaram o livro *La retraduction (Retranslation)* que reabre o debate sobre o tema ao apresentar estudos de casos voltados, portanto, ao produto e ao entorno da retradução, os quais tentam estabelecer precedentes para outras investigações. Os organizadores afirmam que “a retradução é principalmente um fenômeno temporal, no sentido de seu *status*, como tradução ‘refeita’, determinado pela existência de uma tradução inicial anterior” e que, além disso, ela “é marcada por uma inconstância mercurial em relação à frequência, aos comportamentos e às motivações” (KAHN; SETH, 2010, p. 1). Acrescentam à sua reflexão os fatores socioculturais, que podem facilitar ou obstruir a retradução em alguns contextos e momentos e observam que, ainda nos anos 2000, “embora a prática da retradução seja comum, as discussões teóricas são um tanto raras” (SUSAM-SARAJEVA, 2003, p. 2 *apud* KAHN; SETH, p. 1).

Essa realidade se repete nos anos 2010. Também na França, Monti e Schnyder (2011) consideram que “a retradução, embora amplamente difundida, é pouco pesquisada em sua especificidade”. No livro que organizaram, *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes*, o papel da (re)tradução é examinado na construção-desconstrução dos cânones literários europeus; além disso, os organizadores do volume convocam autores com várias abordagens e teorias do domínio para tratar do tema da retradução e seus conceitos. Na Introdução, com o sugestivo título *La Retraduction, un état des lieux*, os organizadores chamam a atenção para o fato de que a “hipótese de Berman” é contestada por Ladmiral e Gambier, mas parece amplamente aceita por outros colaboradores desta edição.

Oliveira (2014, pp. 132-133) considera o artigo de 1994 de Gambier o mais interessante sobre o assunto da retradução e o compara com o trabalho de 2012, do mesmo autor, onde este defende que são muitas as razões para retraduzir e estão relacionadas a um dado polissistema, no sentido de Even-Zohar:

⁴⁰ Termo desenvolvido por Bakhtin em 1937. Do grego: *kronos*= tempo e *topos* = espaço, lugar. Relações temporais e espaciais.

⁴¹ L’analyse comparative d’un ensemble formé de (re)traductions *simultanees* ferait voir le *travail différentiel* su *sujet traduisant*. Dans la simultanéité, peut-être mieux que dans la succession, elle ferait émerger l’*acte cognitif*, l’acte de créativité du traducteur.

Para Gambier, a hipótese bermaniana, tem o mérito de estabelecer uma discussão sobre a retradução, estabelecendo um paradigma explícito e concorda com Benjamin em que a vida de um texto teria um movimento em direção à “pura língua” através de uma série de traduções. Gambier defende que, ao contrário do que dizia Berman, as retraduições não se devem somente ao fato do envelhecimento das traduções. Há razões endogenéticas [originadas de mudanças linguísticas] e exogenéticas [originadas de aspectos editoriais, comerciais, culturais]. (OLIVEIRA, 2014).

Embora Gambier não considere o envelhecimento como a “única” razão para retradução, não se pode negar que as razões endo e exogenéticas estejam relacionadas a fatores temporais e, portanto, podem ser consideradas causas de “envelhecimento” e caducidade das traduções. Assim, como pudemos ver nesta seção, muitos autores escreveram sobre a “hipótese da retradução”, uns colocando-se a favor dela e outros contra, alguns mais suaves, outros mais categóricos e, quando parecia que já se havia falado tudo, outras vezes se levantaram, num paralelo com a opinião de Gregory Rabassa (1989) para quem uma tradução nunca termina, ela pode ir até o infinito.

1.6 AVOCATUS DIABOLI

*Quem deseja ter razão decerto a terá
pelo mero fato de possuir língua.
(Goethe)*

Durante o processo de canonização pela Igreja Católica, havia um Promotor da Fé (*Promotor Fidei*) cuja função era encarar com ceticismo o candidato à canonização, procurando incoerências e falhas no processo. O *Promotor Fidei* era popularmente conhecido como "Advogado do Diabo" (Latim: *advocatus diaboli*). Ainda hoje, se usa essa expressão para se referir àqueles que defendem uma posição contrária.⁴²

Embora não sejam considerados propriamente Advogados do Diabo, a posição de Lefevere, Lambert, Herman e Bassnett difere da de Schleirmacher, Berman e Venuti, pois para eles a tradução deve adaptar o texto literário à cultura do leitor da tradução, sem priorizar a fidelidade ao autor. Formavam a “Escola da Manipulação”.

Milton e Torres (2003), organizadores do volume V. 1 n. 11 de *Cadernos de Tradução*, comentam que os colaboradores, ali, consideram as primeiras afirmações de Berman, de 1990,

⁴² <http://www.browserd.com/2015/07/15/o-advogado-do-diabo/>

“*um tanto simplificadas*” e, também, apontam para o fato significativo de que na Routledge Encyclopaedia of Translation Studies [em 2003] não tem um verbete sobre Retradução⁴³. A esse respeito, dizem que:

Traduções posteriores suplementam a tradução inicial, mas ao invés de cada uma se construir sobre a anterior, tentando adicionar um tijolo para completar o mosaico de entendimento do original, ocorre um movimento oscilante. “*A primeira tradução pode não ser, necessariamente, facilitadora*” (MILTON; TORRES, 2003, p. 10, grifos nossos).

Também em posição crítica em relação à hipótese de Berman, Desmidt (2009), por sua vez, pergunta até que ponto essa hipótese está apoiada em evidência empírica. Ela analisa 52 versões alemãs e 18 versões em neerlandês de um livro clássico para crianças *Nils Holgersson's Wonderful Journey Through Sweden*, de Selma Lagerlöf, publicadas entre 1907, 1908 e 1999. O argumento é que, embora algumas versões mais recentes mostrem consideração pelo original, em última análise *não se sustenta a hipótese de Berman*. Para essa autora, “a hipótese não tem um valor geral, pode ser válida até certo ponto, mas, somente, se não for formulada em termos absolutos”. Em casos de literatura periférica, de literatura infantil e na literatura clássica, a retradução mais adaptativa se mostrou mais frequente e os textos retraduzidos continuaram “a entrar em choque com a fidelidade ao texto original”(DESMIDT, 2009, P. 669)

Sharon Deane-Cox (2014), em seu livro *Retranslation*⁴⁴, posiciona-se abertamente como *Promotor Fidei*, considerando falho o raciocínio de Goethe [dos três níveis] e conseqüentemente o de Berman, condensado na “*lacônica hipótese da retradução*” e diz, inclusive, que a afirmação de Topia (1990, p. 46 *apud* DEANE-COX, 2014), de que as traduções envelhecem e o original permanece intocado pela passagem do tempo, também não é justa, pois o original e a tradução existem em dois espectros de tempo paralelos e díspares. Nesse texto, Deane-Cox coloca a retradução e cita Jakubowska-Cichón, em sua análise da tradução de *L'Amant*, de Duras: “embora a primeira tradução para o polonês seja empobrecida, a retradução também o é e estamos esperando pela a terceira tradução”(JAKUBOWSKA-CICHÓN, 2011, p. 11 *apud* DEANE-COX, 2014). Assim, Deane-Cox nos dá a impressão que “uma terceira tradução deve ser a grande tradução”, mas não é isso que Berman afirma.

Além disso, essa autora também cita Paloposki e Koskinen (2004, p. 27-31 *apud* DEANE-COX, 2014) dizendo que “parece não haver um corpo de evidência empírica

⁴³ Na Segunda Edição foi incluído esse verbete de autoria de Şenaz Tahir Gürçağlar, 2009.

⁴⁴ Não foi possível acessar os números de página das citações do livro da Dra. Deane-Cox por ter sido lido em leitor digital Kindle. Entretanto, todas as citações desse livro estão na Introdução.

substancial apoiando ou contrariando a retradução” e, ao citar o estudo de Paloposki das retraduições finlandesas do *The Vicar of Wakefield* e *The Thousand and One Nights*, do período entre o séc. XIX e começo do XX, acrescenta: “do ponto de vista temporal, nesses casos, vem à luz o reverso da ‘hipótese da retradução’, com a tradução inicial sendo mais literal e cedendo lugar às adaptações posteriores” (DEANE-COX, 2014).

Cheesman (2014) comenta a posição de Deane-Cox em relação à hipótese da retradução:

O livro da Dra. Deane-Cox fornece uma excelente introdução ao estado atual dos Estudos da Tradução. Ela conclusivamente *destrói* a “Hipótese da Retradução” de Antoine Berman. Seus estudos de caso nas retraduições para o inglês de Flaubert e George Sand evocam a extraordinária e imprevisível diversidade das estratégias textuais em leituras tocantemente sensíveis e extremamente contextualizadas.⁴⁵ (CHEESMAN, 2014, grifo nosso).

Sobre esse livro de Deane-Cox (2014), em resenha, Susam-Sarajeva (2014)⁴⁶ também considera que foi “enterrada de vez” a hipótese da retradução.

Cabe notar que Deane-Cox (2014, p. 4) enuncia o que ela chama de “lacônica hipótese da retradução” e a critica por não ter suas raízes fundadas em análises empíricas mais detalhadas do comportamento de retraduições e por não ter sido formulada como um endosso deliberado da lógica idealizada por Goethe ou de Berman. Segundo ela, Chesterman (2004, p. 8 *apud* Deane-Cox, 2014, p. 4) também usa essa hipótese para ilustrar diferentes tipos de hipóteses e universais de tradução potenciais, com a ressalva de que ‘ainda não se decidiu’ no que se refere à sua validade. Talvez seja esta a ressalva que tenha estimulado o posterior interesse no fenômeno, permitindo a hipótese da retradução ir além de “*suas origens humildes*” (DEANE-COX, 2014, p. 4).

Embora Susam-Sarajeva (2014) considere o trabalho de Deane-Cox como o ponto final colocado sobre o assunto, logo no ano seguinte, em 2015, a revista *Target*, 27:1 publica um volume inteiramente dedicado à questão da *Voz na Retradução*. As organizadoras convidadas, Cecilia Alvstad e Alexandra Rosa (2015) consideram que nem a retradução, nem o estudo da voz têm sido adequadamente teorizados nos Estudos da Tradução, nos últimos vinte anos, embora a retradução seja um terreno fértil para o estudo da voz: “Uma retradução

⁴⁵ Dr. Deane-Cox's book provides an excellent introduction to the state of play in *Retranslation Studies*. She conclusively demolishes the 'Retranslation Hypothesis' of Antoine Berman. Her case studies in English retranslations of Flaubert and George Sand draw out the extraordinary, unpredictable diversity of translators' textual strategies in acutely contextualised, sensitive close readings <http://concolebooks.website/books-list/retranslation-translation-literature-and-reinterpretation-bloomsbury-advances-in-translation.html> (Consultado em 20/07/2016)

⁴⁶ <http://www.bloomsbury.com/us/retranslation-9781441154668/> (Consultado em 20/07/2016).

é um texto onde as vozes de uma multiplicidade de agentes podem surgir, mas essas outras vozes são sempre moldadas pelos retradutores” (ALVSTAD; ROSA, 2015, p. 3). Nesse volume, Taivalkoski-Shilov diz que “entende-se voz como o conjunto de indicações textuais que caracterizam uma identidade subjetiva ou coletiva em um texto [...], sendo voz intratextual a voz de um personagem e voz extratextual, a dos tradutores e editores” (TAIVALKOSKI-SHILOV, 2015, p. 58).

Vemos, mais uma vez, que o tema da retradução não está enterrado: No Brasil, Mattos e Faleiros (2014), em seu artigo *A Noção de Retradução nos Estudos da Tradução: um percurso teórico*, apresentam um percurso semelhante ao nosso. Esses autores se referem a Gambier, que em 2012 publica um novo trabalho, em que, ao reler Berman, relê a si mesmo. E, nesse processo, vai ele próprio do *retour* (retorno a Berman, em 1994) ao *détour* (dele agora se desviando, em 2012). Esses autores consideram que:

Essa guinada teórica não deixa de refletir, com efeito, o próprio movimento dos estudos da retradução, que, como mencionamos, agora se abrem para outras perspectivas, em um gesto que busca permanentemente ressituar, problematizar, redimensionar, questionar o pensamento bermaniano (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 45-47)

Como vimos, nas referências aos textos publicados de 1994 a 2015, cada autor faz referência aos autores anteriores e dá sua contribuição pessoal para o tema. Desse modo, as vozes, que ainda se levantam [2015], são mais uma indicação de que não se “enterrou” o tema da retradução. Nosso trabalho vem, assim, contribuir com o domínio, trazendo mais uma voz para a discussão.

2 A TRADUÇÃO E A RETRADUÇÃO DE APSGH: A NOSSA VOZ

2.1 PREPARANDO O TERRENO

Em nosso estudo de caso, ao comparar as duas traduções de APSGH para verificar a validade da hipótese de Berman, nos deparamos com a peculiaridade do texto clariciano e como as traduções podem soar estranhas ao leitor, causando dificuldades de leitura que podem ser artificialmente atribuídas à autora, ou inversamente, aos tradutores.

Uma das tradutoras convidadas por Benjamin Moser para traduzir CL, Alison Entrekin (2014), escreveu:

Quando Ben Moser me convidou para traduzir o primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem*, para New Directions e Penguin Classics, meu primeiro sentimento foi de trepidação. Muito tinha sido falado sobre a ‘estranheza’ da escrita de Clarice e eu estava ciente dos obstáculos que podem estar presentes em uma tradução. Não que eu seja uma estranha ao não convencional. Há uma sólida tradição de experimentação com a forma na literatura brasileira e pelo menos metade dos trabalhos que traduzi eram desvios da norma, de um modo ou de outro.[...] ⁴⁷ Às vezes, em tradução, a gente precisa de uma estrela guia mais do que um conjunto de normas sobre como abordar o essencial dela. Para mim, a estrela guia é, frequentemente, o que eu sinto lendo o original, e com Clarice não foi diferente. Ante a miríade de escolhas (...) eu me pergunto constantemente: qual a que melhor reproduz a atmosfera e o espírito do original, o sentimento que eu tive quando o li pela primeira vez? No caso de Clarice ficou claro para mim que eu tinha que reproduzir aquilo que era sua cordabamba – em que a linguagem enigmática reflete a riqueza da vida interior de uma mulher distante do mundo, mas sem deixar escapar a profunda inteligência e coesão latentes no original. ⁴⁸ (ENTREKIN, 2014, p. 50-53).

Desse modo, como o tradutor pode dar conta da escrita particular de CL? E como o pesquisador pode dar conta das “estranhezas” da tradução e da retradução de sua obra, uma vez que o “estranho” em inglês pode ser tanto a “estranheza” do português como a não

⁴⁷ Clarice Lispector’s “New World of Feeling”. When Ben Moser invited me to translate Clarice Lispector’s debut novel *Near to the Wild Heart*, for New Directions and Penguin Classics, my first feeling was one of trepidation. Much has been said about the “foreignness” of Clarice’s writing, and I was aware of the pitfalls this can present in a translation. Not that I am a stranger to the unconventional. There is a solid tradition of experimentation with form in Brazilian literature, and at least half the works I have translated have deviated from the norm in one way or another. [...]

⁴⁸ Sometimes, in translation, one needs a guiding star more than a set of rules about how to approach the nuts and bolts of it. The guiding star, for me, is often how I felt when I was reading the original, and with Clarice it was no different. When faced with all the myriad of choices involved in any translation, I ask myself constantly, “What best reproduces the atmosphere and spirit of the original – the feeling I had when I was reading it for the first time?” In this case, it was clear to me that I had to try and reproduce that highwire act of hers – where the enigmatic language reflects the rich inner life of a woman estranged from the world, but without allowing the deep intelligence and underlying cohesion of the original to slip away.

estranheza? Ou seja, o que é estranho no português de CL pode reaparecer do mesmo modo em inglês, mas o que *não* é estranho em português pode também se tornar estranho em inglês, já que o próprio editor das traduções de CL, Benjamin Moser, tentava “pastorear” as traduções, “fazer os tradutores soarem como Clarice” (MOSER, 2011, p. 2), na tentativa de uma aproximação do autor, fazendo que as traduções soassem mais verdadeiras e, soando mais verdadeiras, fossem mais belas: “*beauty is truth, truth beauty*”⁴⁹.

Moser (2011) tinha preferência por traduções estrangeirizantes e considerava que “as traduções anteriores não fizeram justiça à linguagem ‘estranha e inesperada’ de Lispector”.⁵⁰ Por mais que Moser quisesse que a tradução ‘soasse’ como o original de Clarice,” Brad Johnson (2012, p. 1), por ocasião da então recém-lançada retradução de APSGH para o inglês, em sua resenha *Too Foreign*, compara-a com a primeira tradução, considerando ambas “domesticantes de um original estranho”. Assim, Johnson pergunta se “estamos lendo CL ou meramente os tradutores” e complementa: “os tradutores tentavam domesticar o ‘estranhamente composto’ português de Lispector, alisando as pregas de sua sintaxe e limpando o que pareceria uma gramática ruim, se não fosse intencional”. É interessante notar que Johnson reconhece a autoria dos tradutores, pois, segundo Venuti (2008, p. 8-9), este é um fato raro em resenhas de textos traduzidos para o inglês, que geralmente consideram o tradutor invisível.

Como preconizavam Goethe (1819 *apud* AZENHA, 2006, p. 53-55) e Berman (1990, p. 3), quando o leitor já estivesse familiarizado com a obra e com o autor, as novas traduções poderiam levá-lo aos poucos em direção ao texto original. Assim, podemos dizer que a primeira tradução de APSGH, feita por Ronald W. De Sousa, em 1988, preparou o terreno para a retradução, feita vinte e quatro anos depois por Idra Novey.

2.2 LENDO O AUTOR OU O TRADUTOR?

Assim como fez Johnson (2012), que ao comparar a tradução e a retradução de APSGH, perguntou “Estamos lendo Lispector ou meramente seus tradutores? Somos capazes de alcançar seu estilo quando sua língua nos é estranha?”⁵¹, na comparação das duas traduções

⁴⁹ A famosa equação de John Keats em *Ode on a Grecian Urn* onde beleza e verdade são iguais.

⁵⁰ “*previous translations hardly did justice to Lispector’s ‘strange and unexpected language.’*”

⁵¹ “*Are we reading Lispector at all, or merely her translators? Are we capable of accessing her style when her language is foreign to us?*”

de APSGH para a língua inglesa, a pergunta que se colocou, também para nós, desde o início, foi: como os leitores da tradução e da retradução lê Lispector? Será que ela lhes soa estranha?

Como já aventamos na Introdução desta dissertação, o original e as duas traduções foram digitados em colunas, lado a lado, e divididos em fragmentos numerados. Nesse procedimento, às vezes, digitávamos o original, e verificávamos, depois, como ele aparecia traduzido; outras vezes, digitávamos primeiramente as traduções e íamos descobrir como era o original. Assim, percebíamos paulatinamente como cada tradutor havia entendido e traduzido cada fragmento. Nesse processo, em alguns fragmentos, nos ocorria uma terceira tradução: ao ler os textos, íamos construindo mentalmente com autoria a nossa leitura e a nossa própria retradução, permeando-a com um olhar crítico.

Ao considerar essa questão, há que se pontuarem algumas características das duas traduções acima mencionadas. Ronald de Sousa (1988, p. ix), o autor da primeira tradução, escreveu em seu texto introdutório que, ao traduzir, “procurou tornar o texto traduzido mais convencional do que o original” [e como resultado] “perdeu algo da ambiguidade e idiosincrasia do original”, adotando, portanto, uma postura mais domesticante, para usar a terminologia de Venuti (1992, 1995).

A retradução de APSGH, feita por Idra Novey, por sua vez, seguiu uma linha de tradução mais estrangeirizante. Uma das questões colocadas durante a sua tradução foi, como já dito, “[q]uando priorizar a música, quando o sentido?” (NOVEY, 2012, p. 192).

Ocorre que nas obras literárias, principalmente as poéticas, as palavras, sua música e seu sentido são tão indissociáveis que o ideal seria que todos pudessem ler essas palavras originais e, no caso de nosso trabalho, o próprio texto de Lispector. Porém, como nem todos conseguem ler os originais, as traduções são necessárias. No entanto, elas não são menos originais: como preenchem um vazio, elas vão se produzir, “de alguma maneira, como obra original”, já que são necessárias para a própria sobrevivência do original.

Além disso, conforme visto anteriormente, a literatura faz parte de uma estrutura histórica, literária e cultural e a tradução literária também é parte de um sistema de funções que está continuamente em relação com os outros sistemas. Por isso, ainda, esta questão colabora para a singularidade das traduções ou, em outras palavras, para o seu caráter original. Esses sistemas vão, ademais, contribuir com as tendências tradutórias de determinado tempo e lugar.

Even-Zohar (1978, p. 7-8), em sua hipótese dos polissistemas, afirma que os tradutores dentro de um polissistema forte tendem a fazer uso da domesticação e a produzir, conseqüentemente, traduções caracterizadas por fluência superficial, ao passo que numa

cultura fraca prevalece a estrangeirização ou a tradução resistente. Scholes (1974, p. 10 *apud* BASSNETT, 2003, p. 131), no mesmo sentido, afirma que podemos considerar os gêneros literários e o conjunto da literatura como um sistema dentro do sistema maior da cultura humana.

Desse modo, em resposta à questão inicial, ao ler um original, o tradutor está lendo o autor e o leitor da tradução [ou da retradução] está lendo o tradutor [ou retradutor]. Mais que isso, os leitores leem aquilo que sua interpretação permite que leiam, naquele tempo e naquele espaço.

2.3 TODO RIGOR E NENHUM RESPEITO.⁵²

*A tradução é como música : o compositor a escreve
e cada intérprete a toca diferentemente, em
diferentes lugares e tempos*

(Widman)

Na comparação de uma tradução com o texto de partida, pode-se perceber que, assim como diz Skibinska (2002, p. 6), a subjetividade é inerente ao trabalho do tradutor e é percebida na comparação de várias traduções:

[a] criação de um novo texto, na língua de chegada é um ato de **re-criação** [...] e o tradutor escolhe entre os sinônimos e formulações, quais devem estar presentes e quais podem, talvez, se perder. Isso vai depender de muitos fatores, além de sua forma de ver o mundo e até do seu estado físico. Suas decisões podem ser voluntárias, sem nos esquecermos da parte não voluntária que se manifesta sob forma de marcas, ou de traços, inscritos no texto traduzido. O caráter subjetivo desses traços é perfeitamente visível na comparação de várias traduções de uma mesma obra. (SKIBINSKA, 2002, p. 7-8).

Segundo Aubert (1987, p. 15), traduzir é desviar; sem desvio não há tradução, mas somente cópia, mais ou menos imperfeita. Utilizamos a comparação de duas traduções de APSGH para verificar que desvios foram feitos. Assim, como diz Skibinska (2002), a retradução é uma ferramenta de investigação.

A coexistência de várias traduções, simultâneas ou sucessivas, da mesma obra, é um terreno de investigação para examinar os traços deixados pelo tradutor no texto, uma manifestação da sua subjetividade. [...] Além dos fatores “culturais”, “ideológicos”, “editoriais”, e do dado momento histórico, existem alguma evidências que mostram que a subjetividade é inerente ao trabalho do tradutor. (SKIBINSKA, 2002, p. 6).

⁵² Millor Fernandes – Revista Língua Nº 1, 2005 (revistalingua.com.br/textos/79/millor-tradutor-259453-1.asp)

Essas questões podem ser facilmente observadas em comparações de traduções. Na tradução de APSGH, por exemplo, no Quadro 2, já na primeira frase, os seis travessões do original são omitidos na tradução de Sousa. Trata-se de uma escolha do tradutor? Do editor? Não sabemos responder, mas os travessões são importantes, pois o livro começa e termina com seis travessões. Em alguns trechos, as diferenças se mostram mais evidente: em sendo o tradutor homem e a retradutor, mulher, foram observadas diferenças que podem ser atribuídas ao gênero, como na segunda linha do Quadro 2:

Quadro 2 - Algumas diferenças I

CL	T Sousa	RT Novey
- - - - - estou procurando , procurando. Estou tentando entender.	<i>I keep looking, looking. Trying to understand.</i>	- - - - - <i>I'm searching. i'm searching. i'm trying to understand.</i>
[...] tanto para os outros como para mim mesma, numa zona que socialmente fica entre mulher e homem .	<i>as much for myself as for others, in an area between man and woman.</i>	<i>for others as for myself, in a region that is socially between women and men.</i>

Como interpretar as escolhas de Souza, marcadas em negrito, que optou por *looking* quando o mais usual seria *looking for* e inverteu a ordem em *myself/others* e em *man/woman*, em relação ao original? Poderíamos explicá-las como exigências da língua inglesa, mas Novey, também de nacionalidade americana, manteve a ordem do original em *others/myself* e *women/men*. Por outro lado, pluralizou os substantivos *women/homem*, o que dá ao texto um outro ponto de vista. Em que medida essas diferenças seriam subjetivas, linguísticas ou ainda editoriais?

A primeira tradução foi encomendada e publicada por uma editora universitária, provavelmente porque naquela época o público universitário era o que mais poderia se interessar por Lispector. Mas, como a língua é viva, os vinte e quatro anos entre o texto original e a primeira tradução e os outros vinte e quatro entre a tradução e a retradução foram marcados por acontecimentos históricos em ambos os lados. A retradução foi publicada, por sua vez, em outro contexto por uma editora comercial, o que pode ter influenciado algumas escolhas tradutórias, pois segundo Kristina Taivalkoski-Shilov (2015), através da análise extratextual, podemos ter indicação do papel ativo dos editores e tradutores nos processos de retradução. Além disso, temos a subjetividade que é um fator crítico e não pode ser eliminado.

Assim, os tradutores são os autores das traduções e o modo como traduzem é efeito de sua subjetividade. Schiavi (1996, *apud* ALVSTAD; ROSA 2015, p. 5) diz que “o tradutor está discursivamente presente no texto e é possível identificar um tradutor implicado” [...] e “o tradutor implicado provavelmente será qualitativamente diferente do autor do texto fonte”. Seja o tradutor “implicado” ou não, ao traduzir disse Millor Fernandes em entrevista, no primeiro número de *Língua*, em 2005:

É preciso ter todo rigor e nenhum respeito pelo original. Em outras palavras, “traduzir bem é obter o melhor resultado possível no idioma de chegada, o resultado mais inteligível e inteligente, encarando o idioma de partida como de fato é: um ponto de partida. Não se deve ter “nenhum respeito” com o original para captar-lhe o espírito. (MILLOR FERNANDES, 2005).

A despeito desse honroso “desrespeito”, vale notar que, apesar das ponderações anteriores, nossa análise quantitativa não permite determinar as causas das diferenças entre original e tradução, entre original e retradução e entre tradução e retradução, mas apenas observar as tendências das estratégias adotadas nas traduções. Desse modo, podemos agora reformular a resposta anteriormente elaborada à questão sobre quem estamos lendo ao ler uma tradução ou uma retradução: estamos lendo a tradução e, com ela, todos os agentes que dela participaram. É oportuno também lembrar aqui que vários autores apresentaram métodos de abordagem *quantitativa* a esse respeito, dentre os quais está o pesquisador belga Piet Van Poucke (2012), que enfatiza a relevância desse tipo de abordagem e sugere, para isso, um modelo de escala da estrangeirização à domesticação afirmando que:

[a] maioria dos estudos sobre estrangeirização são conduzidos de modo qualitativo, levando em conta e discutindo minuciosamente apenas alguns detalhes sobre algumas variáveis específicas da estratégia do tradutor, mas não medindo o grau de estrangeirização de uma tradução. Neste artigo, é feita uma tentativa de construir um modelo quantitativo para abordar as traduções em uma escala estrangeirização-domesticação baseada nas várias taxonomias de mudanças em tradução, levando em conta não somente as variáveis lexico-semânticas, mas também as sintáticas e estilísticas (cf. Chesterman, 1997) em uma análise microestrutural. (VAN POUCKE, 2012, p. 139).⁵³

Em sua “tentativa de construir um modelo quantitativo”, Van Poucke (2012) busca “operacionalizar os conceitos de *estrangeirização* e *domesticação*” com a intenção de medir o *grau* de estrangeirização em uma tradução literária. O modelo apresentado por ele permitiria

⁵³ [m]ost studies on foreignization are conducted on a rather qualitative basis, taking into account and discussing in detail only some specific variables of the translator’s strategy, but not really measuring the degree of foreignization of a translation. In this paper an attempt is made to construct a quantitative model for assessing translations on a foreignization-domestication scale, based on the different existing taxonomies of translation shifts, and taking into account not only lexico-semantic, but also syntactic and stylistic variables (cf. Chesterman 1997) in a microstructural analysis.

comparar grandes quantidades de tradução e detectar as estratégias prevalentes, respondendo a questões do tipo: “a literatura russa, quando traduzida para o holandês, seria mais domesticante do que a literatura inglesa? Ou: as traduções literárias holandesas da década de 1960 seriam mais estrangeirizantes do que as dos anos 1990?”

Van Poucke (2012) pergunta se as estratégias poderiam ser transformadas em um *continuum* que possa ser usado como uma ferramenta para medir o grau de estrangeirização da estratégia escolhida pelo tradutor de uma obra literária; se seria possível fazer uma distinção entre “*estrangeirização forte*”, “*estrangeirização fraca*”, “*fortemente domesticante*”, “*levemente domesticante*” e, talvez, até traduções “*neutras*”. Se isso fosse possível, seria viável construir uma escala de 1 a 10? Ele considera utópica a construção de um *continuum* de mudanças puro, devido ao fato de elas não serem comparáveis. Assim, para ele, o pesquisador é forçado a “formatar” as várias mudanças possíveis em quatro ou cinco campos maiores, cada um deles incluindo uma ou mais mudanças. O autor, porém, não explica por que não são comparáveis.

Para comparar as duas traduções de APSGH do nosso material com o original e verificar se, nesse caso, confirma-se a chamada “hipótese de Berman”⁵⁴, escolhemos, dentre os métodos quantitativos existentes, as *modalidades de tradução* de Aubert por considerarmos que se trata de um método relativamente simples para quantificar as estratégias de tradução que, na maior parte dos estudos, têm sido analisadas apenas qualitativamente. Além disso, não encontramos, como já dissemos, nenhum estudo de aplicação do MMT para a verificação quantitativa da hipótese bermaniana.

2.4 CLARICE, A MULHER

Sua arte nos faz querer conhecer a mulher que escreveu;
(Benjamin Moser)

Analisando as duas traduções de uma obra de CL para o inglês, não foi possível escapar de mergulhar na sua vida, procurar conhecer a mulher e sua arte:

⁵⁴ A “hipótese de Berman”, de que a primeira tradução de uma obra é mais domesticante do que as retraduições, será retomada adiante.

Quem é clariciano tem esse olhar louco, é bruxaria, [...] Se não gosta de CL não é minha gente. [...] É uma coisa que não entre pela mente, entra pelo coração e pela barriga. [...] Uma biografia não é linear. (MOSER, 2010)⁵⁵

Os dados aqui expostos foram obtidos principalmente de duas biografias de Clarice Lispector, a escrita por Nadia Gotlib (1995), *Clarice, uma vida que se conta*, e a escrita por Benjamin Moser (2009), *Why this world*, com semelhanças e diferenças entre elas, tendo ficado difícil separar o que conta uma do que conta a outra.

Por volta de 1919, não se sabe a data certa, quando a família Lispector morava em uma cidadezinha chamada Haysyn, na Ucrânia, ocorreu um “pogrom” (invasões violentas contra os judeus, que ocorriam particularmente na Rússia ou no leste europeu, a partir do séc. 19, com destruição das casas, massacres e estupros). Esse fato, provavelmente, foi decisivo para a sua saída da cidade. Conseqüentemente, algumas biografias, principalmente a de Moser (2009, p.27-28), dizem que sua mãe foi estuprada e contaminada com sífilis, embora não hajam provas documentais desses fatos. Benjamin Moser, em entrevista na FLIP, em 2010⁵⁶, disse que para ele “esse foi o assunto mais difícil de tratar” (Moser, 2010). Naquele tempo, havia uma crença que a gravidez curaria a doença e Clarice teria sido gerada com essa esperança, tendo relatado isso em *Pertencer* ([1968]1984):

[n]o entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. (LISPECTOR, 1984).

Após o pogrom, os Lispector tentaram emigrar mas não conseguiram, então, foram para Tchetelnic, uma cidadezinha próxima da fronteira, onde Clarice nasceu, sem sequelas inatas de sífilis, em 10 de dezembro de 1920⁵⁷ tendo recebido o sugestivo nome de Chaia (Haia), que significa “vida”, em hebraico. A mãe não se curou e morreu 10 anos depois. Não havendo a data certa do pogrom, nem a data certa do nascimento, Clarice pode ter sido fruto desse estupro, por seus traços físicos, com olhos amendoados e maçãs do rosto proeminentes (característica dos ucranianos por influência da conquista mongol-tartara no séc. XIII) e por ter nascido logo depois que a família deixou Haysyn: “Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida” (LISPECTOR, 1984). Na religião judaica, a criança nascida de mãe judia, mesmo que o pai não seja judeu, é considerada judia e absorvida pela comunidade, provavelmente para preservar as crianças

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=G52QgSaRwHU> (Consultado em 29/05/2016)

⁵⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=G52QgSaRwHU> (Consultado em 29/05/2016)

⁵⁷ “A provável data de nascimento”, segundo Nádia Battela Gotlib, 1995.

nascidas de estupros. Por curiosidade, no caso da mãe não ser judia, mesmo que o pai seja judeu, a criança não é considerada judia.

Em 1922, os Lispector conseguiram emigrar para o Brasil, onde já viviam os tios de Clarice, em Maceió. Aqui chegando, adotaram nomes brasileiros e Chaia tornou-se Clarice. Após três anos, a família mudou-se para Recife onde, além das disciplinas básicas do então curso primário (quatro primeiros anos do ensino fundamental), estudou hebraico, iídiche e tomou aulas de piano. Em 1930 sua mãe faleceu. Naquela época uma colega de escola lhe emprestou, a contragosto, o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato e seu conto “*Felicidade clandestina*” (1971) narra esse episódio.

Mudaram-se para o Rio de Janeiro, em 1935, onde terminou o ensino o médio, deu aulas particulares de matemática e português, estudou datilografia, frequentou a Cultura Inglesa. Em 1939, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro que, naquele tempo, absolutamente, não tinha judeus e tinha somente três mulheres. Clarice ficou órfã de mãe aos nove anos e aos vinte perdeu o pai, por complicações pós-operatórias de uma cirurgia de vesícula biliar.

Nessa época, começou a trabalhar como secretária em um escritório de advocacia e num laboratório, além de fazer traduções de textos científicos para revistas. Com seu primeiro salário, comprou o livro *Bliss – Felicidade*, de Katherine Mansfield e ao ler sentiu profunda afinidade com a autora: “Mas esse livro sou eu!” (MOSER, 2009, p. 143). O seu primeiro conto conhecido, *O Triunfo*, foi publicado, em 1940, na revista Pan.

Logo após a morte do pai, publicou *Eu e Jimmy* (1940), um conto com temática feminista. A seguir, passou a trabalhar na Agência Nacional, uma agência de notícias do governo e como não havia vaga para tradutor, Clarice foi designada como editora e repórter, a única mulher que ocupava tal cargo. Ali, conheceu o escritor e jornalista Lucio Cardoso, com o qual desenvolveu uma forte amizade e por quem teve uma paixão não-correspondida, pois ele era homossexual.

Precisando agilizar seu processo de naturalização, para poder formar-se e casar-se com Maury Gurgel Valente, seu colega de Faculdade que seguiu a carreira diplomática, escreveu uma Carta a Getúlio Vargas pela qual pede que ele a reconheça como brasileira:

Quem lhe escreve é [...] uma russa⁵⁸ de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. Que não tem pai nem mãe (...) Que

⁵⁸ Naquela tempo, ucranianos, romenos, bielorrussos, consideravam-se russos, um grupo eslavo distinto que tinha como língua materna o russo.

deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. [...] tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A Assinatura de V. Exa. tornará de direito uma situação de fato. Creia-me Senhor Presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente.⁵⁹ (LISPECTOR, 2002, p. 33)

Casaram-se em janeiro de 1943. Em dezembro desse ano publica *Perto do Coração Selvagem*, com impressão de mil exemplares, muito elogiada pela crítica especializada e comparada a Virginia Woolf, James Joyce e Marcel Proust. Embora Álvaro Lins, no Correio da Manhã tenha classificado o livro como “experiência incompleta”, ganhou o prêmio Graça Aranha como melhor romance do ano, em 1944.

A seguir, seu marido foi designado vice-consul em Nápoles, dando início a um período de quase 16 anos de vida nômade do casal: Itália, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos. Enquanto viviam nos Estados Unidos, fizeram uma viagem à Holanda, na volta, o avião pousou na Groenlândia, episódio esse contado numa das suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*.

Clarice e Maury tiveram dois filhos, Pedro, em 1948, que na adolescência foi diagnosticado com esquizofrenia, e Paulo, em 1953. Em 1959 o casal separou-se e Clarice voltou a morar no Rio de Janeiro. Não tendo publicado entre 1957 e 1964, escreve, nesse ano, *A Paixão Segundo G.H.*, um de seus textos mais densos e que ela considerava ser “o livro que melhor correspondia à sua exigência como escritora” (MOSER, 2009, p. 270). É um texto tão perturbador que a própria Clarice recomenda que “seja lido apenas por pessoas de alma já formada” ([1964] 2009, p.5).

Em 1966, adormeceu fumando e provocou um incêndio que quase a matou. Após esse episódio, Clarice entrou em depressão mas, mesmo assim, continuou trabalhando. *O mistério do coelho pensante*, para crianças, foi publicado em 1967 e premiado com a Ordem do Calunga como o melhor livro infantil. Nos últimos sete anos de sua vida desenvolveu uma grande amizade com Olga Borelli que a ajudou a datilografar, com ela viajou e dela ficou perto até a morte, em 1977.

Em fevereiro de 1977 foi entrevistada pelo jornalista Júlio Lerner nos estúdios da TV Cultura, em São Paulo, sendo esse o único registro audiovisual de Clarice. Reservada, imprevisível, Clarice pediu ao entrevistador que o programa só fosse transmitido postumamente, como se soubesse que estava doente. Pouco tempo depois de publicar *A Hora da Estrela*, em outubro desse mesmo ano, foi diagnosticada com câncer de ovário irreversível

⁵⁹ Lispector, 2002. *Correspondências*

e faleceu em 09 de dezembro de 1977, um dia antes de fazer 57 anos. Seu último romance, *Um sopro de vida – Pulsações*, (1978) foi publicado após sua morte:

Se me perguntarem se existe vida da alma depois da morte [...] respondo num hesitante esquema: existe mas não é dado saber de que forma essa alma viverá. [...] Vida, vida recoberta em um véu de melancolia. Morte: farol que me guia em rumo certo. (LISPECTOR, 1999, p. 156).

2.5 CLARICE, A ARTE

[u]ma mulher que nos faz querer conhecer sua arte
(Moser)

Ninguém que lê Clarice fica incólume. Pode gostar ou não, mas não fica intocado. Para mim, Clarice surgiu assim como para Hélène Cixous (v. Introdução):

Uma voz de mulher me chegou de muito longe, como uma voz da cidade natal, trouxe saberes que já tive outrora, saberes íntimos, ingênuos e sábios, velhos e frescos como a cor amarela e violeta das frésias reencontradas, essa voz que eu não conhecia, [...] ela não me buscava, nem escrevia para ninguém, nem para todos, nem por escrever, escrevia em uma língua estrangeira, que eu não falava, mas meu coração compreendia, e suas palavras silenciosas, em todas as veias de minha vida se traduziam em sangue louco, em sangue-alegre.⁶⁰ (CIXOUS, 1979, p. 10).

Também ocorreu em mim, como para Alison Entrekin (2014), sua tradutora de *Perto do Coração Selvagem*, quando relata o impacto que Clarice teve sobre ela:

[e]u gostava do jeito que ela me fazia sentir: com vertigem, com um sentido de antecipação, como se ao virar as páginas algo fosse ser revirado, como se apenas com sintaxe ela pudesse me mostrar algo novo sobre mim mesma, explicar o mundo de um modo que nunca tinha me ocorrido.⁶¹ (2014, p. 50).

A autora segue dizendo que “suspeita que gerações de brasileiros leram Clarice por causa dessa mesma alegria inebriante: pelo prazer de se perder em um mundo onde o eixo do

⁶⁰ *Une voix de femme est venue à moi de très loin, comme une voix de ville natale, elle m'a apporté des savoirs que j'avais autrefois, des savoirs intimes, naïfs et savants, anciens et frais comme la couler jaune et violette des freshias retrouvés, cette voix m'était inconnue, [...] cette voix ne me cherchait pas, elle écrivait à personne, à toutes, à l'écriture, dans une langue étrangère, je ne la parle pas, mais mon cœur la comprend, et ses paroles silencieuses dans toutes veins de ma vie se sont traduites en sang fou, en sang-joie.*

⁶¹ *I liked the way it made me feel; giddy, with a sense of anticipation, as if I could turn the page and something would be revealed, as if with syntax alone she could show me something new about myself, explain the world in a way that had never occurred to me before.*

significado é inclinado, onde as palavras e a sintaxe são ao mesmo tempo familiares e estranhas” (ENTREKIN, 2014, p. 51).

Senti também como Idra Novey, a retradutora de APSGH, que leu tantas vezes a primeira tradução, a ponto de saber algumas passagens de cór e “foi estudar português para poder ler o livro no original” (NOVEY, 2012, p. 193). No livro *Clarice, a Visitante* (Novey, 2014, p. 5) ela relata a “invasão” pela qual foi tomada durante a tradução de APSGH:

No livro de Edward Gorey, *The Doubtful Guest*, um tipo de pinguim chega de cachecol e tênis brancos e aperta sua face no papel de parede.[...] Cada autor que traduzi se tornou esse tipo de visitante [...] O que a chegada da voz de um autor causa em nossa relação com nossa própria mente.⁶² (NOVEY, 2014, p. 5)

Caetano Veloso (2012), escreveu na *Introdução* à retradução de Idra Novey: “G.H. aparece como um romance acima e além da perfeição. [...] É uma experiência transformada em arte literária, na qual a harmonia e a desorganização são o preço da revelação” (VELOSO, 2012, p. vii)

As palavras transmitem emoção e, no livro APSGH, a importância da palavra é tão grande que a tarefa do tradutor fica difícil, o tradutor tem que lidar com a própria emoção. Além disso, o estilo *sui generis* de Clarice, que está entre poesia e prosa, com repetições, fugas e neologismos e respirações, torna o trabalho ainda mais difícil.

2.6 A PAIXÃO

Em relação à estatística de menos de 0,7% de traduções de literatura e poesia nos Estados Unidos, Benjamin Moser (2011), que teve o mérito de organizar e publicar as traduções de obras consideradas “difíceis” de Clarice Lispector, em 2012 e 2015, e de tentar respeitar a estrangeiridade da autora em questão, comentou em *Brazil’s Clarice Lispector Gets a Second Chance in English* (2011, p. 2)⁶³ sobre “a conhecida dificuldade de um autor ser traduzido para o inglês e, mais rara ainda, a oportunidade de ser traduzido duas vezes”. Moser também disse que “queria que os tradutores soassem como Clarice” até quando eles, “mesmo inconscientemente, tentassem suavizá-la”. Podemos pensar que seu trabalho, como

⁶² In Edward Gorey’s *The Doubtful Guest*, a penguin-like creature arrives in a scarf and white sneakers and presses its face to the wallpaper. [...] What does the visitation of an author’s voice do to your relationship with your own mind [...]?

⁶³ Moser explica que chama Clarice Lispector de Clarice, pois é assim que ela é chamada no Brasil.

ele diz, de “pastorear as traduções” deixando-as “soar como Clarice em português” o deixa mais próximo das prescrições político-éticas venutianas.

Por outro lado, a publicação da tradução de uma obra de um autor aumenta o interesse por outras obras desse autor. Foi o que ocorreu com Lispector. Em 2012 foram lançadas, nos Estados Unidos, ao mesmo tempo, quatro retraduições de livros de CL, em que cada uma tinha, na capa, uma parte do rosto da autora, ou seja, quatro livros com, cada um, um quarto do rosto da autora. Assim, para completar o rosto, era necessário juntar, ou comprar, os quatro livros. Parece que a estratégia deu certo, tanto que em 2015, a New Directions lançou outro livro de CL, *The Complete Stories*, do qual, Moser disse que um livro brasileiro nunca tinha tido tanto sucesso, nos Estados Unidos. Também podemos associar o maior interesse pela obra de Lispector ao aumento de interesse pelo modernismo e pós-modernismo, pela disseminação de conhecimento envolvendo gênero, mulher e feminismo, que influenciou a seleção, produção e distribuição de traduções relacionadas a esses temas.

O Modernismo brasileiro pretendia romper com o tradicionalismo. Tinha como objetivo a libertação estética, a experimentação e a independência. A sua chamada Terceira Fase se inicia em 1945 e vai até 1960. Alguns estudiosos consideram essa fase como Pós-Modernista e a levam até os dias de hoje. Clarice Lispector é considerada representante dessa fase modernista brasileira.⁶⁴

Clarice Lispector, da chamada geração de 1945, apresenta em suas obras uma linguagem marcada pela inovação, intimismo e expressividade. Em sua arte e habilidade de usar a linguagem, o ritmo (que inclui forma e pontuação) e o estilo são peculiares. *APSGH* foi escrito na primeira pessoa e passa-se em um só dia, num quarto de empregada de um apartamento de cobertura, no Rio de Janeiro, onde a protagonista G.H. encontra uma barata. Com repetições e “sons”, a obra de Clarice tem um estilo literário que podemos chamar de prosa poética.

Lispector, comentando sobre o abstrato e o figurativo, na obra *A legião estrangeira* (1964, p. 151), disse: “Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu.” Assim como os pintores abstratos buscavam retratar estados mentais e emocionais, os compositores modernos expandiram as leis da harmonia tradicional

⁶⁴ Na tradução, a época teve seu expoente no Brasil em Haroldo de Campos que, na sua tradução do Fausto, de Goethe, destaca a importância da palavra e explica suas escolhas tradutórias. Segundo o blog de Rachel Nunes e Marcos Nunes, “Haroldo de Campos se direciona ao texto original de forma antropofágica”, com “a ideia da tradução como recriação” (v. <http://rachelsnunes.blogspot.com.br/2011/11/modernismo-vanguardismo-e-traducao-na-23.html>).

e, segundo Moser (2011): “Clarice desfez os padrões reflexivos da gramática, seu discurso ‘estranho’ não era por ter nascido na Europa ou por não saber português. Era uma das mulheres mais cultas de sua geração” (MOSER, 2011, p. 1).

Neste trabalho, as seguintes edições foram utilizadas: *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector [1964], na edição da Rocco de 2009; *The Passion According to G.H.* [1988], tradução de Ronald de Sousa, publicada pela University of Minnesota Press, em 2010, e *The Passion According to G.H.* [2012], tradução de Idra Novey, pela New Directions & Penguin Classics, de 2012.

2.7 CLARICE TRADUZIDA: CIXOUS E MOSER

Depois que Hélène Cixous escreveu *Vive l'orange*, em 1979, e *L'heure de Clarice Lispector*, em 1989, Clarice foi adotada como ícone pelo movimento feminista e tornou-se mais conhecida internacionalmente.

Hélène Cixous nasceu na Argélia em 1937, em uma família de judeus franceses constituída de exclusão e não pertencimento. Foi influenciada por Derrida, Freud, Lacan e Rimbaud. Juntamente com Luce Irigaray e Julia Kristeva, é considerada uma das mães da teoria pós-estruturalista feminista. Nos anos 1970, Cixous começou a escrever sobre a relação entre sexualidade e linguagem, ligando diretamente a sexualidade ao modo como nos comunicamos. Assim como Sigmund Freud, Jacques Lacan e Jacques Derrida, Cixous usa o termo falocentrismo para se referir ao privilégio do falo na definição das mulheres pela falta do falo, à oposição binária como centro de referência da linguagem.

Os escritos de Hélène Cixous foram muito importante para que traduções da obra de Clarice Lispector fossem realizadas. Carrera (1999), depois da publicação dos livros de Cixous e da primeira tradução de APSGH para o inglês, escreve sobre a leitura “idiossincrática” que a feminista Hélène Cixous fez da autora a partir de 1979, com o efeito de chamar a atenção do público internacional para o trabalho da escritora brasileira e também de levantar a questão se é ou não possível ler e ser lido pelo *outro* de um modo não apropriativo. Também Arrojo (2002, p. 142) escreve:

Há uma relação assimétrica semelhante à do autoritarismo, do patriarquismo e do colonialismo, onde o tradutor ou o intérprete são comparados à mulher e ao colonizado e são introduzidas as ideias de Hélène Cixous como derivadas da noção do “feminino”, transcendendo a oposição tradicional biológica entre homem e mulher: *A*

relação de Cixous com Clarice Lispector foi na direção contrária dos paradigmas das relações coloniais e patriarcais, pois é a europeia que desempenha o papel de seduzida e transforma a escritora brasileira na fonte de sua produtividade, como escritora e pensadora. (ARROJO, 2002, p. 144, grifos nossos).

Ainda segundo Arrojo (2002):

Cixous rejeitava as traduções da obra de Clarice, que impediriam os leitores de ter acesso ao que ela achava ser essencial, a palavra e o estilo. Como ensinar uma autora cujos textos são escritos em português do Brasil a estudantes não familiarizados com essa língua periférica? De acordo com Cixous, através de uma cuidadosa estratégia de tradução “palavra por palavra” como ela fazia nos seus seminários (Cixous 1991a *apud* Arrojo, 2002, p. 148), e que parecia seguir um raciocínio semelhante às estratégias pós-coloniais atuais [...] numa opção por “literalidade”, evitando “homogenizar” o original (ibid., p. 185) e seguindo a concepção de Lawrence Venuti de tradução estrangeirizante que visava evitar ‘dominar e domesticar o texto estrangeiro, aniquilando sua estrangeiridade’. (ARROJO, 2002, p. 148)

Mas, apesar das dificuldades de seus textos e da rejeição de Cixous às suas traduções, a obra de Lispector, ou o “elo perdido” de sua escritura, foi traduzida e adentrou fronteiras. Na resenha de 1989, sobre a primeira tradução de APSGH para o inglês, Suzanne Ruta diz:

O deserto africano de Camus, a barata de Kafka e a dispepsia radical de Sartre, todos aparecem no brilhante e interessante romance da falecida Clarice Lispector, “APSGH”. Poderia ser essa talentosa brasileira o elo perdido entre os dois grandes movimentos intelectuais da França moderna, o existencialismo e o estruturalismo? Isso explicaria por que, embora pouco conhecida nos Estados Unidos, é levada muito a sério na França. O existencialismo incita ao risco, à escolha, à liberdade alcançada jogando fora os papéis sociais apreendidos e as categorias de pensamento recebidas. O estruturalismo, com uma ligeira mudança de foco, estuda essas categorias de pensamento e as vê como inevitavelmente ligadas pois estão inseridas na própria língua.⁶⁵ (RUTA, 1989).

Aproximamos, como já dito, essa escritura particular de Lispector de uma prosa poética. Na tradução de prosa poética encontra-se uma problemática semelhante à da tradução de poesia. Haroldo de Campos (2010, p. 43 *apud* GULDIN, 2007) considera que o tradutor, na tradução de poesia, deve ter “uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido”:

Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivisseção implacável, que lhe revolve

⁶⁵ *The African desert of Camus, Kafka's cockroach and Sartre's radical dyspepsia all make guest appearances in the late Clarice Lispector's brilliant and entertaining philosophical novel, "The Passion According to G.H." Could this talented Brazilian be the missing link between the two great intellectual movements of modern France, existentialism and structuralism? That might explain why, little known in the United States, she's taken very seriously indeed in France. Existentialism incites to risk, choice, freedom achieved by throwing off learned social roles and received categories of thought. Structuralism, with a slight shift of focus, studies those categories of thought and sees them as inescapably binding because they are embedded in language itself.*

as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica. (HAROLDO DE CAMPOS, 2010, p. 43, *apud* GULDIN, 2007).

Benjamin Moser (2009) é o autor de “Clarice,” (*Why This World*), biografia de Clarice Lispector, publicada em oito países. Seu trabalho recebeu o primeiro Prêmio Itamaraty de Diplomacia Cultura, por ter universalizado a escritora. Além de editar as quatro retraduações publicadas pela New Directions e Penguin Classics, em 2012, entre as quais, APSGH, editou e introduziu *The Complete Stories*, com todos os contos de CL.

Craig Morgan Teicher (27/09/2011)⁶⁶, por ocasião da publicação das quatro retraduações, escreve que a “*New Directions ressuscita Clarice Lispector com novas traduações*”:

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora amada no Brasil e cuja prosa constantemente surpreendente e experimental foi amada por escritores ingleses da metade do século como Elizabeth Bishop, mas pouco conhecida dos leitores em geral nos Estados Unidos e Reino Unido, devido ao fato que, de acordo com o seu biógrafo Benjamin Moser, as traduações publicadas em inglês não representaram bem as qualidades do trabalho dela. [...] “O problema era que os livros eram tão mal traduzidos – a maioria deles – que eram quase ilegíveis em inglês. [...] Quando Moser ouviu dizer que a New Directions estava se preparando para relançar o último livro de Lispector, *A Hora da Estrela* em sua tradução original de Giovanni Pontiero, com uma nova introdução de Colm Toibin, ele procurou Epler e insistiu para que fizessem juntos uma nova tradução: “É impossível dizer não para esse cara,” disse Epler. “Ele, finalmente me ameaçou e me encostou na parede dizendo que ele mesmo iria fazer a tradução em duas ou três semanas.” Moser tinha resistido à ideia de ele mesmo traduzir Lispector, mas finalmente decidiu fazê-lo para não perder a oportunidade de oferecer aos leitores anglófonos uma tradução digna do legado de Lispector. De acordo com Epler, a tradução original “também tem suas qualidades. A versão de Ben é muito diferente. A de Pontiero é *muito mais suave*.” Moser insiste em dizer que Lispector é “inconcebivelmente difícil de traduzir e de ler às vezes. Mas ela tem essa voz tão característica. Ela é inimitável. Uma tradução é, em algum grau, uma imitação. Você tem que descobrir como fazer isso,” disse Moser.⁶⁷ (TEICHER, 2011, grifos nossos).

⁶⁶ (Chronicle Books www.publisherweekly.com)

⁶⁷ *Clarice Lispector (1920-1977) was a beloved Brazilian novelist whose constantly surprising, experimental prose was beloved by mid-century English-language writers like Elizabeth Bishop, but little known to general readers in the U.S. and U.K., due to the fact that, according to Lispector biographer Benjamin Moser, the published English translations do not give a good representation of the qualities of her work. [...] “The problem was the books were so badly translated - most of them, not all of them--were almost unreadable in English [...] When Moser heard that New Directions was preparing to reissue Lispector’s last novel, *The Hour of the Star* in its original English translation by Giovanni Pontiero with a new introduction by Colm Toibin, he contacted Epler and insisted they do a new translation: “You can’t say no to that guy,” said Epler. “He finally just put a bag over my head and clubbed me and said he’d do the translation himself in two or three weeks.” Moser had resisted the idea of translating Lispector himself, but finally decided to do it so as not to miss the chance to offer English readers a translation he felt worthy of Lispector’s legacy. According to Epler, the original translation “also has its qualities. Ben’s version is very different. It’s much more smooth in the Pontiero.” Moser insists Lispector is “incredibly difficult to translate, and to read at times. But she has this extremely distinctive voice. She’s inimitable. A translation is at some degree an imitation. You have to find out how to do that,” said Moser (Craig M. Teicher 27/09/2011) (Chronicle Books) www.publisherweekly.com*

Nessa resenha, escrita ainda antes da publicação da retradução de APSGH (2012), pela New Directions e Penguin Classics, Morgan Teicher cita a retradução de *A Hora da Estrela*, feita por Moser, acentuando que a primeira tradução “é muito mais suave” do que a retradução, confirmando a hipótese de Berman. E cita Moser, dizendo que “Lispector é inconcebivelmente difícil de traduzir e, às vezes, até de ler” e também que “ela tem essa voz tão característica, inimitável”. Moser também comenta que “uma tradução é, em algum grau, uma imitação e você tem que descobrir como fazer isso”. A nosso ver essa resenha descreve muito bem o trabalho de tradução e retradução, através da obra de CL e introduz um tema interessante: a voz em retradução.

Assim como os livros de Hélène Cixous (1979, 1989), a biografia de Clarice *Why this world* (“Clarice,”), escrita por Benjamin Moser, foi muito importante para divulgação de Clarice desde então, fora do Brasil. Moser explica que queria estudar chinês mas desistiu e foi estudar português e ao pegar um livro de Clarice: “foi amor à primeira vista, em alguns minutos se apaixonou”⁶⁸

2.8 REALIDADE DELICADA E DIFÍCIL⁶⁹

Uma dificuldade que se coloca na tradução de Clarice Lispector é a questão do ritmo. No ritmo, a noção de compasso é fundamental, tem músicas que são regulares e tem músicas que são sincopadas: uma anomalia rítmica. A repetição, formando o ritmo é uma identidade da música e a percepção rítmica pressupõe uma respiração. Berman disse que “o romance, a carta e o ensaio não são menos rítmicos do que a poesia. [...] no entanto, a deformação na tradução pode afetar consideravelmente a rítmica, por exemplo ao alterar a pontuação” (2007, p. 55-56).

Na obra de Lispector, o ritmo, marcado pela pontuação, é muito importante. Numa nota ao linotipista Clarice disse: “Agora um pedido, não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E se você me achar esquisita, respeite também.” Em tradução, no entanto, como respeitar essa respiração se a pontuação na língua inglesa pode demandar acomodações e ser diferente?

⁶⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=G52QgSaRwHU>

⁶⁹ Lispector (1964, p. 151): “Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu.”

Nas duas traduções do prefácio/recomendação (*Aos Possíveis Leitores*), podemos ver que nenhum dos dois tradutores respeitou o ritmo: os parágrafos do original, que marcam a respiração da leitura. Por exemplo: “Este livro é como um livro qualquer”, [parágrafo – pausa]. Ainda no prefácio temos a questão da forma: Sousa tentou respeitar a forma original, em estrofes, mas Novey (ou seu editor) o colocou em forma justificada.

Este livro é como um livro qualquer. [parágrafo]
Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas
por pessoas de alma já formada. [parágrafo]
Aquelas que sabem que a aproximação
do que quer que seja, se faz gradualmente
e penosamente – atravessando inclusive
o oposto daquilo que se vai aproximar. [parágrafo]
Aquelas pessoas que, só elas,
entenderão bem devagar que este livro
nada tira de ninguém. [parágrafo]
A mim, por exemplo, o personagem G.H.
foi dando pouco a pouco uma alegria difícil;
mas chama-se alegria.
(LISPECTOR, 1964)

This is a book just like any other book. But I would be happy if it were read only by people whose outlook is fully formed. People who know that an approach – to anything whatsoever – must be carried out gradually and laboriously, that it must traverse even the very opposite of what is being approached. They and they alone will, slowly, come to understand that this book exacts nothing of anyone. Over time, the character G.H. came to give me, for example, a very difficult pleasure; but it is called pleasure.⁷⁰
(SOUSA, 1988)

This book is like any other book. But I would be happy if it were only read by people whose souls are already formed. Those who know that the approach – of whatever it may be, happens gradually and painstakingly – even passing through the opposite of what it approaches. They who, only they, will slowly come to understand that this book takes nothing from no one. To me, for example, the character G.H gave bit by bit a difficult joy; but it is called joy.
(NOVEY, 2012)

⁷⁰ Os textos em inglês não estão em itálicos para mostrar que o original está em itálicos e as traduções não acompanharam o estilo.

Na tradução e na retradução, percebemos de fato, como já mencionado, que algumas partes estranhas em português permaneceram estranhas em inglês ou foram “domesticadas” em inglês, em outras, o que “não” era estranho em português tornou-se estranho em inglês.

Dizem que Clarice, a escritora, era estranha; Clarice, a mulher, também era estranha. Novey (2012, p. 191) relata um episódio de uma jovem no Rio de Janeiro, que lia Clarice obsessivamente e conseguiu visitá-la. “Quando a jovem chegou, Clarice ficou sentada olhando para ela sem dizer uma só palavra até que a mulher, finalmente, foi embora do apartamento”.

Na entrevista que deu para o meu saudoso amigo Julio Lerner, alguns meses antes de morrer, ela disse: “É que no fundo eu escrevo muito simples, sabe? [...] Eu escrevo simples. Eu não enfeito.”

Em seguida, ele perguntou qual de seus livros falava mais para os jovens e ela respondeu:

Depende. Por exemplo, o meu livro APSGH, um professor de português do Pedro II [escola de elite do Rio de Janeiro] veio até minha casa e disse que leu quatro vezes e ainda não sabe do que se trata. No dia seguinte, uma jovem de dezessete anos, universitária, disse que este é o livro de cabeceira dela. Quer dizer, não dá para entender.⁷¹ (MOSER, 2009, p. 369)

Trindade (2013, p. 1), em um estudo comparativo de trechos das duas traduções de APSGH para a língua inglesa, diz que “como a barata [de APSGH], assim também é a tradução, está sempre a abrir as portas da imaginação, conduzindo cada vez mais leitores a refletir, e as interpretações estão sempre a transformar-se e multiplicar-se.” Também escreveu Entrekín:

[...] Clarice é completamente diferente [dos outros autores brasileiros que traduzi], pois a estranheza de sua voz é a primeira coisa que se nota. Seu uso da linguagem fica fora do que George Steiner, em *After Babel*, chama de “discurso claro e sequente”, tornando-o particularmente complicado para traduzir. “Quando a literatura busca quebrar seu molde linguístico público e se tornar um idioleto”, diz Steiner, “quando ela busca a intradutibilidade, entramos em um novo mundo de sentimentos.” No caso de Clarice, esse “novo mundo de sentimentos” é precisamente o que tem deixado os leitores escravizados desde que ela apareceu em 1943.⁷² (ENTREKÍN, 2014: 50).

⁷¹ *It depends. It entirely depends. For example, my book The Passion According to G.H., a Portuguese teacher from Pedro II [an elite Rio high school] came to my house, said he'd read it four times, and he didn't know what it was all about. The next day a young girl, seventeen years old, came over and said that that book was her very favorite. I mean, you can't understand it.*

⁷² [...] Clarice is a different kettle of fish, though, because the strangeness of her voice is the very first thing that people notice. Her use of language falls outside of what George Steiner, in *After Babel*, refers to as the “clarity and sequent stride of public speech,” which makes it particularly tricky to translate. “When literature seeks to break its public linguistic mould and become idiolect,” writes Steiner, “when it seeks untranslatability, we have entered a new world of feeling.” (1975) In Clarice's case, this “new world of feeling” is precisely what has held readers in thrall ever since she first appeared in 1943.

Também Nunes (*apud* Alonso, 2007), em sua edição comentada de APSGH (1995), descreve o estilo de CL, nessa obra em que ele considera a repetição um “agente lírico”:

Incidindo em substantivos, verbos e advérbios, variando pela extensão – às vezes limitada a uma frase, outras aplicada a um conjunto de frases – a repetição, verdadeiro “agente lírico”, apresenta-se sob determinadas formas ou espécies características, dotadas de valor rítmico, que sempre desempenham função expressiva e produzem determinados efeitos, quer no uso das palavras, quer no sentido do próprio discurso. (NUNES, 1995, p. 136 *apud* ALONSO, 2007, p. 33).

No caso de Lispector, e mais particularmente de APSGH, retomamos⁷³ o famoso trocadilho *Traduttore, traditore!* Rabassa (2005) escreveu, em *If this be treason*, que alguma traição se comete no ato de traduzir, seja traição contra a língua de origem e contra a cultura representada por essa língua, seja traição contra a leitura. Não quero dizer que as traduções de APSGH tenham sido traições contra o autor ou contra o tradutor, mas, alguma traição foi cometida, seja domesticando, contra a língua de origem, seja estrangeirizando, contra a leitura, seja contra a poesia, em que o som e o ritmo contribuem para o entendimento. Portanto, nas traduções de APSGH, aqui analisadas, alguma traição foi cometida, seja domesticando (contra o texto de origem) seja estrangeirizando (contra o prazer da leitura). Vamos continuar buscando a realidade difícil e delicada de CL, na tradução e na retradução para o inglês.

2.8.1 PRIMEIRA TRAIÇÃO

A primeira tradução para a língua inglesa de *The Passion According to G.H.*, publicada pela Minnesota University Press, em 1988, foi feita por Ronald W. Sousa. Tradutor, professor de espanhol, de português e de literatura comparada, tem sido professor visitante de várias universidades nos Estados Unidos. Autor de numerosos artigos e traduções, é membro do corpo editorial da revista *Ideologias e Literatura*. Além de APSGH, traduziu *À Margem da História: Terra Sem História*, de Euclides da Cunha - *The Amazon: Land without History*, em 2006 e *Memórias de um Sargento de Milícia*, de Manuel A. De Almeida - *Memoirs of a Militia Sergeant*, em 1999, entre outros. Também escreveu o livro *Voz autoritaria y experiencia fascista: José Saramago*, em espanhol.

⁷³ Noto que a orientadora do trabalho sugeriu que não fosse inserida aqui a ideia de “traição”. Entretanto, decidi manter o texto como está.

Era uma vez, dentro de um quarto é o título que Sousa dá para sua introdução a APSGH (1988, p. viii), em que comenta as dificuldades sentidas durante a tradução:

APSGH tem vários usos de linguagem não tradicionais, constituídos por segmentos não totalmente arrumados linearmente, repetitivos, com adições e eliminações [...] idas e voltas e com cada movimento vem a reelaboração de temas já estabelecidos de modos radicalmente diferentes. O texto também tem: inconsistências de pontuação; justaposição de frases coloquiais, frases poéticas e frases completamente não-portuguesas; criação de alusões fictícias; reuso de termos aparentemente importantes com significado levemente diferente, parecendo evitar a criação de uma terminologia consistente [...] violação de gramática e sintaxe tradicional.⁷⁴ (SOUSA, 1988, p. viii).

Na mesma nota, ele justifica porque domesticou:

[...] frequentemente, tornei o texto traduzido mais convencional do que o original, constantemente tendo que parafrasear onde não dispunha de um único termo disponível em inglês [...] O resultado foi um texto que perdeu algo da ambiguidade e idiosincrasia do original e se tornou mais expositivo no tom.⁷⁵ (SOUSA, 1988, p. ix)

Em *Chasqui – Revista de literatura latinoamericana* (1989, p. 43-48), Sousa publicou o artigo, *At the Site of Language: Reading Lispector's G.H.*, em que diz que traduziu a segunda edição de APSGH, de 1968, sabendo que esta fora substancialmente revisada em relação à primeira edição, de 1964, embora esse fato não esteja divulgado. Esse ensaio, diz ele, foi escrito com o propósito de olhar para vários aspectos do que G.H. chama de “meditação visual” [1964, p. 112] sobre linguagem, de um ponto de vista específico, o do tradutor de APSGH para o inglês. Sousa revela que seu primeiro passo no processo tradutório é a leitura e, como resultado dessa leitura “da meditação”, ele comenta sobre algumas táticas de tradução que foram usadas, nesse caso. Como tradutor, “preparando esse texto singular para um público leitor impossibilitado de ir ao original”, Sousa “sentiu profundamente que as expectativas tradicionais foram violadas”.⁷⁷

⁷⁴ *The Passion According to G.H. comprises a series of nontraditional language usages. It is constituted by segments somewhat but not wholly linearly arranged. They are in fact repetitive, with additions and deletions [...] – with, then, movement and return, and with every successive movement comes reelaboration of already established issues in radically different ways. The text also comprises: inconsistencies in punctuation practice; juxtaposition of colloquial phrases, poetic phrases, and phrases that are completely non-Portuguese; creation of fictitious allusions; reuse of apparently important terms with slightly changed signification, seemingly to avoid creation of consistent terminology [...] violations of traditional grammar and syntax [...]*

⁷⁵ *I have often made the translated text more conventional than the original, regularly had to paraphrase where no single term was readily available in English [...] The result is a text that has lost something of the ambiguity and idiosyncrasy that is part and parcel of the original from which it arises and has become more expository in tone than that original.*

⁷⁶ Parte desta citação está no Capítulo 1 desta dissertação.

⁷⁷ Muitas partes da sua NT, Sousa repetiu no seu ensaio em *Chasqui* vol. 18 no. 2, 1989, p. 43-48.

Logo depois da publicação da primeira tradução de APSGH, Suzanne Ruta (1989) escreveu uma resenha para o *The New York Times* com o título *Tudo Acontece no Quarto da Empregada*:

[...] A imaginação fértil da escritora, seu dom por imagens, que quase nos deixam sentir o gosto ou o cheiro das ideias, nos chegam *através da excelente tradução de Ronald W. Sousa*. As artimanhas linguísticas do livro, os trocadilhos e jogos gramáticos que evidenciam a determinação de separar as categorias constrictoras da língua, não podem, diz ele, ser traduzidos. Mesmo assim, é bom ter, finalmente, uma versão em inglês desta encantadora e provocativa meditação sobre a liberdade humana, publicada no Brasil em 1964, no começo do período de 20 anos de ditadura. *ATRAVÉS DA BARATA*.⁷⁸ (RUTA, 1989, p. 1, grifos nossos).

Para entender um pouco mais de seu processo tradutório, trocamos vários e-mails em 2016 com o tradutor Ronald de Sousa a respeito da tradução de APSGH, dos quais reproduzo aqui alguns trechos:

[a]o traduzir senti —e sempre sinto— uma certa responsabilidade para uma “trasladação cultural”, para assim dizer. Nunca imaginei uma segunda tradução. A minha tinha que comunicar culturalmente com gente de fala inglesa porque seria a única versão do original a ser traduzida para essa linguagem/cultura. Isso dito, porém, pergunto-me:

1) Eu não teria sentido a mesma responsabilidade se a minha tradução tivesse sido a segunda? Francamente, acho que sim. Primeiro porque costume-me a ter esses escrúpulos no que faço e segundo porque meus interesses sempre têm-se concentrado na questão da recepção de textos literários. Isso dito, tenho que esclarecer que considero a tradução da PSGH a menos “literal” (no uso tradicional da palavra para a teorização da tradução) de todas as traduções que fiz. Tomei muitas, muitas liberdades com o original, achando tanto que iam “comunicar” bem dentro do contexto que eu estava criando como que funcionariam bem no inglês. Ponto fulcral: não vejo a “poetização” e a comunicação/domesticação como (necessariamente) contraditórias.

2) Outro fator talvez aplicável. Ao que parece, a tradutora da segunda versão iniciou o projecto por “amor” do texto original. Eu, pelo contrário, aceitei traduzir a PSGH como parte do que foi, com efeito, um acordo de negócios. Naquele momento eu estava querendo lançar a série “*Emergent Literatures*” dentro da Prensa da U de Minnesota em face de uma oposição política. Resultou condição do resultante acordo que eu tinha que participar ativamente na produção de títulos para a série e que tinham que ser “rentáveis”. Devo confessar que antes de iniciar a tradução (a minha primeira de um romance), desconhecia por completo a PSGH. Não sou especialista de matérias brasileiras, nunca estive no Brasil (até hoje), etc. Isto dito, conhecia sim a obra de Julia Kristeva, comunicava com ela através de terceiras partes e eu e meus co-partidários na luta política escolhemos o título apenas com base nesses critérios.

3) Outro fator (marginal para os propósitos presentes) é que—evidentemente—não falo o português do Brasil. O meu português é o de meu pai e os pais dele, imigrantes dos Açores para os EU. Sempre receava que o meu entendimento de expressões

⁷⁸ *Everything happens in the maid's room[...] The novelist's fertile imagination, her gift for images that let us almost taste or smell ideas, come through in the excellent translation of Ronald W. Sousa. The novel's linguistic tricks, the puns and grammatical plays that bespeak a determination to sunder the constricting categories of language, cannot, he says, be translated. Still, it's good to have at last an English version of this charming and provocative meditation on human freedom first published in Brazil in 1964, at the start of a 20-year period of dictatorship. THROUGH THE COCKROACH*

brasileiras através de uma lente portuguesa tivesse viciado a tradução da PSGH (por e-mail para julietaw@yahoo.com, SOUSA, 2016).

2.8.2 SEGUNDA TRAIÇÃO

A retradução para a língua inglesa de *The Passion According to G.H.*, foi publicada em 2012 pela New Directions and Penguin Classics, editada por Benjamin Moser. Foi realizada por Idra Novey, uma americana nascida na Pennsylvania, que viveu no Chile, no Brasil e em Nova York. É poeta, professora e tradutora. Além de APSGH, ela traduziu *De la elegancia mientras se duerme - On Elegance While Sleeping*, de Viscount Lascano Tegui, e *The Clean Shirt of It*,⁷⁹ de Paulo Henriques Britto, pela qual ganhou o [PEN Translation Fund Grant](#), em 2004. Ensinou na Columbia University e atualmente é professora na Princeton University. Em 2014, escreveu *Clarice: The Visitor*, em que diz:

[...] Cada autor que traduzi se tornou uma espécie de visitante, alterando o que eu esperava encontrar – ou perder – na minha sala de visitas, o que eu colocava lá – ou tirava – de minha própria escrita. Mas, a voz de nenhum outro autor teve um efeito tão profundo em mim como a dessa escritora brasileira, Clarice Lispector. Enquanto traduzia seu romance *A Paixão Segundo G.H.*, descobri que ela passou a morar em minha vida com tal intensidade que era impossível esquecer suas frases de tirar o fôlego, até mesmo quando estava sentada comendo com reais visitas em minha casa. Um amigo chegava e eu ouvia sua fala de um modo peculiar, com a atenção intensificada para o modo como suas frases eram estruturadas, em torno do que giravam suas declarações e o contrário. Às vezes, eu ouvia minha própria voz como se estivesse vindo através da sala e tinha que fazer um esforço para voltar ao meu *self* desabitado. [...] ⁸⁰ (Novey, 2014, p. 5).

Novey (2014) também escreve poemas. Em seu texto “Cartas a C.”, coloca como epígrafes trechos do livro de CL, *Cartas Perto do Coração*:

“Quase oito meses desde que Paulinho nasceu...”

*A fantasy:
We are standing by a sandbox
both lost*

⁷⁹ O título em português não foi encontrado. Parece ser uma coletânea de poemas.

⁸⁰ *Every author I've translated has become this sort of visitor, altering what I expect to find – or lose – in my living room, what I put in – or take out – of my own writing. But no author's voice has had such a profound effect on me as that of Brazilian writer Clarice Lispector. While translating her novel *The Passion According to G.H.*, I found she took up residence in my life with such intensity that it was impossible to forget her breath-altering sentences even as I was sitting down to eat with actual house-guests at my home. A friend would arrive and I would hear his speech in a peculiar way, with a heightened attention to the way his sentences were structured, what his declarations spoke around and against. Occasionally, I would hear my own voice as if it were coming from across a room and have to make an effort to return to my uninhabited self.*

*in the camouflage of those hours,
their boxes.
I ask about the pronoun you often place
before God.*

*You go on smoking.
The sun now
above the playground begins to burn
then
the snow burns. My sons are grown.*

*At last
you turn to answer and I
am listening*

Nessa poesia, Novey (2014, p. 23) questiona o “pronome” que Clarice coloca antes de Deus, uma vez que, em APSGH, CL às vezes usa “o Deus”, com o artigo definido masculino singular, às vezes “Deus” , sem o artigo.. Licença poética? Em sua Nota do Tradutor, Novey diz: “como soa estranho aquele “artigo” para o leitor” (NOVEY, 2012, p. 191). Ronald, por sua vez, sempre traduziu “o Deus” para o inglês sem o artigo. A seguir, enumeramos alguns exemplos de ambos os trabalhos:

Quadro 3. O artigo antes de “o Deus”

CL	Sousa	Novey
p. 178 Em mim? no mundo? no Deus? na barata?	p. 172 <i>In myself? in the world? in God? in the cockroach?</i>	p. 188 <i>Myself? the world? the God? the roach?</i>
p. 169 - Dói em ti que a bondade do Deus seja neutramente contínua e continuamente neutra?	p. 163 <i>“Does it pain you that God’s goodness is neutrally continuous and continuously neutral?”</i>	p. 178 - <i>Does it pain you that the goodness of the God is neutrally continuous and continuously neutral?</i>
p. 160 Deus é o que existe, e todos os contraditórios são dentro do Deus, e por isso não O contradizem.	p. 153 <i>God is what exists, and all the contradictions are within God, and therefore they don’t contradict Him.</i>	p. 168 <i>God is what exists, and all the contradictions are within the God, and therefore do not contradict Him.</i>
p. 161 Falar com o Deus é o que de mais mudo existe.	p. 154 <i>To speak to God is what exists that is even more mute.</i>	p. 169 <i>Speaking to the God is the mutest that exists.</i>
p. 161 O que falo com Deus tem que não fazer sentido! Se fizer sentido é porque erro.	p. 154 <i>What I speak to God about has to make no sense! If it makes sense, it is because I err.</i>	p. 169 <i>What I say to God must not make sense! If it makes sense it is because I err.</i>

Novey (2012, p. 192) também indaga-se a respeito da tradução do “uso lírico da repetição, tão essencial para esse livro hipnotizante”. Para traduzir “tantas baratas que parece uma prece” (LISPECTOR, 2009, p. 124), pensa em “*seem a prayer*”, mas esta tradução falha em capturar o prazer sonoro que a frase tem em português; portanto, opta por “*they appear a prayer*”. “Quando priorizar a música, quando o sentido?”, pergunta ela (NOVEY, 2012, p. 192). A retradutora leu tantas vezes APSGH num período de dez anos que confessou conhecer várias passagens de cor: “– Eu adoro” (NOVEY, 2012, p.193). APSGH foi a primeira obra de CL que leu. Vale notar que a leu na tradução de Sousa. Apaixonou-se de tal maneira pela autora que, no ano seguinte, Novey foi aprender português, “em parte para saber como sua voz soava no original” (NOVEY, 2012, p.193).

A tradução de Sousa, portanto, era tão boa que inspirou Novey. Porém, conforme Moser (2011), a retradução de Novey é superior à tradução de Sousa, uma vez que, ao comentar a retradução de APSGH, diz que “as traduções anteriores não fizeram justiça à ‘estranha e inesperada linguagem’ de Lispector” e “Os tradutores tentavam suavizá-la, corrigir sua pontuação esquisita e seu freseado estranho. É um impulso compreensível, mas faz um desserviço a ela: se você elimina a estranheza de Clarice, você elimina Clarice” (MOSER, 2011, p. 1).⁸¹

2.9 PRIMEIRAS COMPARAÇÕES

Para darmos nossos primeiros passos na comparação da tradução e da retradução de APSGH, vejamos o seguinte excerto:

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora amada no Brasil e cuja prosa constantemente surpreendente e experimental foi amada por escritores ingleses da metade do século como Elizabeth Bishop, mas pouco conhecida dos leitores em geral nos Estados Unidos e Reino Unido, devido ao fato de que, de acordo com o seu biógrafo Benjamin Moser, as traduções publicadas em inglês não representaram bem as qualidades de seu trabalho. [...] “O problema era que os livros eram tão mal traduzidos – a maioria deles – que eram quase ilegíveis em inglês. [...]” Quando Moser ouviu dizer que a New Directions estava se preparando para relançar o último livro de Lispector, *A Hora da Estrela* em sua tradução original de Giovanni Pontiero, com uma nova introdução de Colm Toibin, ele procurou Epler e insistiu para que fizessem juntos uma nova tradução: “É impossível dizer não para esse cara,” disse Epler. “Ele finalmente me ameaçou e me encostou na parede dizendo que ele mesmo

⁸¹ Translators tried to smooth her out, to correct her odd punctuation and her weird phrasings. It’s an understandable impulse, but it does her a disservice: if you take out the weirdness of Clarice, you take out Clarice.

iria fazer a tradução em duas ou três semanas.” Moser tinha resistido à ideia de ele mesmo traduzir Lispector, mas finalmente decidiu fazê-lo para não perder a oportunidade de oferecer aos leitores anglófonos uma tradução digna do legado de Lispector. De acordo com Epler, a tradução original “também tem suas qualidades. *A versão de Ben é muito diferente. A de Pontiero é muito mais suave.*” Moser insiste em dizer que Lispector é “inconcebivelmente difícil de traduzir e de ler às vezes. Mas ela tem essa voz tão característica. Ela é inimitável. Uma tradução é, em algum grau, uma imitação. Você tem que descobrir como fazer isso,” disse Moser.⁸² (TEICHER, 2011, grifos nossos).

Nessa resenha, escrita antes da publicação da retradução de APSGH, pela New Directions e Penguin Classics, Morgan Teicher fala da retradução de *A Hora da Estrela*, feita por Moser, acentuando que a primeira tradução “é muito mais suave” do que a retradução. E cita Moser, dizendo que “Lispector é inconcebivelmente difícil de traduzir e, às vezes, até de ler” e também que “ela tem essa voz tão característica, inimitável”. Moser também comenta que “uma tradução é, em algum grau, uma imitação e você tem que descobrir como fazer isso”. A nosso ver, essa resenha descreve muito bem o trabalho de tradução e retradução, através da obra de CL, e introduz o nosso próximo tema: a voz em retradução.

No Quadro 4, apresentamos algumas diferenças que comemoramos e nos incitaram a dar prosseguimento ao nosso projeto de pesquisa:

Quadro 4 - Algumas diferenças II

CL	Tradução Sousa	Retradução Novey
[...] não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha	[...] <i>I don't want to ground myself in what I experienced – in that grounding I would lose the world as it was for me before</i>	[...] <i>I don't want to confirm myself in what I lived – in the confirmation of me I would lose the world as I had it</i>
- Vê, meu amor , como por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses	<i>“See here, my precious, see how I am organizing for fear, see how I still cannot touch those primary</i>	<i>- You see, my love, see how out of fear I'm already organizing, see how I still can't deal with these</i>

⁸² Clarice Lispector (1920-1977) was a beloved Brazilian novelist whose constantly surprising, experimental prose was beloved by mid-century English-language writers like Elizabeth Bishop, but little known to general readers in the U.S. and U.K., due to the fact that, according to Lispector biographer Benjamin Moser, the published English translations do not give a good representation of the qualities of her work. [...] “The problem was the books were so badly translated - most of them, not all of them--were almost unreadable in English [...] When Moser heard that New Directions was preparing to reissue Lispector's last novel, *The Hour of the Star* in its original English translation by Giovanni Pontiero with a new introduction by Colm Toibin, he contacted Epler and insisted they do a new translation: “You can't say no to that guy,” said Epler. “He finally just put a bag over my head and clubbed me and said he'd do the translation himself in two or three weeks.” Moser had resisted the idea of translating Lispector himself, but finally decided to do it so as not to miss the chance to offer English readers a translation he felt worthy of Lispector's legacy. According to Epler, the original translation “also has its qualities. Ben's version is very different. It's much more smooth in the Pontiero.” Moser insists Lispector is “incredibly difficult to translate, and to read at times. But she has this extremely distinctive voice. She's inimitable. A translation is at some degree an imitation. You have to find out how to do that,” said Moser. (Craig Morgan Teicher 27/09/2011) (Chronicle Books www.publisherweekly.com distinctive voice. She's inimitable. A translation is at some degree an imitation. You have to find out how to do that,” said Moser,

elementos primários do laboratório	<i>laboratory elements</i>	<i>primary laboratory elements</i>
O pecado renovadamente original é este: tenho que cumprir a minha lei que ignoro e se eu não cumpri a minha ignorância estarei pecando originalmente contra a vida.	<i>The renewed originality of the sin is this: I have to carry out my own unknown law, and if I don't carry out my unknowing, I shall be sinning originally against life.</i>	<i>The renewedly original sin is this: I must fulfill my law of which I am unaware, and if I don't fulfill my ignorance, I shall be originally sinning against life.</i>
Aconteceu-me alguma coisa que eu pelo fato de não a saber como viver vivi uma outra?	<i>Did something happen, and did I, because I didn't know how to experience it, end up experiencing something else instead?</i>	<i>Did something happen to me that I, because I didn't know how to live it, lived as something else?</i>

Foi a partir dessas primeiras comparações que resolvemos analisar a obra APSGH de CL pelo MMT. No Capítulo 3, apresentamos a verificação empírica da “hipótese de Berman” que permite medir *quantitativamente* a domesticação e a estrangeirização na tradução e na retradução, comparativamente.

3 VERIFICAÇÃO QUANTITATIVA DA “HIPÓTESE DA RETRADUÇÃO”

É fascinante notar que os estudiosos da literatura usam as mesmas técnicas dos biólogos evolucionistas para reconstituir a genealogia dos textos. Um dos melhores exemplos é o Projeto Contos de Canterbury, em que foram comparadas 85 versões manuscritas dos contos, cujo original se perdeu. [...] A primeira coisa a fazer, seja com DNA, seja com textos literários, é localizar as semelhanças e as diferenças. Para isso, precisamos “alinhá-las”, uma tarefa nem sempre fácil [...] Um computador é de grande ajuda, mas não precisamos disso para alinhar os dois primeiros versos do “Prólogo”. [...] O mais simples é agrupar os textos segundo a semelhança geral.

(Richard Dawkins)

3.1 DO MÉTODO

Em seguida, na Tabela 1 mostramos um exemplo de como se classificam as palavras traduzidas, segundo o MMT. Cada palavra traduzida é comparada com o original e classificada segundo o Quadro 1, apresentado anteriormente. As modalidades de mesmo número na coluna 3 (Classificação T, da tradução) são somadas (FA – frequência absoluta) e é calculada a sua % (FR – frequência relativa) em relação ao total de palavras da amostra. Como, no nosso caso, vamos comparar duas traduções, repetimos o procedimento com a retradução (colunas 4 e 5):

Tabela 1 - Exemplo de tabela para classificação segundo o MMT⁸³

Original	T RS	Classificação T	RT IN	Classificação RT
A	<i>To</i>	4	<i>To</i>	4
Possíveis	<i>Potential</i>	8	<i>Possible</i>	5
Leitores	<i>Readers</i>	4	<i>Readers</i>	4
Este	<i>This</i>	4	<i>This</i>	4
livro	<i>book</i>	5	<i>book</i>	4
é	<i>is</i>	5	<i>is</i>	4
como	<i>just like</i>	8	<i>like</i>	4
um	<i>a</i>	5		7
livro	<i>book</i>	5	<i>book</i>	5
qualquer	<i>any other</i>	10 78?	<i>any other</i>	10

⁸³ A tabela integral encontra-se no APÊNDICE A, na p. 95.

Podemos observar, na Tabela 1, na primeira linha da primeira coluna, a palavra “a” , preposição, foi traduzida por Ronald de Sousa – RS por *to* e classificada como (4) *palavra por palavra*, pois satisfaz os quatro critérios exigidos por essa modalidade. Na retradução, Idra Novey – IN também traduziu por “*to*”, classificada como (4) *palavra por palavra*, pelo mesmo motivo. Na segunda linha, o adjetivo “possíveis” foi traduzido por RS como *potential*, por RS, ou seja, possível dentro de um ideal esperado, o que o qualifica como (8) *modulação*. Já IN optou por *possible*, classificado como (5), transposição, porque, na língua inglesa os adjetivos não têm plural. Na terceira linha, “leitores” foi traduzido por ambos os tradutores como *readers*, tradução *palavra por palavra* (4), porque satisfaz todas as quatro condições dessa classificação, e assim por diante. Na sexta linha, “é” foi traduzido por *is* pelos dois tradutores, mas as classificações são diferentes porque ocupam posições sintáticas distintas. Na sétima linha, a palavra “como” foi traduzida por RS como *just like*, dando mais ênfase à palavra *like*, talvez por entender que isso ficaria mais palatável ao leitor monolíngue, assim, isso poderia ser classificado (8) *modulação* e *any other* (na décima linha) seria (10) *erro*. Entretanto, se *just like* fosse interpretado como “facilmente/regularmente poderia ter o sentido de “livro qualquer” e alterar a classificação de *any other* de erro (10) para modulação (8). Na oitava linha, o artigo indefinido “um” foi *implicitado* (7) na retradução. Na décima linha coloca-se um problema sutil de interpretação, intrínseco à língua: a diferença entre “livro qualquer” e “qualquer livro”. O adjetivo “qualquer” após o substantivo lhe dá uma conotação um tanto pejorativa: um livro comum. Portanto, em inglês, uma tradução possível seria: *ordinary book* ou *common book*. Na tradução de RS, a presença de *just like* traduzindo o comparativo “como” em vez de apenas *like* modifica *any other*, dando-lhe o sentido de regularmente, mais próximo de “livro qualquer”, o que não ocorre na tradução de IN.

A atenção necessária e a verificação por um segundo classificador (não envolvido emocionalmente)⁸⁴ nos levaram a perceber que o MMT promovia, como já afirmava Aubert (1995), “uma percepção mais nítida e detalhada das similaridades e dissimilaridades entre determinados pares linguísticos e culturais, estimulando o desenvolvimento da *conscientização*, que constitui a função nuclear da teoria da tradução [...]” (Aubert, 1995).

⁸⁴ Agradecemos a Telma Franco e Alessandra Otero o trabalho de segundo classificador.

3.2 COMPARAÇÃO INTUITIVA

Mas há tantas baratas que parece uma prece.
(Clarice Lispector)

O original e as duas traduções de APSGH, foram copiados na íntegra, em colunas, lado a lado. Essa disposição permitiu uma comparação intuitiva que sugeriu uma alta incidência de literalidade nas duas traduções, isto é, as duas traduções eram muito semelhantes entre si e parecidas com o original. Para facilitar a localização e análise das diferenças, os trechos foram separados em células e numerados. A seguir, um exemplo desse procedimento:

Quadro 5 – Exemplos da comparação intuitiva.

CL	Tradução Sousa	Retradução Novey
[...] não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha	[...] <i>I don't want to ground myself in what I experienced – in that grounding I would lose the world as it was for me before</i>	[...] <i>I don't want to confirm myself in what I lived – in the confirmation of me I would lose the world as I had it</i>
- Vê, meu amor , como por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório	<i>“See here, my precious, see how I am organizing for fear, see how I still cannot touch those primary laboratory elements</i>	<i>- You see, my love, see how out of fear I'm already organizing, see how I still can't deal with these primary laboratory elements</i>
O pecado renovadamente original é este: tenho que cumprir a minha lei que ignoro e se eu não cumpri a minha ignorância estarei pecando originalmente contra a vida.	<i>The renewed originality of the sin is this: I have to carry out my own unknown law, and if I don't carry out my unknowing, I shall be sinning originally against life.</i>	<i>The renewedly original sin is this: I must fulfill my law of which I am unaware, and if I don't fulfill my ignorance, I shall be originally sinning against life.</i>

Para verificar se havia uma diferença *quantitativa* entre as estratégias de tradução das duas traduções, aplicamos o MMT a uma amostra de 83 palavras. Tomamos como base a “hipótese de Berman”, de que as primeiras traduções são mais domesticantes do que as posteriores.

Esse estudo deu origem à monografia da disciplina *Refrações Linguística e Discursivas na Literatura Brasileira Traduzida*, ministrada pelo Prof. Dr. Francis H. Aubert e pela Profa. Dra. Adriana Zavaglia e, posteriormente, ao pré-projeto de mestrado.

3.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS E PROCESSO DE AMOSTRAGEM

De acordo com Callegari-Jacques (2003, p. 55), desde que a verificação de uma hipótese somente se dará com certeza se toda a população for estudada e, como quase sempre, isso não é possível, estudamos partes representativas da população, as amostras. O termo população é usado com um sentido mais amplo do que na linguagem coloquial e é entendido como todo conjunto de unidades experimentais (ou observacionais) que apresenta uma ou mais características em comum.

A análise estatística geralmente é realizada através de amostras, isto é, subconjuntos das populações.

Neste estudo, consideram-se como possíveis unidades amostrais as palavras contidas na obra APSGH, de Clarice Lispector, e a cada unidade amostral serão associadas duas variáveis:

i) a primeira será a palavra traduzida (tradução de 1988).

ii) a segunda será a palavra retraduzida (tradução de 2012).

Para o MMT, podem ser adotadas duas abordagens: a amostra com palavras escolhidas aleatoriamente ou amostra de segmentos de texto contínuo (Aubert, 1989), adotamos (em todas nossas amostras) segmentos de texto contínuo, para que o contexto em que as palavras se inseriam pudesse ser considerado.

No início da pesquisa deste projeto foram analisadas as 1000 palavras iniciais do livro (doravante denominadas Piloto II). Entretanto, por conter apenas as quatro primeiras páginas do livro, essa amostra poderia conter “vícios”, como, por exemplo, o tradutor estar cansado no final, ou ao contrário, estar mais familiarizado com a linguagem do original. Portanto seria necessário analisar uma amostra que contivesse outras partes do livro também.

3.3.1 COLETA DE DADOS EM PARÁGRAFOS

Como nossa população (livro) apresenta-se subdividida em pequenos grupos ou conglomerados (parágrafos), julgamos conveniente a realização da análise diretamente neles,

numa segunda amostra de 1000 palavras, agora contendo 11 parágrafos sorteados aleatoriamente, onde:

- i) identificamos todos os parágrafos do livro por meio de números de ordem;
- ii) sorteamos os parágrafos;
- iii) classificamos todos os indivíduos pertencentes aos parágrafos da amostra.

Nessa fase, analisamos os seguintes parágrafos da obra: 84, 95, 52, 59, 12, 3, 2, 1, 314, 493, 494. A amostragem foi aleatória simples, utilizando uma tabela de números aleatórios de 1 a 99. Uma vez que não havia parágrafos sorteados após o número 99, adicionamos três parágrafos por conveniência da pesquisadora.

Como os resultados dos três estudos sugeriram a “hipótese de Berman”, apresentando uma quantidade maior de modalidades de equivalência (domesticação) na primeira tradução, precisávamos saber se essa diferença era significativamente maior, estatisticamente.

3.4 CENTRO DE ESTATÍSTICA APLICADA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nesse ponto, pedimos ajuda ao Centro de Estatística Aplicada (CEA) da Universidade de São Paulo (USP), que sugeriu um novo estudo, agora com uma *amostra sistemática*⁸⁵ pois observou-se que a amostra anterior continha muitos parágrafos do início do livro e pouquíssimos do final. Se existe a possibilidade de que as traduções não sejam homogêneas ao longo da obra é importante que a amostra contenha parágrafos razoavelmente distriuidos na totalidade do texto (ANEXO A – Relatório CEA, elaborado por Marília Vieira Padula, 10/11/2015).

⁸⁵ Ver p. 97.

3.4.1 HIPÓTESES ESTATÍSTICAS

Hipóteses estatísticas são suposições feitas sobre o valor dos parâmetros nas populações”, para avaliar uma determinada situação. As hipóteses estatísticas comparam dois ou mais parâmetros, quer afirmando que são iguais, quer afirmando que não são.

Hipótese é uma conjectura, uma resposta provisória que, em conformidade com certos critérios, será rejeitada ou não-rejeitada.

Em vez de aceitar, os cientistas preferem dizer “não-rejeitar”, associando a essa expressão uma probabilidade.

A hipótese pode ser considerada como um instrumento de pesquisa que une a teoria à metodologia. No decorrer do processo de pesquisa, ela pode ser confirmada ou não, o que não desqualifica o papel que terá exercido para a pesquisa.

Uma prova de hipótese requer do pesquisador a formulação de duas hipóteses que se contradigam: o que uma afirma, a outra nega. A hipótese que está sendo submetida a teste denomina-se H_0 , e abarca tudo o que poderia ser esperado como padrão ou como resultado da ação do acaso; a outra hipótese, a contrária, denomina-se H_A e contém um conjunto de afirmações que podem ser consideradas verdadeiras se o que estiver sob H_0 puder ser declarado falso. Mais especificamente, H_0 significa hipótese nula (ou probanda) e H_A , hipótese alternativa (ou experimental).

Dado que a hipótese de Berman sugere que a tradução é mais domesticante do que uma retradução, os objetivos do projeto implicam em testar se houve mudança de classificação das palavras da obra nos dois instantes considerados: tradução e retradução. Isto é, deseja-se verificar se a proporção de palavras classificadas como domesticantes na tradução é superior à proporção de palavras classificadas desta mesma maneira na retradução sendo, o objetivo principal testar as seguintes hipóteses⁸⁶:

$$H_0 : P_1 \geq P_2 \quad \text{versus} \quad H_A : P_1 < P_2$$

em que:

P_1 é a proporção de palavras *traduzidas* (1988) de maneira domesticante;

P_2 é a proporção da palavras *retraduzidas* (2012) de maneira domesticante.

⁸⁶ Ver ADENDO ao ANEXO A. Este ADENDO foi feito em função de discussão posterior por e-mail para julietaw@yahoo.com, sobre o entendimento pela equipe do CEA da hipótese que pretendíamos provar.

3.4.2 DIMENSIONAMENTO DA AMOSTRA

Quando, por questões práticas, é impossível (ou quase) estudar toda a população, a utilização de amostras se faz necessária. Existem fórmulas e tabelas para estabelecer o tamanho que as amostras devem ter (dimensionamento da amostra).

O tamanho amostral depende de qual é o objetivo da pesquisa. No nosso caso, é comparar as amostras para verificar se a primeira tradução é mais domesticante em termos de quantidade de *modulações + implicações + adaptações*.

Observou-se que a amostra do Plano Piloto 3, da amostra selecionada em parágrafos, continha muitos parágrafos do início do livro e poucos do final.

O Relatório I do CEA (v. ANEXO A), então, sugeriu uma “*amostragem sistemática*”, a fim de se cobrir a obra em sua totalidade, sem que haja perda de precisão em relação à amostragem aleatória simples (BOLFARINE e BUSSAB, 2005, *apud* ANEXO A).

Dado que a obra tem 730 parágrafos, ao analisar 6, estariam sendo analisados, aproximadamente, 0,82% dos parágrafos do texto. Como já existia uma amostra coletada contendo muitos parágrafos do início da obra, o Relatório I do CEA sugeriu o seguinte procedimento (amostragem sistemática):

- i) Selecionar de forma aleatória um dos parágrafos analisados;
- ii) somar 122 à sua posição, obtendo o segundo parágrafo;
- iii) em sequência, somar 122 ao resultado anterior, obtendo o terceiro parágrafo da amostra e repetir esse procedimento até selecionarmos 6 parágrafos.

O parágrafo sorteado foi o número 1. Então foram selecionados os seguintes parágrafos: 1, 123, 245, 367, 489, 611. A média aritmética de palavras por parágrafo foi 90,33. Total de palavras da amostra: 542 (v. APÊNDICE A).

O texto original tem 730 parágrafos e aproximadamente 60.000 palavras, o que resulta em, aproximadamente, 83 palavras por parágrafo. Para contemplar o tamanho amostral necessário estimado, deverão ser analisados em torno de 6 parágrafos (n obtido pela estimativa que considera 99% para o poder do teste e 1% para o nível de significância; na discussão a seguir, serão considerados estes valores para α e $1-\beta$. (ANEXO A)

No Relatório I do CEA (ANEXO A) foi sugerido o seguinte cálculo do tamanho amostral:

A análise das palavras traduzidas e retraduzidas foi feita por parágrafos. O texto tem 730 parágrafos e aproximadamente 60.000 palavras, o que resulta em, aproximadamente, 83 palavras por parágrafo. Para contemplar o tamanho amostral necessário estimado, deverão ser analisados em torno de 6 parágrafos (n obtido pela estimação que considera 99% para o poder do teste e 1% para o nível de significância. (ANEXO A)

3.5 PROCEDIMENTO FINAL

Assim, seguindo a orientação do CEA (ANEXO A), analisamos seis segmentos/parágrafos aleatórios, colhidos em amostra sistemática (optamos pela amostra de texto contínuo em conglomerados de parágrafos sorteados, pois cada palavra está situada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo), num total de 542 palavras, com média de 88,66 palavras por parágrafo.

A unidade textual foi a palavra, levando em consideração que existe uma flutuação em função de complexidade estilística, estratégias argumentativas e/ou descritivas, maior ou menor habilidade do tradutor etc. (Catford, *apud* Aubert, 1998, p. 11).

A seguir, um fragmento da tabela construída (v. APÊNDICE A) para a classificação final, segundo o MMT:

Tabela 2 – Fragmento da Classificação Final segundo o MMT⁸⁷

CL	Tradução RS	Classificação	Retradução IN	Classificação
-----		0	-----	1
estou	I keep	8	I'm	5
procurando	looking	8	searching	8
estou		7	I'm	5
procurando	looking.	8	searching.	8
estou		7	I'm	5
tentando	trying	4	trying	4
entender	to understand	5	to understand	5
tentando	trying	4	trying	4
dar	to give	5	to give	5
a	to	4	to	4
alguém	someone else	6	somebody else	6
o		5		5
que	what	5	what	5

⁸⁷ A classificação total da amostra sistemática pode ser consultada no APÊNDICE A.

Após a classificação, segundo as modalidades já apresentadas na Figura 2 (v. p. 27), somamos todas modalidades de mesmo número da Tradução e da Retradução, obtendo as FA. Em seguida, calculamos as porcentagens, FR, em relação a 542 (número total de palavras da amostra).

3.4 RESULTADOS (v. APÊNDICE A)

Na Tabela 3, apresentamos as quantidades (FA) obtidas de cada modalidade e o cálculo da sua FR (%) em relação ao tamanho da nossa amostra sistemática.

Tabela 3 – Resultados (FA e FR) da amostra sistemática

Modalidades	RS		IN	
	Nº (FA)	% (FR)	(FA)	% (FR)
Omissão	13	2,40	0	0
Transcrição	5	0,92	8	1,47
Empréstimo	0	0	0	0
Palavra por palavra	219	40,40	263	48,52
Transposição	188	34,68	221	40,77
Explicitação	5	0,92	1	0,20
Implicação	11	2,03	6	1,10
Modulação	90	16,60	45	8,30
Adaptação	0	0	0	0
Erro	4	0,74	0	0
Correção	1	0	0	0
Acréscimo	3	0,5	0	0

Após obtermos as porcentagens de cada modalidade, como nosso interesse é saber quantos por cento do texto (através de sua amostra) foi traduzido de modo domesticante, somamos as porcentagens obtidas de Implicação, Modulação e Adaptação, em cada tradução:

$$\text{RS: } 2,03 + 16,60 + 0 = 18,63\%$$

$$\text{N: } 1,10 + 8,30 + 0,2 = 9,40\%$$

Em seguida, somamos as porcentagens obtidas de Palavra-por-palavra, Transposição e Explicitação, para saber quantos por cento do texto foi traduzido de modo estrangeirizante:

$$\text{RS: } 40,40 + 34,68 + 0,92 = 76,0\%$$

$$\text{IN: } 48,52 + 40,77 + 0,20 = 90,49\%$$

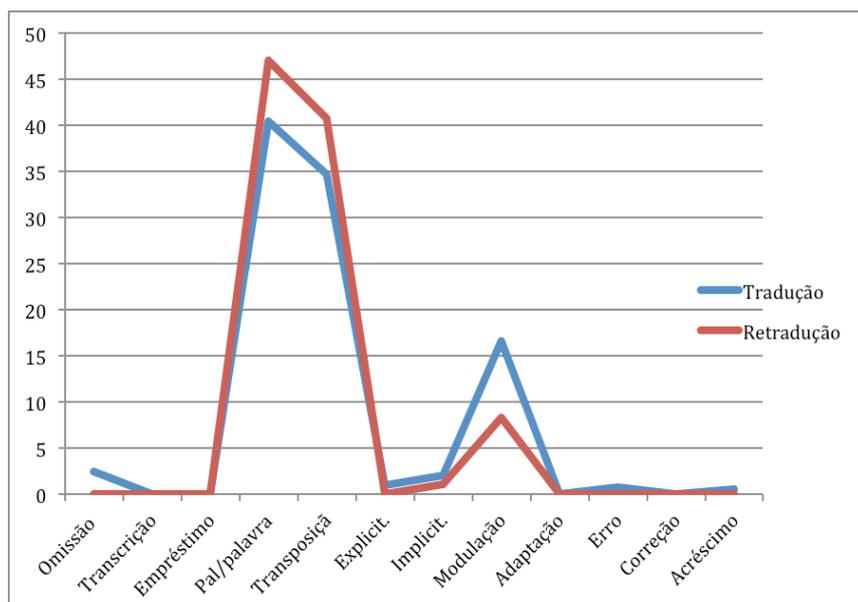
Verificamos, na nossa amostra, que RS omitiu 9 palavras, no parágrafo 367, provavelmente por confusão durante a tradução. Verificamos que essa omissão não foi corrigida em outras edições da tradução.

O total de palavras da amostra sistemática é 542, mas nem a tradução, nem a retradução têm o mesmo número de palavras porque às vezes uma palavra pode ser traduzida por duas ou mais palavras ou, ao contrário, duas palavras podem ser traduzidas por uma palavra.

Com os resultados obtidos optamos por construir um gráfico para que o comportamento das duas traduções possa ser observado visualmente, facilitando sua compreensão.

No eixo horizontal temos as classificações do MMT e no eixo vertical as porcentagens obtidas.

Figura 3 - Gráfico com as FR das classificações nas duas traduções (amostra sistemática).



No gráfico da Figura 3 podemos perceber, imediatamente, dois picos: o primeiro representa as modalidades ditas literais (4, 5 e 6) e o segundo, as modalidades de equivalência (7, 8 e 9). A linha azul representa a primeira tradução e a linha vermelha a retradução.

No primeiro pico, a linha azul é mais baixa, embora as duas linhas sejam igualmente elevadas, significando que há muita literalidade nas duas traduções.

No segundo pico, a linha azul, que representa a primeira tradução é *o dobro* da linha vermelha. Isto significa que a primeira tradução (linha azul) é significativamente mais domesticante do que a retradução, concordando com a hipótese de Berman, neste caso.

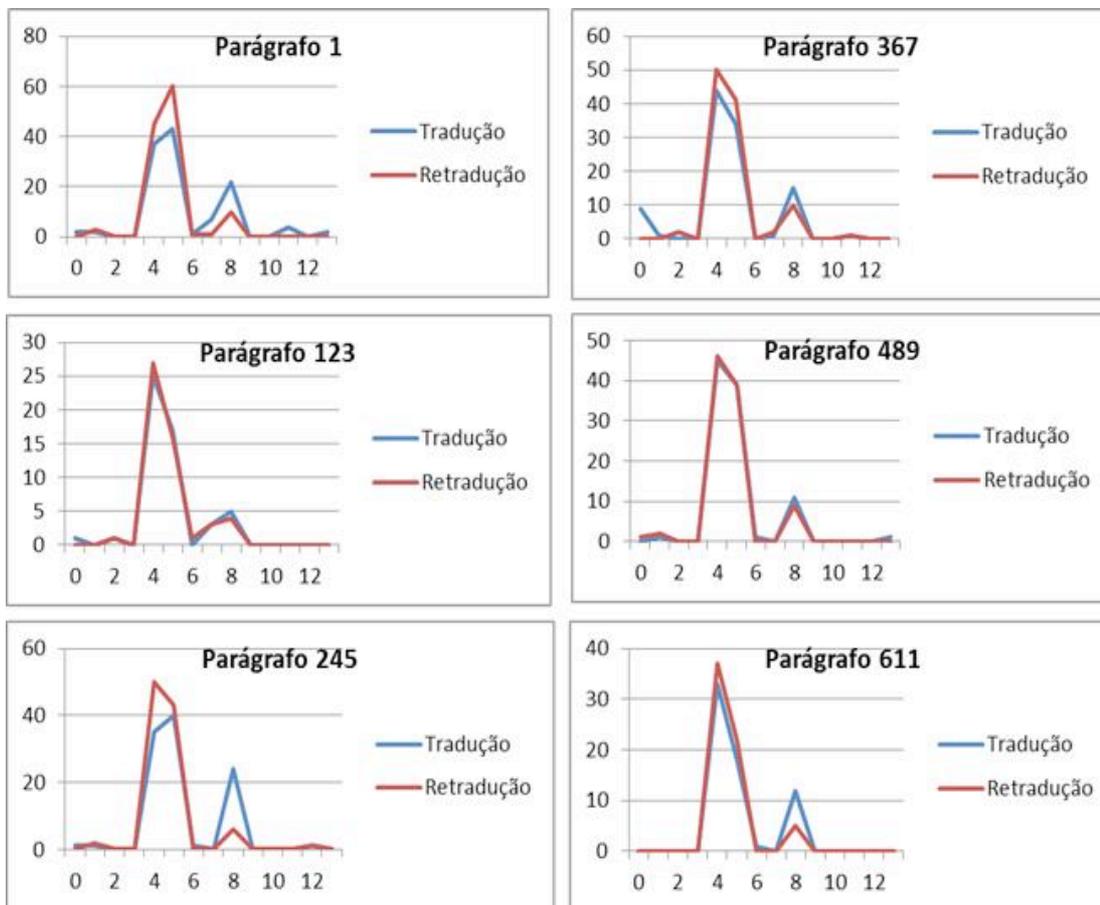
Podemos notar, também, que a tradução apresentou mais *omissões, erros e acréscimos*, entretanto, essas modalidades que não estão diretamente relacionadas à hipótese.

Em 2016, o Centro de Estatística aplicada (USP) fez um novo Relatório do nosso estudo (ver ANEXO B):

a análise descritiva referente às classificações sugere, como se pode ver na Figura 1 [Gráfico II, neste trabalho], que a diferença (amplitude) entre o número de palavras classificadas em cada modalidade, quando se compara a tradução com a retradução, parece diferir entre alguns parágrafos. Para isto foram consideradas somente as palavras classificadas nos dois instantes como estrangeirizantes (modalidades 4, 5 e 6) ou domesticantes (modalidades 7, 8 ou 9), totalizando 511 palavras. Na Figura 2 [Gráfico III, neste trabalho], é possível notar que a proporção de palavras classificadas como domesticante é inferior na retradução, para todos os parágrafos [da amostra].

No segundo relatório (ANEXO B) o CEA fez a análise de cada parágrafo da amostra, conforme mostram a Figura 4 (Relatório II,B) e a Figura 5. Essa análise é importante, pois pode ocorrer que a análise da amostra inteira apresente um resultado, mas haja variação significativa em algum parágrafo da amostra:

Figura 4: Gráficos com as FR segundo cada modalidade, parágrafo e versão. (Fonte CEA)

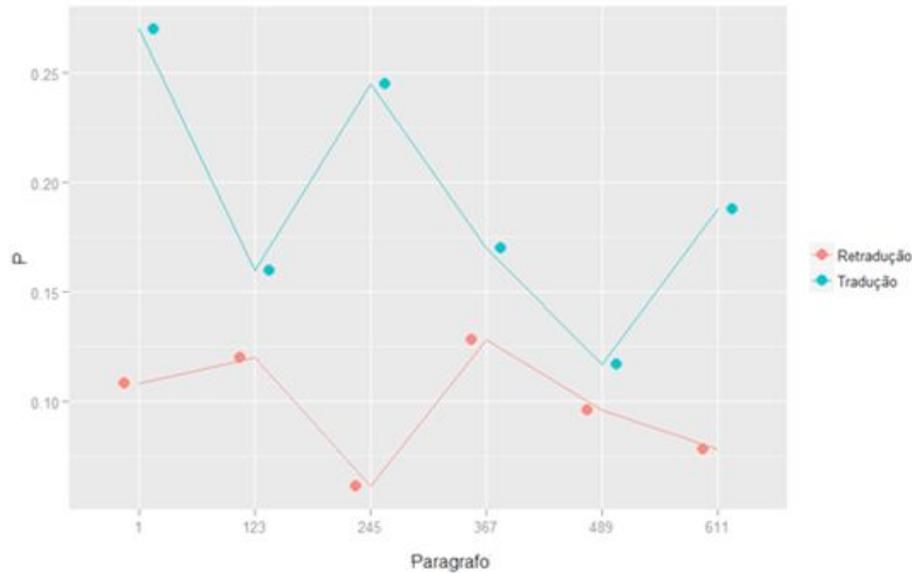


A Figura 9 (Fonte: Relatório II CEA) mostram os seis parágrafos separadamente. Neles, podemos ver que a tendência total da obra (Gráfico I), de muita literalidade nas duas traduções e quantidade maior de domesticação na primeira tradução, se mantém em todos os parágrafos analisados. Este tipo de análise é importante porque, analisando apenas o total, não podemos saber se ocorreu uma diluição da diferença de um ou mais parágrafos e o resultado médio seria o mesmo: a quantidade maior de palavras traduzidas de modo domesticante (implicação, modulação, adaptação).

Através deste tipo de gráfico podemos notar que, nos parágrafos 123 e 489, os dois tradutores traduziram *quase* igualmente, embora neles haja, também, uma leve diferença, para mais, na quantidade de domesticação.

A Figura 5 (Fonte: Relatório II CEA) mostra claramente que, na tradução (linha verde), a proporção de palavras classificadas como “domesticante” é maior, *em todos os parágrafos* da amostra sistemática (ANEXO B).

Figura 5: Gráfico com a proporção de palavras classificadas como “domesticante” em cada parágrafo (ANEXO B) (Fonte: Relatório II CEA)



Na Figura 5 (o eixo horizontal = número do parágrafo; o eixo vertical = quantidade de palavras classificadas como *domesticação*) fica evidente que, em todos os parágrafos analisados, a tradução (linha azul) apresentou níveis mais altos de domesticação. Assim como a Figura 9, a Figura 10 também mostra que os parágrafos 123, 367 e 489 apresentaram quantidades semelhantes de palavras domesticantes (os pontos no gráfico se aproximam). Entretanto, nos parágrafos 1, 245 e 611 podemos ver que a tradução apresentou três picos opostos aos da retradução, que representam muito maior quantidade de palavras domesticantes. Isso mostra que às vezes os dois tradutores tinham uma estratégia semelhante de tradução, outras vezes, muito diferente, mas em linhas gerais, a tradução foi *sempre mais domesticante do que a retradução*.

E com a seguinte conclusão do CEA:

O ajuste do modelo demonstrou eficácia estatística de que a proporção de palavras retraduzidas de maneira domesticante é menor do que a proporção de palavras traduzidas dessa mesma forma. Assim, confirma-se a hipótese de Berman, ou seja, as primeiras traduções são mais domesticantes do que as retraduições. (ANEXO B)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito principal deste trabalho foi o de verificar a “hipótese de Berman” aplicando o Método das Modalidades de Tradução de Francis H. Aubert (1998), em um *corpus* que compara o original e duas traduções de APSGH para o inglês.

Para acompanhar o percurso da “hipótese da retradução”, desde sua publicação, em 1990, até nossos dias, a Fundamentação Teórica apresenta as estratégias de tradução privilegiando os aspectos éticos defendidos por Venuti (1992, 1995). Verificamos que cada uma de suas seções permite aprofundamentos, entretanto, como têm finalidade de fundamentar teoricamente nosso projeto, foram ser abreviadas, para não perder o foco.

Também nesse capítulo, é apresentado o MMT, seu histórico e sua descrição, com a dupla intenção de:

- i) de aplicá-lo ao *corpus* para verificar a hipótese;
- ii) divulgar o Método das Modalidades de Tradução de Aubert.

O segundo capítulo, intitulado Tradução e a Retradução de APSGH: a nossa voz, introduz a vida e o estilo da autora, Clarice Lispector, seus tradutores, bem como alguns comentários sobre a obra escolhida para o *corpus* da análise quantitativa.

Não é possível analisar CL somente do ponto de vista quantitativo, pois ela invade nossa casa e nossa alma já formada. O estilo de CL parece ter influenciado as duas traduções, que, desde o início do trabalho, se mostraram mais “literais” do que “domesticantes”. A questão que permeia o capítulo é: Estamos lendo a autora ou os tradutores?

O terceiro capítulo expõe a verificação *quantitativa* da hipótese pelo MMT através de exemplos e explicações sobre o procedimento. Também apresenta o percurso da pesquisa, desde a comparação intuitiva até as várias coletas de dados para as amostras. O Centro de Estatística Aplicada da USP (CEA) oportunamente analisou, criticou a escolha amostral e orientou-me na avaliação dos Resultados (ANEXOS A e B). Nossos resultados confirmaram a “hipótese” de Berman, para esse *corpus*.

Comparando os nossos resultados com os de outros autores (Darin, 1986; Silva, 1992; Zanotto, 1993; Camargo, 1993 e 1996; Aubert, 1994) citados no artigo de Aubert (1998, p. 121), verificamos que os nossos achados (v. Tabela 3, p. 80) estão em conformidade:

(i) as modalidades mais frequentes são a Tradução Literal (Ppp), Transposição e Modulação.

(ii) na relação inglês \leftrightarrow português, a Tradução Literal (Ppp) é a modalidade mais frequente, seguida pela Transposição e pela Modulação, nessa ordem;

(iii) as modalidades diretas correspondem, na relação tradutória inglês \leftrightarrow português, a uma média superior a 70%, um fato que constitui um indicativo da viabilidade da tradução assistida por computador para este par linguístico;

Considera-se importante a avaliação da relação entre os resultados e as questões que o método se propõe a responder, isto é, se o método é adequado para seu propósito. Nas entrevistas e relatórios do Centro de Estatística Aplicada da UO (CEA) não foram feitas críticas a esse respeito.

Tendo em vista que a “validação cruzada” é uma técnica para avaliar a capacidade de generalização de um modelo, a partir de um conjunto de dados, em um possível desenvolvimento futuro poderia estimar-se qual o desempenho do método:

(i) utilizando o mesmo *corpus* com outro modelo de análise quantitativa, por exemplo o método de Van Poucke, descrito nesta dissertação, ou

(ii) aplicando o MMT em outro *corpus*.

Desde o início da nossa pesquisa, foram percebidas diferenças entre as duas traduções que revelaram questões relacionadas com a estratégia escolhida pelos tradutores e diferenças que talvez possam ser atribuídas ao sexo dos tradutores e à intertextualidade.

O MMT também permite observar o quanto cada tradução conseguiu transmitir ao leitor de língua inglesa a essência do original. Além disso, sendo uma análise profunda, mostra as opções feitas por cada tradutor e permite cogitar por que usou esta ou aquela palavra, por que traduziu daquele modo: conscientização. A conscientização pode ser usada no desenvolvimento do estudo da voz em retradução.

Sendo voz é um conceito originário de várias disciplinas, como Literatura Comparada, Linguística e Antropologia, em Estudos da Tradução tem sido usado, principalmente, em

relação à subjetividade de um tradutor e seu processo de tradução. Em nosso trabalho, o estudo das vozes de uma multiplicidade de agentes se fez introdutório, levando a pensar na possibilidade de aprofundar também esse tema, utilizando o mesmo *corpus*.

REFERÊNCIAS⁸⁸

ALONSO, Mariângela. *Instantes líricos de revelação: a narrativa poética em APSGH*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, FCL, Araraquara, 2007. Disponível em <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/91554> Acesso em 22/07/2016.

ALVSTAD, Cecilia.; ROSA Alexandra A . Voice in retranslation: An overview and some trends. *Target International Journal of Translation Studies*, Special Issue. V. 27:1, p. 3-24, 2015.

ARATANGY, Lidia. R. *Drogas, o que a escola tem com isso?* Guia do Professor, São Paulo, Editora Melhoramentos, 2015.

ARROJO, Rosemary. *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. Cap. 7. Ed. S. Bassnett and H. Trivedi, Taylor & Francis e-Library, (1999) Routledge, 2002.

_____. *Oficina de tradução – A teoria e a prática*. São Paulo, Ática, 1986.

AUBERT, Francis H. et al. “Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia”. In: *Tradução e Comunicação*, 4. São Paulo, Álamo, 1984.

_____. Tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? *Ilha do desterro*, n. 17, 1987.

_____. “Modalidades de Tradução: teoria e resultados”. In: *TradTerm*, 5 (1), 1º semestre, p. 99-128. CITRAT/FFLCH/USP, São Paulo, 1998.

AZENHA JÚNIOR, João. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. *Literatura e Sociedade*. Nº 9, p. 45-59. São Paulo, 2006.

BAKER, Mona. *In other words*. Ed. Routledge, London, New York, 1991.

BASSNETT, Susan.; LEFEVERE, Andre. *Translation, History and Culture*. Londres: Printer Publishers. 1990.

BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução: Fundamentos de uma disciplina*. F. C. Gulbenkian, Lisboa, 2003.

BENSIMON, Paul. Présentation. *Palimpsestes* nº 4. p. ix-xiii, Sorbonne Nouvelle, Paris, 1990.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction, in: *Palimpsestes*, nº 4, p. 1-7, Sorbonne Nouvelle. Paris: 1990.

_____. *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, 1984.

_____. *A prova do estrangeiro*. Traduzido por Maria Emília Pereira Chanut. EDUSC, 2002.

⁸⁸ Norma da ABNT

_____. *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*. 7Letras/PGET, Rio de Janeiro, 2007.

BORBA, Maria C. S. de. Resenha. *Cadernos de Tradução*. Simon, Sherry, Gender in Translation – cultural Identity and the Politics of Transmission, p. 508 -509, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5255/4636>

BRAIDA, Celso R. Tradução do ensaio de Schleiermacher: Sobre os diferentes métodos de traduzir, in: *Princípios*, Natal, V. 14, No 21, p. 233-265, 2007.

BRISSET, Annie. Perspectivas Culturais sobre a Tradução. *Traduzires*: 1; maio 2012.
CALLEGARI-JACQUES, Sídia. M. *Bioestatística: princípios e aplicações*. Artmed, Porto Alegre, 2003.

CALVET, Louis-Jean. *La mondialization au filtre des traductions*, Hermès, La Revue 3. n° 49, p. 45-57, 2007. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2007-3-page-45.htm>

CAMARGO, Diva. C. As modalidades de tradução e o texto literário. *TradTerm*, 3, p. 27-33, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49892> Acesso em: 21/07/2016.

CANSEVEN, Cansu. *Do Translators Die? Paratextual Analysis of Virginia Woolf's Mrs. Dalloway in Turkish*. (Boğaziçi University) *RETRANSLATION IN CONTEXT*, p. 18, 2013.

CARRERA, Elena. The reception of Clarice Lispector via Hélène Cixous: Reading from the Whale's Belly, in *Brazilian Feminism*. p. 85-100. ed. Un. of Nottingham Press. 1999.

CHEESMAN, Tom. Resenha. *Retranslation*, by Sharon Deabe-Cox. Swabsea University, UK, 03/03/2014. Disponível em: www.bloomsbury.com/us/retranslation-9781441147349/ Acesso em: 2016.

CHESTERMAN, A. *Memes of translation: the spread of ideas in translating*. John Benjamins, 1997.

CIXOUS, Hélène. *Vive l'orange*. Paris: Des Femmes, 1979.

_____. *L'heure de Clarice Lispector*. Paris: Des Femmes, 1989.

DEANE-COX, S. *Retranslation: Translation, Literature and Reinterpretation*. Bloomsbury, UK, 2014.

DELY, Carole. Jacques Derrida: the 'perchance' of a coming of the otherwoman. *Sens-public Revue web*, 31 octobre, 2007. Acesso em: 11/07/2016
Disponível em: http://www.sens-public.org/article.php3?id_article=312&lang=fr

DERRIDA, Jacques. *What Is a 'Relevant' Translation?* Traduzido por Lawrence Venuti. *Critical Inquiry*, Vol. 27, N. 2, *Chicago Journals*. 2001.
Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1344247> Acesso em: 22/07/2016.

DESMIDT, I. (Re) translation revisited, *Meta: Journal des traducteurs*, V. 54, N° 4, p. 669-683, Université de Montreal, 2009.

ENTREKIN, Alison. Clarice Lispector's "New World of Feeling", in *Music and Literature* n° 4, NY, p. 50-53, 2014.

EVEN-ZHOHAR, Isabelle. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Polysystem Studies, Poetics Today* 11.1: 45-51. 1978.

FRANÇA, Leticia. D. G. *Caminhos do pensamento tradutório de Lawrence Venuti* - Dissertação de Mestrado – Un. Federal do Paraná, 2014.

FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. 1911. Obras Completas de S. Freud, V. 14, p. 7-16; tradução de Gladston Parente, Editora Delta S.A.(s/data)

_____. *Teorias sexuais infantis: Organização genital infantil*. 1908. Obras Completas de S. Freud, V. 9, p.119-135; tradução de Moisés Gikovate, Editora Delta S.A. (s/data)

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et détour. *Meta*, v. 39, n. 3, p. 413-417, Toronto, 1994.

GOTLIB, Nádia B. Disponível em: <http://claricelispectorims.com.br/Facts> -

GULDIN, R. *Revista Ghrebh-*, v. 2, n. 10 (2007) Disponível em: [http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path\[\]=153](http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path[]=153)

HADLEY, James; AKASHI, Motoko. Translation and celebrity: The translation strategies of Haruki Murakami and their implications for the visibility paradigm. *Perspectives: Studies in Translatology*, V. 23 N° 3 458-474; 2015.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. *Translation: an advanced resource book* . Routledge, 2004.

HEILBRON, Johan.; SAPIRO, Gisèle. La traduction littéraire, un objet sociologique, in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Cairn, 2002/4 no 144, p. 3-5.
www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2004-2-page-3 htm

HOLMES, James S. *The Name and Nature of Translation Studies*. Apresentado no THIRD INTERNATIONAL CONGRESS OF APPLIED LINGUISTIC, Copenhagen, 1972.

JOHNSON, B. *Too foreign* resenha *The New Inquiry* 2012.
Disponível em: <http://thenewinquiry.com/essays/too-foreign> Acesso em: 2013.

KOSKINEN, Kaisa. *Beyond Ambivalence – Postmodernity and Ethics of Translation*. Academic Dissertation. University of Tampere, PhD, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/7847001/Beyond_Ambivalence_Postmodernity_and_the_Ethics_of_Translation_PhD_2000 Acesso emL 23/07/2016.

KOSKINEN, Kaisa.; PALOPOSKI, O. *Claims, Changes and Challenges in Translation Studies*. EST Congress, 3rd: 2001 ed. Hansen, Malmkjaer, Gile. John Benjamins, p. 27-38, 2004.

_____. Retranslations in the age of digital reproduction. [2001] *Cadernos de Tradução*, V. 1, N. 11, p. 19-38, 2003. Disponível em:
<https://web.uniroma1.it/seai/sites/default/files/Koskinen%20and%20Paloposki.pdf>

_____. Retranslation. (2010) Disponível em:
https://www.academia.edu/8364692/_2010_Koskinen_and_Paloposki_Retranslation

KRUGER, Haydee. Fluency/resistance and domestication/foreignization: A cognitive perspective (p. 4-41) *Target International Journal of Translation Studies*, Vol. 28, Issue 1, April 2016.

LEFEVERE, Andre. *Tradução, escrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann, Bauru: EDUSC, 2007.

LISPECTOR, C. (1964) *A Paixão Segundo G. H. Rocco*, Rio de Janeiro, 2009.

_____. (1988) *The Passion According to G.H.* (Ronald de Sousa, trad.). Un. of Minnesota Press, 7th printing, 2010.

_____. *The Passion According to G.H.* (Idra Novey, trad.). New Directions, NY, 2012.

_____. *A Legião Estrangeira*. Editora do Autor. Rio de Janeiro, 1964.

_____. (1978) *Um Sopro de Vida*. Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

_____. *Correspondências*. Rocco, Rio de Janeiro, 2002.

MAGALHÃES, C. Tradução e Transculturação: A Teoria Monstruosa de Haroldo de Campos, *Cadernos de Tradução*, V. 1, n. 3 UFMG, Florianópolis, 1998.

MATTOS, T.; FALEIROS, A. A Noção de Retradução nos Estudos da Tradução: um percurso teórico. *Revista Letras Raras*, p. 35-57, V. 3, N^o 2, 2014.

MILTON, John. *Tradução. Teoria e Prática*. Martins Ed. São Paulo, 2010.

MILTON, John; TORRES, Marie-Hélène. C. (orgs.) Tradução, retradução e adaptação. *Cadernos de Tradução*, v.1 n. 11, p. 9-17; 2003.

MONTI, Enrico. La retraduction, un état des lieux. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris, Orizons, p. 9-29. 2012.

MOSER, Benjamin. *Brazil's Clarice Lispector Gets a Second Chance in English*, 2011. Disponível em: <http://publishingperspectives.com/2011/12/brazil-claire-lispector-second-chance-in-english/#.VpP166ar9OE>

_____. *Clarice Lispector: The Complete Stories*, New Directions, New York, 2015.

NOVEY, Idra. *Clarice: The Visitor*. The Cahiers Series nº 23 Sylph Ed. Londres. p. 5, 2014.

OLIVEIRA, M. C. C. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica. *Tradterm*, v. 9. P. 253-260, 2003.

OLIVEIRA, T. M. Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, V. 2 No 1 pp 125-141, Juiz de Fora, 2014.

PADULA, Marília. Meu Capítulo [mensagem pessoal] Mensagem recebida por julietaw@yahoo.com em 19/04/2016

PALOPOSKI, Outi. KOSKINEN, Kaisa. “*A Thousand and One Translations*”, Benjamins, Translations Library, 2001.

PYM, Anthony. *Method in Translation History*, Manchester: St Jerome Publishing, 1998.

RABASSA, Gregory. *If this be treason: Translation and Its Dyscontents, A Memory*. New Directions, New York, 2005.

RETRANSLATION IN CONTEXT, 2013. Istanbul, Turquia: Boğaziçi University.

ROCHESTER UNIVERSITY. *Three Percent. Bibliographic information*; Rochester.edu, 2005. Disponível em: <http://www.rochester.edu/College/translation/threepencent/index.php?s=about>

RUTA, Suzanne. Everything happens in the maid’s room. (Resenha) The New York Times, Jan. 1989. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1989/01/08/books/everything-happens-in-the-maid-s-room.html> Acessado em: 23/07/2016.

SATIE, Luis. Estética e ética em Kant. *Filosofia Unisinos* 10(1):28-36, 2009.

SCHLEIERMACHER, F. [1813] Sobre os diferentes métodos de tradução. *Clássicos da Teoria da Tradução*, Heidermann, W. (Org.) (trad. de Margarete Von Mühlen Poll). UFSC, p. 218; Florianópolis: 2001.

SKIBINSKA, E. [2002] La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. *Doletiana: Revista de traduccio, literatura y arts*, Wroclaw, N. 1 p. 1-10, 2007.

SNELL-HORNBY, Mary. [1984] *The Turns of Translation Studies: New paradigms of shifting viewpoints?* John Benjamins Publ. Co., 2006

SOUSA, Ronald. W. At the Site of Language: Reading Lispector’s G.H., in *Chasqui*, 1989.

_____. Dissertação mestrado. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por julietaw@yahoo.com em 16/03/2016.

SUN, Sanjun. Strategies of Translation. Publicado Online: 2012. Disponível em: www.sanjun.org/TranslationStrategies.html Acesso em: 2013.

SUSAM-SARAJEVA, Sbenem. Multiple Entry Visa for Travelling Theory: Retranslations of Literary and Cultural Theories. *Target International Journal of Translation Studies*, 15.1, p. 1-36, 2003

_____. (Resenha) Retranslation, by Sharon Deabe-Cox. www.bloomsbury.com/us/retranslation-9781441147349/ (Acessado em 2016).

SWEETLAND, M. J. Review - St Lawrence University, 2005

TAHIR GÜRÇAĞLAR, Şehnaz. *Retranslation*. In M. Baker, G. Saldanha (org.) Routledge Encyclopedia of Translation Studies, 2a. ed., p. 233-236; 2009

TEZCAN, Tuncay. Analysing Change of Style in the Retranslation Hypothesis Context: Mrs. Dalloway by Virginia Woolf (Hacettepe University) *Retranslation in Context*, p. 18, 2013.

TOPIA, André. Finnegans Wake: la traduction parasitée. *Palimpsestes* n° 4 Sorbonne Nouvelle, p. 45-63, Paris, 1990.

TRINDADE, Thais G. Alcançando A paixão segundo G.H.: um estudo comparativo de trechos de duas traduções desta obra para a língua inglesa. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios* – V1, N2, pp. 94-105 – Juiz de Fora, 2013.

TYMOCZKO, Maria. Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts, *The Translator*, vol 6:1, p. 23-47, 2000.

VAN POUCKE, Piet. Article. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por julietaw@yahoo.com em 09/03/2016. Measuring *Foreignization* in Literary Translation: An attempt to Operationalize the Concept of *Foreignization*.

_____. Domestication and *foreignization* in Translation Studies. *TransUD-arbeiten zur Theorie und Praxis des Übersetzens und Dolmetschens* 46, p. 139-157; 2012. Disponível em: <https://biblio.ugent.be/publication/2017381>. Acesso em: 12/04/2016.

VENUTI, Lawrence. *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology* (anthology of essays, editor), Routledge, London, New York, 1992.

_____. *The Translator's Invisibility: A History of Translation* [1995]. 2nd ed., Routledge, London, New York, 2008.

VINAY Jean-Paul; DARBELNET, J. *Comparative Stylistics of French and English. A Methodology for Translation* [1958]. John Benjamins, Philadelphia; 1995.

WIDMAN, Julieta. *The Passion According to G.H. by Clarice Lispector: Translation and Retranslation from Portuguese to English*. In: RETRANSLATION IN CONTEXT, 2013, Istanbul, Turquia, 2013.

YANG, Wenfen. Brief Study on Domestication and Foreignization in Translation. *Academy Publisher Journal of Language Teaching and Research*, Finland, Vol. 1 N° 1 p. 77-80, Jan. 2010.

APÊNDICE A – Amostra Sistemática

Tabela 4 – Classificação final da amostra sistemática segundo o MMT.

Lispector	Tradução RS	Classif.	Retradução IN	Classif.
----- §1		0	-----	p.9 1
estou	I keep	8	I'm	5
procurando	looking	8	searching	8
estou		7	I'm	5
procurando	looking.	8	searching.	8
Estou		7	I'm	5
tentando	Trying	4	trying	4
entender	to understand	5	to understand	5
Tentando	Trying	4	Trying	4
dar	to give	5	to give	5
a	to	4	to	4
alguém	someone else	6	somebody else	6
o		5		5
que	what	5	what	5
vivi	I have gone through	8	I've lived	5
e	and	4	and	4
não	I don't	5	I don't	5
sei	know	4	know	4
a		11	to	4
quem	who	11	whom	4
mas	but	4	but	4
não	I don't	5	I don't	5
quero	want	4	want	5
ficar	to be alone	11	to keep	5
com	with	4		5
o	that	8	what	5
que		8		5
vivi.	experience.	8	I've lived.	5
Não	I don't	5	I don't	5
sei	Know	4	know	4
o	What	5	what	5
que		5		5
fazer	to do	5	to do	5
do	with	5	with	5
que	it	7	what	4
vivi		7	I lived	5
tenho	I 'm	5	I 'm	5
medo	terrified	8	afraid	5
dessa	of that	5	of that	5
desorganização	disorganization	4	disorder	8
profunda	profound	5	profound	5
não	I'm not sure	8	I don't	5
confio	I even believe	8	trust	5
no	in	4		5
que	what	4	what	4
me	to me	5	to me	5
aconteceu.	happened	4	happened	4
Aconteceu	did happen	5	Did happen	5
-me		11	to me	5

alguma		5		5
coisa	something	5	something	5
que	and	8	that	4
eu	I	4	I	4
pelo		8		8
fato	because	8	because	8
de		8		8
não	I didn't	5	I didn't	5
a	it	5	it	5
saber	know	4	know	4
como	how	4	how	4
viver	to experience	8	to live it	5
vivi	end up experiencing	13	lived	4
uma	something	8	as something	8/11
outra?	else instead?	13	else?	4
A	It's that	5	That's	8
isso	something	8	what	5
quereria	that I'd like	8	I'd like	8
chamar	to call	5	to call	5
desorganização	disorganization	4	disorganization	4
e	and then	8	and	4
teria	I'd have	5	I'd have	5
a	the	4	the	4
segurança	confidence	4	confidence	4
de	to	4	to	4
me		7		7
aventurar	venture forth	5	venture on	5
porque	because	4	because	4
saberia	I would know	5	I would know	5
depois		0	afterward	5
para	to	5		8
onde	where	5	where	5
voltar	to come back	5	to return	5
:	:	1	:	1
para	to	4	to	4
a	the	4	the	4
organização	organization	4	organization	4
anterior.	prior	5	previous	5
A		5		5
isso	it	5	it	5
prefiro	I prefer	5	I'd rather	5
chamar	to call	5	call	4
desorganizaçao	disorganization	4	disorganization	4
pois	because	4	because	4
não	I don't	5	I don't	5
quero	want	4	want	4
me	myself	5	myself	5
confirmar	to ground	8	to confirm	5
no	in	4	in	4
que	what	4	what	4
vivi	I experienced	8	I lived	5
-	-	1	-	1
na	in that	5	in the	5
confirmação	grounding	8	confirmation	4
de		7	of	4
mim		7	me	4
eu	I	4	I	4
perderia	would lose	5	would lose	5

o	the	4	the	4
mundo	world	4	world	4
como	as	4	as	4
eu	for me before	8	I	4
o	it	5	it	5
tinha	was	5	had	5
e	and	4	and	4
sei	I know	5	I know	5
que	that	4		5
não	I don't	5	I don't	5
tenho	have	4	have	4
capacidade	the capacity	5	the fortitude	8
para	for	4	for	4
outro.	another one.	5	another.	4
E § 123	And p. 34	4	And p. 34	p.41 4
havia	there was	5	there was	5
também	then	8	also	4
o	the	4	the	4
guarda-roupa	wardrobe:	5	wardrobe	5
estreito:	narrow	5	narrow	5
era	it	5	it	5
de	had	5	had	5
uma	one	4	a	4
porta	door	4	door	4
só	only	5	single	8
e	and	4	and	4
da	was	8	was	8
altura	tall	5	the height	5
de	as	8	of	4
uma	a	4	a	4
pessoa	person	4	person	4
de	of	4		5
minha	my	4	my	4
altura.	height.	4	height	4
A	The	4	the	4
madeira	wood	4	wood	4
continuamente	continually	4 ?	continuously	4
ressecada	dried out	5	dried	4
pelo	by the	5	by the	5
sol	sun	4	sun	4
abria-	had broken open	8	opened	4
se		5		5
em	in	4	in	4
gretas	slits	5	fissures	8
e	and	4	and	4
farpas.	cracks.	5	barbs	4
Aquela	that	4	that	5
Janair	Janair	2	Janair	2
nunca	never	4	never	5
pois		0	So	8
havia	Had	5	had	5
fechado	closed	4	closed	4
a	the	4	the	4
janela?	window?	4	window?	4
Aproveitara	She had taken advantage	5	She'd taken advantage	5
mais	even more	8	more	5
do	than	4	than	4
que		5	had	6

eu	I	4	I	4
da	of the	5	of the	5
vista	view	4	view	4
que		7		7
se		7		7
tinha		7		7
da	from the	5	from the	5
“cobertura”	“penthouse”	4	“penthouse”	4
- (Travessão) § 245	“(aspas) p.59	5	- p.63	p. 66 l
Vê,	See here	8	You see	5
meu	my	4	my	4
amor,	precious	8	love	4
vê	see	4	see	4
como	how	4	how	4
por	for	5	out of	8
medo	fear	5	fear	4
já		0	aready	5
estou	I am	5	I’m	5
organizando,	organizing	4	organizing	4
vê	see	4	see	4
como	how	4	how	4
ainda	still	5	still	5
não	not	5	n’t	5
consigo	I can	5	I can	5
mexer	touch	8	deal	8
nesses	those	5	with these	8
elementos	elements	4	elements	4
primários	primary	5	primary	5
do		5		5
laboratório	laboratory	5	laboratory	5
sem	without	4	without	4
logo	immediately	8	immediately	8
querer	trying	8	wanting	5
organizar	to put together	8	to organize	5
a	a	8		5
esperança.	hope.	4	hope	4
É	So	8	Because	8
que	as	8		5
por	of	8	for	4
enquanto	yet	8	now	8
a		5	the	4
metamorfose	metamorphosis	4	metamorphosis	4
de		8	of	4
mim		8	me	4
em	my	8	into	5
mim		8		5
mesma	inner	8	myself	4
não (dupla neg.)		12		12
faz	makes	4	makes	4
nenhum	no	4	no	4
sentido.	sense.	4	sense	4
É	such	8	It’s	5
uma	a	4	a	4
metamorfose	metamorphosis	4	metamorphosis	4
em	In	5	in	4
que		8	which	4
perco	I lose	5	I lose	5
tudo	everything	4	everything	4

o		5		5
que		5		5
eu	I	4	I	4
tinha	have had	5	had	4
e	and	4	and	4
o		5		5
que	what	4	what	4
eu	I	4	I	4
tinha	have had	5	had	4
era	has been	5	was	4
eu	myself	5	me	5
-	-	1	-	1
só	all	8	only	4
tenho	I have	5	I have	5
o	that	5		5
que	is what	8	what	5
sou.	I am.	5	I am	5
E	And	4	And	4
agora	now	5	now	5
o		5		5
que	what	5	what	5
sou?	am I ?	5	am I	5
Sou:	I am:	5	I am:	5
estar	a	8		5
de		5		5
pé	standing	8	standing	5
diante	In the presence	8	in front	5
de	of	4	of	4
um		5	a	4
susto.	fear	8	fright	4
Sou:	I am:	5	I am:	5
o		5		5
que	what	4	what	4
vi.	I have seen	5	I saw	5
Não	don't	5	don't	5
entendo	I understand	4	I understand	5
e	and	4	and	4
tenho	I am	5	I am	5
medo	afraid	5	afraid	5
de	to	4	to	4
entender	understand	4	understand	4
o	the	4	the	4
material	matter	4	matter	4
do	of the	5	of the	5
mun-do	world	4	world	4
me	me	5	me	5
assusta	frightens	4	frightens	4
com	with	4	with	4
os		5		5
seus	its	4	its	4
planetas	planets	4	planets	4
e	and	4	and	4
baratas.	Its cockroaches" (aspas)	6 + 5	roaches.	4
Mas § 367	But p.88	4	But p.96	p. 95 4
também	also	5	also	5
sabia	I knew	5	I knew	5
que	that	4	that	4
a				5

ignorância	ignorance	4	ignorance	5
da	of the	5	of the	5
lei	law	4	law	4
do	of	5	of the	5
irredutível	irreducibility	8	irreducible	4
não	was no	5	was no	5
me		8		8
escusava.	excuse.	8	excuse	8
Eu	I	4	I	4
não	no	5	no	5
poderia	could	5	could	5
mais	longer	5	longer	5
me	myself	5	myself	5
escusar	excuse	5	excuse	5
alegando	with the claim	8	by claiming	5
que	that	4		7
não	I didn't	5	I didn't	5
conhecia	know	5	know	5
a	the	4	the	4
lei	law	4	law	4
-	-	1	-	1
pois	for	5	since	5
conhecer-	knowledge	8	knowing	4
se	of self	8	oneself	5
e	and	4	and	4
conhecer		7	knowing	4
ao	of the	5	the	5
mundo	world	4	world	4
é	is	4	is	4
a	the	4	the	4
lei	law	4	law	4
que	that	4	that	4
mesmo	even though	8	even	4
inalcançável	unattainable	4	unattainable	4
não	not	5	not	5
pode	can	5	can	5
ser	be	4	be	4
infringida	broken	8	infringed	4
e	and	4	and	4
ninguém	no one	5	nobody	4
pode	can	4	can	4
escusar-	excuse	4	be excused	8
se	himself	4		8
dizendo	by saying	5	by claiming	8
que	that	4		7
não	doesn't	5	not	4
a	it	5	it	5
conhece.	he know	5	to know	5
Pior:	Worse:	4	Worse:	4
a	the	4	the	4
barata	cockroach	4	roach	4
e	and	4	and	4
eu	I	4	I	4
não	not	5	not	5
estávamos	were	4	were	4
diante	in the presence	8	faced	8
de	of	4	with	8
uma	a	4	a	4

lei	law	4	law	4
a	to	4		5
que	which	4		5
devíamos	we owed	5	we had	8
obediência	obedience	4	to obey	5
:	.	11	:	1
nós		0	we	4
éramos		0	were	5
a		0	the	4
própria		0	ourselves	11
lei		0	law	4
ignorada		0	unknown	5
a		0		5
que		0	that	4
obedecíamos.		0	we obeyed	5
O	The	4	The	4
pecado	of the sin	8	sin	5
renovadamente	renewed	8	renewedly	5
original	originality	8	original	5
é	is	4	is	4
este:	this:	4	this:	4
tenho	I have	5	I must	8
que		5		5
cumprir	to carry out	5	fulfill	4
a		5		5
minha	my own	8	my	4
lei	law	5	law	4
que		5	of which	5
ignoro	unknown	8	I am unaware	8
e	and	4	and	4
se	if	4	if	4
eu	I	4	I	4
não	don't	5	don't	5
cumprir	carry out	5	fulfill	4
a		5		5
minha	my	4	my	4
ignorância	unknowing	8	ignorance	4
estarei	I shall be	5	I shall be	5
pecando	sinning	4	sinning	4
originalmente	originally	4	originally	5
contra	against	4	against	4
a		5		5
vida.	life.	4	life	4
- (travessão) § 489	“ (aspas) p.117	5	- p.129	p.124 1
Mas	But	4	But	4
é	the fact is	8		5
que	that	4		5
tornar-	becoming	5	becoming	5
se		5		5
humano	human	4	human	4
pode	can	4	can	4
se	become	8	be	5
transformar	transformed	5	transformed	5
em	into an	5	into an	5
ideal	ideal	4	ideal	4
e	and	4	and	4
sufocar-	can suffocate	6	suffocate	4
se	itself	4		0

de	through	8	beneath	8
	slow	13		
acréscimos	accretions	4	accretions	4
...	...	1	...	1
Ser	Being	4	To be	5
humano	human	4	human	4
não	not	5	not	5
deveria	should	5	ought	4
ser	be	4	be	4
um	an	4	an	4
ideal	ideal	4	ideal	4
para	for	4	for	4
o		5		5
homem	humankind	8	man	4
que	which	4	who	4
é	is	4	is	4
fatalmente	by fate	8	inevitably	8
humano,	human	4	human	4
ser	being	4	being	4
humano	human	4	human	4
tem	has	4	must	8
que		5		5
ser	to be	5	be	4
o	the	4	the	4
modo	way	4	way	4
como	as	5	that	8
eu	I	4	I	4
coisa	as a thing	5 ? 6?	thing	4
viva	living	5	living	5
obedecendo	obeying	4	obeying	4
por	through	5		5
liberdade	freedom	4	freely	8
ao	the	5	the	5
caminho	path	4	path	4
do	of	4	of	4
que		8	whatever	8
é	things	8	is	4
vivo	living	5	alive	4
sou	I am	5	am	4
humana.	human	4	human	4
E	And	4	And	4
não	don't	5	don't	5
preciso	I need	5	I need	5
cuidar	to take care	5	to care	5
sequer	even	5	even	5
da	of	5	for	5
minha	my	4	my	4
alma	soul	4	soul	4
ela	it	5	it	5
cuidará	will take care	8	will care	5
fatalmente	fatefully	4	inevitably	8
de	of	4	for	5
mim	me	4	me	4
e	and	4	and	4
não	don't	5	don't	5
tenho	I need	8	I have	5
que	to	5	to	5
fazer	make	4	make	4

para	for	5	for	5
mim	myself	5	myself:	5
mesma		5		5
uma	a	5	a	5
alma:	soul	5	soul	5
tenho	I have	5	I have	5
apenas	just	8	all to do	8
que	to	5	to	5
escolher	choose	4	choose	4
viver.	to live.	5	to live	5
Somos	We are	5	We are	5
livres	free	5	free	5
e	and	4	and	4
este	this	4	that	5
é	is	4	is	4
o		5		5
inferno.	Hell	8	hell	4
Mas	But	4	But	4
há	there are	5	there are	5
tantas	so many	5	so many	5
baratas	cockroaches	4	roaches	4
que	that	4	that	4
parece	it seems like	5	they appear	8
uma	a	4	a	4
prece.	prayer.	4	prayer	4
A § 611	The p.147	4	The p.161	p.154 4
coisa	thing	4	thing	4
é	is	4	is	4
tão	so	4	so	4
delicada	delicate	4	delicate	4
que		8	that	4
eu		8	I	4
me	me	5	am	8
espanto	it astonishes	8	astonished	8
de		5		5
que	that	6		5
ela	it	8	it	5
chegue	ever becomes	8	manages	8
a		8		5
ser		8	to be	5
visível.	visible	4	visible	4
E	And	4	And	4
há	there are	5	there are	5
coisas	things	4	things	4
ainda	so	5	Even so	5
tão	more	5	more	5
mais	much	5	much	5
delicadas	delicate	5	delicate	5
que	that	4	that	4
estas	they	8	they	8
não	not	4	not	4
são	are	5	are	5
visíveis.	visible	5	visible	5
Mas	But	4	But	4
todas	all	5	all of them	5
elas	they	4		5
têm	have	4	have	4
uma	a	4	a	4

delicadeza	delicacy	5	delicateness	4
equivalente	equivalent	4	equivalent	4
ao	to	4	to	4
que	what	4	what	4
significa	it means	5	it means	5
para	for	4	for	4
o		5		5
nosso	our	4	our	4
corpo	body	4	body	4
ter	to have	5	to have	5
o	a	8	a	8
rosto:	face:	4	face:	4
a	that	8	the	4
sensibilização	sensitization	5	sensitization	5
do	of the	5	of the	5
corpo	body	4	body	4
que	that	4	that	4
é	is	4	is	4
um	a	4	a	4
rosto	face	4	face	4
humano.	human	5	human	5
A	The	4	The	4
coisa	thing	4	thing	4
tem	has	4	has	4
uma	a	4	a	4
sensibilização	sensitization	5	sensitization	5
dela	about	8	of	5
própria	itself	4	itself	4
como	that is like	8	like	4
um	a	4	a	4
rosto.	face	4	face	4

Na tradução de RS faltaram 9 palavras no parágrafo 367, tanto na 2a. edição como na sétima edição da tradução (Não verifiquei outras edições).

Total = **542** palavras - 6 parágrafos:

(primeiro, sorteado) = **1** (número do parágrafo)

(1 + 122) = **123**

(1+122+122) = **245**

(1+122+122+122) = **367**

(1+122+122+122+122) = **489**

(1+122+122+122+122+122) = **611**

Tabela 5 - Resultados das FA e FR da Amostra Sistemática

Modalidades	RS		IN	
	Nº (FA)	% (FR)	(FA)	% (FR)
Omissão	13	2,40	0	0
Transcrição	5	0,92	8	1,47
Empréstimo	0	0	0	0
Palavra-por-palavra	219	40,40	263	48,52
Transposição	188	34,68	221	40,77
Explicitação	5	0,92	0	0,20
Implicitação	11	2,03	6	1,10
Modulação	90	16,60	45	8,30
Adaptação	0	0	0	0
Erro	4	0,74	0	0
Correção	1	0	0	0
Acréscimo	3	0,5	0	0

Tabela 6 – Proporção de Domesticção e Literalidade na T e RT

	Domesticção	Literalidade
Tradução	18,63%	76,0%
Retradução	9,41%	90,49%

Para Domesticção, foram somadas as FR de Implicitação + Modulação.

Para Literalidade, foram somadas as FR de Palavra-por-palavra + Transposição + Explicitação.

ANEXO A – Primeiro Relatório do Centro de Estatística Aplicada – CEA/USP

Centro de Estatística Aplicada – CEA – USP
Tel./Fax: 3091-6133

RELATÓRIO DE ENTREVISTA/CONSULTA

Projeto:

“Retradução – A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector para a língua inglesa: um estudo de caso”.

Código: 15E25

Pesquisador: Julieta Widman

Área e Instituição: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
FFLCH - USP

Finalidade do projeto: Mestrado

Participantes da entrevista: Adriana Zavaglia
Antonio Carlos Pedroso de Lima
Danilo Umemaru Nunes
Erica da Silva
Gisela Tunes da Silva
Julieta Widman
Marília Vieira Padula

Data: 10/11/2015

Finalidade da entrevista: Auxiliar na amostragem dos dados e dimensionamento de amostra.

Relatório elaborado por: Marília Vieira Padula

CENTRO DE ESTATÍSTICA APLICADA – CEA – USP
RELATÓRIO DE CONSULTA

TÍTULO: “Retradução – A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector para a língua inglesa: um estudo de caso”

PESQUISADOR: Julieta Widman

ORIENTADOR: Profa. Dra. Adriana Zavaglia

INSTITUIÇÃO: FFLCH - USP

FINALIDADE DO PROJETO: Mestrado

PARTICIPANTES DA ENTREVISTA:

- Adriana Zavaglia
- Antonio Carlos Pedroso de Lima
- Danilo Umemaru Nunes
- Erica da Silva
- Gisela Tunes da Silva
- Julieta Widman
- Marília Vieira Padula

DATA: 10/11/2015

FINALIDADE DA CONSULTA: Auxiliar na amostragem dos dados e dimensionamento de amostra

RELATÓRIO ELABORADO POR: Marília Vieira Padula

1. INTRODUÇÃO

No processo de globalização, em âmbitos comerciais, políticos e culturais, a prática da tradução tem apresentado importância cada vez maior, contribuindo para a troca de informações.

Neste campo de estudo, que é muito vasto, existe uma área que estuda as retraduições. O presente estudo baseia-se em obras que foram traduzidas mais de uma vez e/ou por mais de um autor.

A denominada *hipótese da retradução* (BERMAN, 1990) afirma que as primeiras traduções são mais domesticantes do que as retraduições, ou seja, se uma obra já foi traduzida, uma retradução que possa surgir será sempre traduzida de forma mais direta (ao pé da letra, literal) do que a primeira tradução, independentemente do autor ter tido acesso ou não à primeira tradução.

O projeto em questão tem por objetivo comparar duas traduções, para o inglês, da obra "A paixão segundo G.H.", de Clarice Lispector. A primeira tradução é de 1988 e a retradução, de 2012.

2. DESCRIÇÃO DO ESTUDO

Para testar a hipótese da retradução, pretende-se comparar a proporção de palavras com tradução *mais direta* ou *oblíqua* (isto é, pelo sentido no contexto) entre a tradução e a retradução da obra de Clarice Lispector.

O método utilizado para categorizar as palavras da retradução como *mais direta* ou *oblíqua* em relação à tradução foi o *Método das Modalidades de Tradução* (ou MMT, de AUBERT, 1984), que permite avaliar o grau de diferenciação linguística entre o texto original e os textos traduzidos. É a primeira vez que este método será utilizado para avaliar o grau de diferenciação linguística entre tradução e retradução: logo, deseja-se avaliar se o mesmo também é apropriado para esta finalidade.

O MMT permite classificar a palavra traduzida em 13 categorias: Omissão, Transcrição, Empréstimo, Decalque, Palavra por palavra, Transposição, Explicitação, Implicitação, Modulação, Adaptação, Erro, Correção, Acréscimo. As seis primeiras categorias podem ser resumidas como tipos de tradução literal/direta, e as demais, como tipos de tradução oblíqua.

$$4 + 5 + 6$$

$$7 + 8 + 9$$

3. DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS E PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Neste estudo, consideram-se como possíveis unidades amostrais as palavras contidas na obra original de Clarice e a cada unidade amostral serão associadas duas variáveis: a primeira será a palavra traduzida (tradução de 1988) e a segunda será a palavra retraduzida (tradução de 2012).

Uma amostragem piloto já foi realizada, na qual os seguintes 14 parágrafos da obra de Clarice Lispector foram analisados (total de 1000 palavras, unidades amostrais): 84, 95, 26, 88, 52, 59, 12, 3, 2, 67, 1, 314, 493, 494. A amostragem utilizada foi aleatória simples, utilizando uma tabela de números aleatórios, de 1 a 99. Os três últimos parágrafos foram amostrados por conveniência da pesquisadora, uma vez que não havia parágrafos sorteados após o 99.

O número total de parágrafos da obra é 730. Observa-se que a amostra piloto contém muitos parágrafos do início do livro e pouquíssimos do final. Se existe a possibilidade de que as traduções não sejam homogêneas ao longo da obra, é importante que a amostra contenha parágrafos razoavelmente distribuídos na totalidade do texto.

4. SITUAÇÃO ATUAL DO PROJETO

O desenvolvimento da parte teórica do projeto está bem avançado, porém as partes metodológica e experimental estão no início. A pesquisadora procurou o Centro de Estatística Aplicada do IME-USP para auxiliá-la na estruturação do plano amostral e cálculo do tamanho amostral necessário na parte experimental do projeto.

5. SUGESTÕES DO CEA

5.1 DIMENSIONAMENTO DA AMOSTRA

Dado o caráter pareado das duas variáveis envolvidas, os resultados do estudo poderiam ser resumidos pela seguinte tabela de dupla entrada:

Tabela 1. Frequência das classificações das palavras na obra de Clarice

Tradução	Retradução		Total
	Domesticante	Literal	
Domesticante	N_{00}	N_{01}	N_{0*}
Literal	N_{10}	N_{11}	N_{1*}
Total	N_{*0}	N_{*1}	N

em que,

- N_{00} é o número de palavras da obra de Clarice traduzidas (1988) e retraduzidas (2012) de maneira domesticante;
- N_{01} é o número de palavras traduzidas de maneira domesticante e retraduzidas de maneira literal;
- N_{10} é o número de palavras traduzidas de maneira literal e retraduzidas de maneira domesticante;
- N_{11} é o número de palavras traduzidas e retraduzidas de maneira literal;
- N_{0*} é o número de palavras traduzidas de maneira domesticante.
- N_{1*} é o número de palavras traduzidas de maneira literal.
- N_{*0} é o número de palavras retraduzidas de maneira domesticante.
- N_{*1} é o número de palavras retraduzidas de maneira literal.
- N é o total de palavras da obra.

Os objetivos do projeto implicam em testar se houve mudança de classificação das palavras da obra nos dois instantes considerados: tradução e retradução. Em outras palavras, deseja-se verificar se uma palavra foi considerada como domesticante na tradução e, no processo de retradução, foi traduzida de forma literal. Assim sendo, o objetivo principal envolve testar as seguintes hipóteses:

$$H_0: p_{01} = p_{10} \text{ versus } H_A: p_{01} > p_{10}$$

em que,

- p_{01} é a probabilidade da palavra ser traduzida de maneira domesticante e retraduzida de maneira literal, ou seja, N_{01}/N ;

- p_{10} é a probabilidade da palavra ser traduzida de maneira literal e retraduzida de maneira domesticante, ou seja, N_{10}/N ;

Um procedimento apropriado para testar as hipóteses anteriores é baseado no teste de McNemar (CHOW et al., 2007). Denotando $\psi = p_{01}/p_{10}$ e $\pi_{\text{Discordante}} = p_{01} + p_{10}$, o tamanho da amostra, denotado por n , pode então ser calculado através da expressão:

$$n = \frac{\left[z_{\alpha/2}(\psi+1) + z_{\beta} \sqrt{(\psi+1)^2 - (\psi-1)^2 \pi_{\text{Discordante}}} \right]^2}{(\psi-1)^2 \pi_{\text{Discordante}}}$$

Os valores de $z_{\alpha/2}$ e z_{β} podem ser obtidos de tabelas adequadas, fixando-se o *nível de significância* α e o valor de $1-\beta$, representando o *poder do teste*. Maiores detalhes podem ser vistos em BUSSAB e MORETIN, 2013.

Para realizar o cálculo do tamanho amostral, foram consideradas as contagens da amostra piloto, apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 2. Frequências observadas na amostra piloto.

Tradução	Retradução		Total
	Domesticante	Literal	
Domesticante	80	132	212
Literal	42	717	759
Total	122	849	971

Os casos em que a pesquisadora teve dúvidas ou não soube classificar as palavras segundo as classes consideradas foram excluídos da tabela acima, e por este motivo, o total (n) é inferior a 1000.

A partir dos dados da Tabela 2, obtém-se uma estimativa para ψ igual a 3,14 e uma estimativa para $\pi_{\text{Discordante}}$ igual a 0,18.

Utilizando-se o pacote TrialSize, do software R (R CORE TEAM, 2015), pode-se construir a Tabela 3, para alguns valores de α e $1-\beta$.

Tabela 3. Tamanhos amostrais para diferentes valores de α e poder

Nível de Significância (α)	Poder do teste ($1 - \beta$)			
	99%	95%	90%	85%
1%	490	365	306	269
5%	374	266	216	185

A análise das palavras traduzidas e retraduzidas será feita por parágrafo, para que o contexto em que se inserem seja considerado. Temos a informação de que o texto possui 730 parágrafos e aproximadamente 60.000 palavras, o que resulta em, aproximadamente, 83 ($=60.000/730$) palavras por parágrafo. Para contemplar o tamanho amostral necessário estimado, a pesquisadora deverá analisar em torno de 6 parágrafos (n obtido pela estimação que considera 99% para o poder do teste e 1% para o nível de significância; na discussão a seguir, serão considerados estes valores para α e $1-\beta$).

5.2 AMOSTRAGEM

Sugere-se o uso de uma amostragem sistemática a fim de se cobrir a obra em sua totalidade, sem que haja perda de precisão em relação a amostragem aleatória simples (BOLFARINE e BUSSAB, 2005).

Dado que, dentre os 730 parágrafos totais da obra, devemos analisar 6, estariam sendo analisados, aproximadamente, 0,82% dos parágrafos do texto. Como já existe uma amostra coletada que contém muitos parágrafos do início da obra, sugere-se o seguinte procedimento:

- i. Selecionar de forma aleatória um dos parágrafos já avaliados que esteja entre os 122 primeiros. Deve-se, portanto, selecionar um dentre os parágrafos 1, 2, 3, 12, 26, 52, 59, 67, 84, 88, 95.
- ii. Após sorteado o parágrafo, somar 122 à sua posição e selecionar o parágrafo na posição correspondente. Por exemplo, se o parágrafo sorteado for o de posição 67 em (i), selecionar o parágrafo de posição $67+122=189$.
- iii. Em sequência, selecionar os outros parágrafos somando-se $2 \times 122=244$, $3 \times 122=366$, $4 \times 122=488$ e $5 \times 122=610$ à posição do parágrafo inicialmente selecionado. Por exemplo, se o parágrafo

inicial for o 67, selecionaríamos os parágrafos 189 (67 + 122), 311 (67 + 122 + 122), 433 (67 + 122 + 122 + 122), 555 (67 + 122 + 122 + 122 + 122) e 677 (67 + 122 + 122 + 122 + 122 + 122).

5.3 PRÓXIMOS PASSOS

Depois de aplicada amostragem sugerida, o próximo passo é a comparação propriamente dita das proporções de palavras traduzidas e retraduzidas.

Esta análise não é trivial devido à possível dependência entre as palavras traduzidas de um mesmo parágrafo, uma vez que o sorteio será dos os parágrafos e não das palavras. Sugere-se que esta análise seja feita em um projeto a ser submetido para triagem no Centro de Estatística Aplicada, no início do semestre.

6. BIBLIOGRAFIA

AUBERT, F. H. (1984). Descrição e quantificação de dados em Tradutologia. **Tradução e Comunicação**, 4, 71-82.

BERMAN, A. (1990). La retraduction comme espace dela traduction. **Palimpsestes**, XIII,: 1-7.

BOLFARINE, H. e BUSSAB, W.O. (2005) **Elementos de Amostragem**. ABE – Projeto Fisher. São Paulo: Blucher, 269p.

BUSSAB, W. O. e MORETTIN, P. A. (2013). **Estatística Básica**. 8a.ed. São Paulo: Saraiva, 540p.

CHOW, S.C., SHAO, J., WANG, H. (2007). **Sample size calculations in clinical research**.2.ed. New York: Chapman & Hall/CRC. 480p.

R CORE TEAM (2015). **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing. Disponível em <https://www.R-project.org>.

ADENDO AO ANEXO A – Modificação das hipóteses

(enviado por e-mail por Marília Padula a julietaw@yahoo.com em 19/4/2016)

A HIPÓTESE ANTERIOR DIZIA:

Isto é, deseja-se verificar se uma palavra foi considerada como domesticante na tradução e, no processo de retradução, foi traduzida de forma literal. (não sei se é possível, consultar CEA⁸⁹). Assim sendo, o objetivo principal envolve testar as seguintes hipóteses:

$$H_0 : p_{01} = p_{10} \quad \textit{versus} \quad H_A : p_{01} > p_{10}$$

em que:

- p_{01} é a probabilidade da palavra ser traduzida de maneira domesticante e retraduzida de maneira literal, ou seja N_{01}/N ;
- p_{10} é a probabilidade da palavra ser traduzida de maneira literal e retraduzida de maneira domesticante, ou seja, N_{10}/N ”;

ACREDITO QUE PODERÍAMOS ALTERAR ESSA HIPÓTESE PARA:

Isto é, deseja-se verificar se a proporção de palavras classificadas como domesticante na tradução é superior a proporção de palavras classificadas como desta mesma maneira na retradução. Assim sendo, o objetivo principal envolve testar as seguintes hipóteses:

$$h_0 : p_1 \geq p_2 \quad \textit{versus} \quad h_a : p_{01} < p_{10}$$

em que:

- p_1 é a proporção de palavras *traduzidas* (1988) de maneira domesticante;
- p_2 é a proporção de palavras *retraduzidas* (2012) de maneira domesticante.

⁸⁹ A proposta do MMT é analisar as % de cada modalidade.

**ANEXO B – Segundo Relatório do Centro de Estatística Aplicada
CEA/USP**

**CENTRO DE ESTATÍSTICA APLICADA – CEA – USP
RELATÓRIO DE CONSULTA**

TÍTULO: “Retradução – A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector para a
língua inglesa: um estudo de caso”

PESQUISADOR: Julieta Widman

ORIENTADOR: Profa. Dra. Adriana Zavaglia

INSTITUIÇÃO: FFLCH - USP

FINALIDADE DO PROJETO: Mestrado

PARTICIPANTES DA ENTREVISTA:

- Beatriz Albiero
- Denise Aparecida Botter
- Julieta Widman
- Marília Vieira Padula
- Mônica Carneiro Sandoval

DATA: 15/03/2016

FINALIDADE DA CONSULTA: Análise de dados

RELATÓRIO ELABORADO POR: Beatriz Albiero e Marília Vieira Padula

INTRODUÇÃO

No processo de globalização, em âmbitos comerciais, políticos e culturais, a prática da tradução tem apresentado importância cada vez maior, contribuindo para a troca de informações.

Neste campo de estudo, que é muito vasto, existe uma área que estuda as retraduições. O presente estudo baseia-se em obras que foram traduzidas mais de uma vez e/ou por mais de um autor.

A denominada *hipótese da retradução* (BERMAN, 1990) afirma que as primeiras traduções são mais domesticantes (pelo sentido no contexto) do que as retraduições, ou seja, se uma obra já foi traduzida, uma retradução que possa surgir será sempre traduzida de forma mais estrangeirizante (ao pé da letra, literal) do que a primeira tradução, independentemente do autor ter tido acesso ou não à primeira tradução.

O projeto em questão tem por objetivo comparar duas traduções, para o inglês, da obra "A paixão segundo G.H.", de Clarice Lispector. A primeira tradução é de 1988 e a retradução, de 2012.

1. DESCRIÇÃO DO ESTUDO

Para testar a hipótese da retradução, pretende-se comparar a proporção de palavras com tradução domesticante entre a tradução e a retradução da obra de Clarice Lispector.

O método utilizado para categorizar as palavras da tradução e da retradução como estrangeirizante ou domesticante, em relação à obra original, foi o *Método das Modalidades de Tradução* (ou MMT, de AUBERT, 1984). É a primeira vez que este método será utilizado na avaliação do grau de diferenciação linguística entre tradução e retradução.

O MMT permite classificar a palavra traduzida (ou retraduzida) em 13 categorias: Omissão (0), Transcrição (1), Empréstimo (2), Decalque (3), Palavra por palavra (4), Transposição (5), Explicitação (6), Implicitação (7), Modulação (8), Adaptação (9), Erro (10), Correção (11), Acréscimo (12). As categorias (4), (5) e (6) podem ser resumidas como tipos de tradução estrangeirizante, e as categorias (7), (8) e (9) como tipos de tradução domesticante. Logo, o objetivo é testar se a ocorrência de tradução

domesticante (categorias 7, 8 e 9) prevalece na tradução em relação à retradução.

2. SITUAÇÃO ATUAL DO PROJETO

Em novembro de 2015, uma consulta referente a este estudo foi realizada pelo Centro de Estatística Aplicada do IME-USP. Neste primeiro momento, o objetivo era auxiliar a pesquisadora na estruturação do plano amostral e no cálculo do tamanho amostral necessário para a parte experimental do projeto.

Após a análise de uma amostra piloto, sugeriu-se que fosse feita uma amostra sistemática (BOLFARINE e BUSSAB, 2005) dos parágrafos da obra original. Foram selecionados seis parágrafos (1, 123, 245, 367, 489 e 611) e, destes, todas as palavras foram classificadas segundo o método MMT.

A análise descritiva referente às classificações sugere, como se pode ver na Figura 1, que a diferença (amplitude) entre o número de palavras classificadas em cada categoria quando se compara a tradução com a retradução parece diferir entre alguns parágrafos.

No total, foram analisadas 543 palavras dos seis parágrafos selecionados da obra original. Para proceder com a comparação de proporções proposta, foram consideradas somente as palavras classificadas nos dois instantes como estrangeirizante (categorias 4, 5 e 6) ou domesticante (categorias 7, 8 ou 9), totalizando 511 palavras. Na Figura 2, é possível notar que a proporção de palavras classificadas como domesticante é inferior na retradução, para todos os parágrafos.

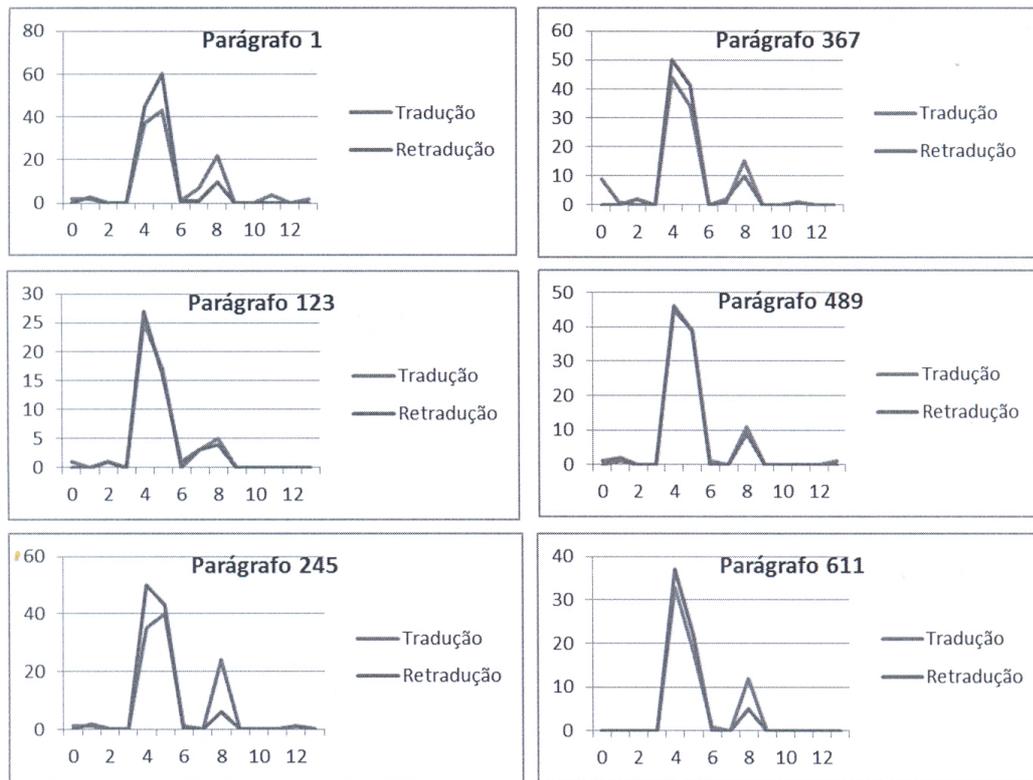


Figura 1: Frequência de palavras segundo cada categoria, parágrafo e versão

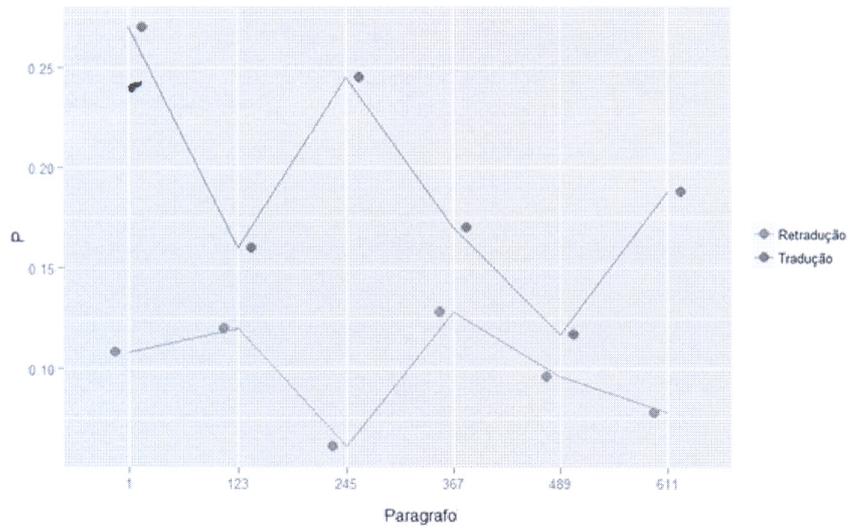


Figura 2: Proporção de palavras classificadas como domesticante em cada parágrafo e versão

3. SUGESTÕES DO CEA

Com uma amostra representativa de palavras da obra, o objetivo desta consulta é testar a hipótese da retradução de Berman. Trata-se de uma situação que envolve medidas repetidas: a mesma palavra da obra foi classificada como domesticante ou estrangeirizante em dois momentos diferentes, na tradução de 1988 e na retradução de 2012.

Propõe-se, então, o ajuste de um modelo tendo como resposta binária a classificação da palavra nos dois momentos considerados (0 – tradução estrangeirizante, 1- tradução domesticante).

Visto isso, o modelo foi ajustado via Equações de Estimação Generalizada (ARTES e BOTTER, 2005). Este modelo considerou efeitos de parágrafo (influência do parágrafo em que a palavra está inserida), versão (influência da versão, tradução ou retradução), e a interação entre eles.

A escolha do modelo deve-se ao fato de ser considerada no ajuste uma matriz de correlações entre as duas versões, bem como devido à natureza binária da variável resposta. O ajuste do modelo citado acima foi feito com auxílio do software R, pacote *gee* (R CORE TEAM, 2015).

Apesar da análise descritiva (Figuras 1 e 2) apontar uma possível interação entre parágrafo e versão, a um nível de significância $\alpha = 0,05$, este efeito não mostrou significância estatística (valor-p igual a 0,083). Da mesma maneira, não houve efeito de parágrafo (valor-p igual a 0,379). Entretanto, o efeito de versão mostrou-se estatisticamente significativo (valor-p $< 0,001$), confirmando a hipótese das retraduições de Berman.

4. CONCLUSÃO

O ajuste do modelo demonstrou evidência estatística de que a proporção de palavras retraduzidas de maneira domesticante é menor do que a proporção de palavras traduzidas desta mesma forma. Assim, confirma-se a hipótese de Berman, ou seja, as primeiras traduções são mais domesticantes do que as retraduições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTES, R. e BOTTER, D.A. (2005). **Funções de Estimação em Modelos de Regressão**. 1. ed. São Paulo: ABE. v. 1. 147p.

AUBERT, F. H. (1984). Descrição e quantificação de dados em Tradutologia. **Tradução e Comunicação**, 4, 71-82.

BERMAN, A. (1990). La retraduction comme espace dela traduction. **Palimpsestes**, XIII,: 1-7.

BOLFARINE, H. e BUSSAB, W.O. (2005) **Elementos de Amostragem**. ABE – Projeto Fisher. São Paulo: Blucher, 269p.

R CORE TEAM (2015). **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing. Disponível em <https://www.R-project.org>.